REVISTA DO INST. HIST. E GEOG. PARAHYBANO

João Pessôa
Estado da Parahyba
Brasil

Participo que recebi o volume IX da Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano.

Data .....

Assignatura .....

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO

Vol. 9.º — 1937

Estado da Parahya

1.ª PARTE

HISTORIA

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DA PARAHYBA

A SUA FUNDAÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905

Conego Florentino Barbosa

O seculo XIX, o que dera ao Brasil o genio assombroso de Ruy Barbosa, os talentos admiraveis de Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, Tobias Barrêtto de Menezes, o Barão do Rio Branco, Euclydes da Cunha e innumeros outros, foi tambem prodigo com a Parahyba, dando-lhe intelligencias privilegiadas como as do padre Francisco João de Azevêdo, Arruda Camara, Pedro Americo de Figueirêdo, Cama e Mello, Epitacio Pessôa, Augusto dos Anjos, João Pereira de Castro Pinto, Carlos Dias Fernandes, Manuel Tavares Cavalcanti, Arthur Achilles, Ireneu Ferreira Pinto e mais uma numerosa falange.

No entanto a velha Felippéa, de estylo pesadamente colonial, enriquecida de tantos espiritos brilhantes e fecundos, era pobre em associações de caracter scientifico, porque não possuia sequer uma que lhe sacudisse os nervos indolentes ou agitasse a vida entorpecida pelos miasmas do Sanhauá.

Mas, a intelligencia humana não pode viver muito tempo num estado de estagnação, principalmente quando ella scintilla dentro de brumas densas quaes as que annuviavam a atmosphera da intellectualidade parahybana no começo do nosso seculo.

Aqui ou alli, repontavam idéas que se perdiam no seu isolamento sem nenhum proveito para a terra que era o berço de tantos homens de talento.

Por fortuna vieram a colidir estas idéas e o choque agitou os membros laços da velha cidade colonial: fez-se a luz, e ella foi despertando do seu torpor para uma vida nova que progrediu tão rapidamente que, depois de 30 annos, a encontramos na vanguarda dos grandes centros civilizados do mundo.

Eram idéas que se originavam no nosso meio intellectual, que partiam de alguns daquelles espiritos de escol que ainda ornavam a nossa terra no primeiro lustro do presente seculo. Eram elles: João Pereira de Castro Pinto, Arthur Achilles, Ireneu Pinto, o homem traça, Coriolano de Medeiros, Flavio Marója, etc.

Aquellas idéas, que estractificavam a mente dos nossos intellectuaes de então, convergiam para um só ponto, como as aguas de rios caudalosos para o mar, harmonizaram-se em um só sentido, e concretizaram-se na objectivação de um nucleo scientifico que é o nosso Instituto Historico.

Essa **idéa mater** encontrava apoio em outros centros de igual natureza já existentes em muitas outras unidades da Confederação Brasileira.

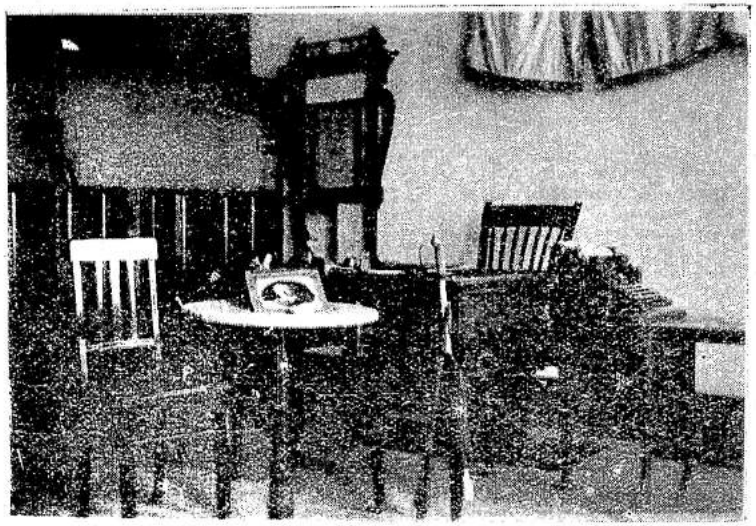
Dest'arte foi levada a effeito, em 7 de setembro de 1905, data em que se fundou definitivamente este sodalicio que depois de quatro annos mereceu ser reconhecido de utilidade publica pela lei estadual n. 317, de 22 de outubro de 1909.

Este facto, porém, não se deu senão depois de varias tentativas, conforme se verifica do relatorio de 7 de setembro de 1906. Aliás todas as empresas de elevado alcance social não podem ser effectivadas sem previas e

maduras reflexões, sem exames profundos dos motivos que as determinam, e sem as considerações das consequencias que dellas possam decorrer. E o Instituto Historico pertence ao numero dessas empresas.

A despeito das difficuldades do momento, a idéa surtiu o effeito desejado: era uma **idéa força**, como diria Fouillés. Germinou como semente de primeira qualidade, e repontou como nova aurora no dia em que a Patria commemorava a gloriosa ephemeride da sua independencia.

Iniciou-se, então, a phase evolutiva, com a primeira sessão preparatoria realizada a 10 de setembro do mesmo anno, na Sala da Congregação do Lyceu Parahybano, com a presença dos senhores Seraphico da Nobrega, João Machado da Silva, Castro Pinto, Flavio Marója, Americo Carvalho, Apollonio Zenayde, Tavares Cavalcanti, Xavier Junior, João de Lyra Tavares, Carlos



GABINETE JOÃO PESSÔA — Museu do Instituto Historico.

Alverga, Francisco Coutinho, Ireneu Pinto, José Borba, Theodoro de Sousa e José Candido. (1)

A primeira deliberação tomada naquelle momento fôra a de organizar a directoria provisoria, cujo objectivo principal era assentar as bases definitivas do Instituto, dando-lhe uma lei organica pela qual devia regular-se em todos os aspectos da sua vida social.

A este proposito nomeou-se uma commissão para elaborar o projecto de estatutos, a qual constava dos senhores Flavio Marója, Castro Pinto, João Machado, Ireneu Pinto, João Lyra, Francisco Coutinho e Tavares Cavalcanti.

(1) O presidente expoz o fim da reunião que era organizar definitivamente o Instituto já fundado no dia 7 de setembro pela commissão que promoveu a commemoração do dia da Independencia nacional.

Ficou resolvido que o fim da agremiação seria o de estudar a Geographia e a Historia do Estado a que dedicaria todos os esforços. (Acta da sessão de 7 de setembro de 1905, V. I.

Em 1 de outubro o prjoecto era submettido á discussão, soffrendo alguns reparos em diversos capitulos. (2)

Encerrada aquella e approvados os Estatutos, o sr. Tavares Cavalcanti pediu a nomeação de uma junta para encarregar-se da redacção definitiva dos mesmos.

Isto feito, estaria o Instituto organizado, faltando-lhe apenas um corpo directivo que logo se formou em virtude de uma proposta do sr. Castro Pinto.

Fôram então eleitas a directoria e as commissões permanentes.

A primeira directoria constou dos senhores Seraphico da Nobrega, presidente; Flavio Marója, 1.º vice-presidente; conego Santino Coutinho, 2.º vice-dito; Manuel Tavares Cavalcanti, 1.º secretario; Coriolano de Medeiros, 2.º dito; Maximiano Machado, supplente do 2.º dito; Castro Pinto, orador; João Machado, vice-dito; thesoureiro, Francisco Coutinho e bibliothecario, Ireneu Pinto.

COMMISSÃO DE SYNDICANCIA E CONTAS:

Dr. Eutichio Autran, Pedro Pedrosa e João Americo de Carvalho.

COMMISSÃO DE ESTUDOS HISTORICOS:

Thomaz Mindello, Francisco Pedro e Arthur Achilles.

COMMISSÃO DE ESTUDOS GEOGRAPHICOS:

Conego Manuel Paiva, Francisco Barroso e Cicero Moura.

COMMISSÃO DE REVISTA:

Xavier Junior, João Lyra e José Moura.

Na sessão de 8 de outubro de 1905 foi unanimemente approvada a ultima redacção dos Estatutos, sendo promulgados pelo presidente do Instituto que se installou com imponente solennidade.

Approximava-se o dia 12 de outubro, em que Colombo descobrira a America; e era isso bôa razão para que se installasse o Instituto naquella data, em homenagem ao grande feito. Tal razão não escapou ao espirito do sr. Francisco Coutinho que logo a propoz em sessão, sendo unanimemente acceita. (1)

Em consequencia disto, foi o Instituto installado no edificio da Assembléa Legislativa do Estado, com o comparecimento do presidente do Es-

A SUA FUNDAÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905

tado, do Bispo Diocesano e todas as autoridades civis, ecclesiasticas e militares.

A presidencia da sessão coube ao dr. Alvaro Lopes Machado, na qualidade de primeiro magistrado do Estado. Ouviu-se, então, o verbo flamejante de Castro Pinto, um dos maiores tribunos que a nossa terra já possuiu, o qual dissertou proficientemente sobre a "Historia Colonial da Parahyba".

Estava, pois, objectivada a idéa do Instituto dentro de um ambiente muito propicio ao seu desenvolvimento. E assim progrediu rapidamente, succedendo-se os trabalhos sem interrupção.

(2) Cada capitulo foi submettido á discussão sendo regeitadas algumas emendas e approvadas outras.

((1) Na sessão de 8 de outubro de 1905, estando de pé todos os associados o Parahybano a qual fôra assignada por todos os socios fundadores. Na mesma sessão o sr. F. Coutinho propoz que a installação da sociedade se fizesse solennemente no dia 12 de outubro, sendo nomeada uma commissão para tratar do assumpto a qual se compoz dos srs. conego Paiva, Francisco Coutinho, Ireneu Pinto, Maximiano Machado e Carlos Alverga.

As datas nacionaes eram celebradas com enthusiasmo, despertando no espirito do povo os sentimentos patrioticos muitas vezes abatidos pelas dissenções nascidas das revelações de um nacionalismo fementido.

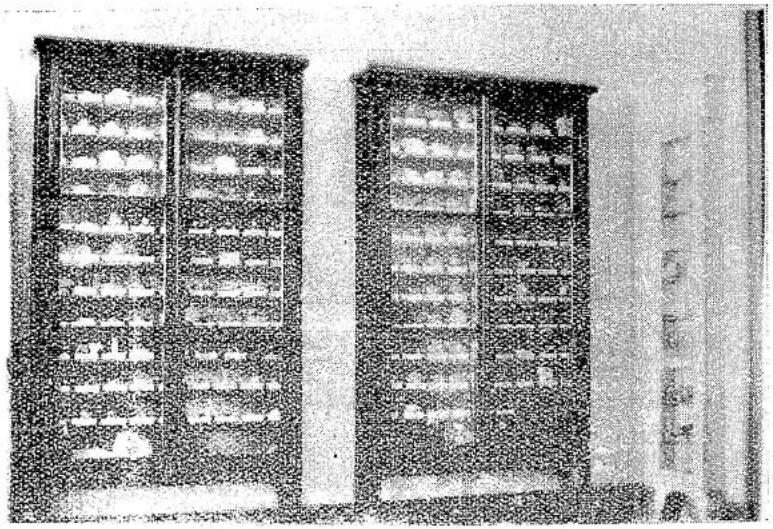
Era intenção do Instituto reabilitar o verdadeiro patriotismo, razão porque encontramos a 15 de novembro o sr. Tavares Cavalcanti a desenvolver uma brilhante conferencia sobre a "Parahyba de 1817", com applausos geraes de uma numerosa assistencia.

Desta maneira os trabalhos do novo sodalicio iam continuando com a maior regularidade, tendo em mira não só a celebração das datas nacionaes, senão tambem as pesquizas historicas que eram feitas nos nossos archivos.

Alem disso, promovia, com o interesse das organizações nascentes, as investigações sobre as reliquias dos nossos antepassados e esforçava-se por transportar para o Estado os restos mortaes dos parahybanos illustres que falleceram fora delle, como sejam os de Vidal de Negreiros e Pedro Americo de Figueirêdo.

A VIDA INTELLECTUAL DO INSTITUTO

A operosidade cultural desta instituição não ficou reclusa no circulo estreito das sessões commemorativas; ella se estendeu á vasta esphera dos problemas scientificos, aproveitando as opportunidades que se offereciam quando por aqui passavam sabios de nomeada para ouvil-os a respeito dos assumptos dos seus ramos de estudos.



SECÇÃO DE MINERALOGIA — Museu do Instituto Historico.

Assim é que em 11 de outubro de 1928 o professor Luduvico Schwennhagen dissertou alli a respeito da existencia de uma civilização prehistorica evoluida neste Continente pelos Carios.

A opinião do professor austriaco é muito pouco provavel, mas não deixa de ser uma das multiplas hypotheses que se levantam no que se refere á origem dos povos americanos. Isto, porém não lhe tira o valor, porque é mais uma affirmação do esforço que fazem os estudiosos deste difficil problema.

Em 3 de maio de 1934, o Instituto recebeu a visita de um scientista allemão, o dr. Filippe von Lutzelburg que realizou na dita agremiação uma

longa e sabia conferencia á respeito da flora nordestina, estabelecendo um parallelo entre esta e a da Amazonia.

O thema escolhido pelo conferencista foi de maximo proveito para o nosso meio, valendo como uma lição sobremodo instructiva para os que ignoram a nossa phytographia.

Vem depois o dr. Everaldo Backheuser, professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, que dissertou sobre "As Paysagens Culturaes do Brasil".

Analysou a situação financeira e alguns dos problemas palpitantes da agricultura do nosso país, collocando-o em confronto com os de outras nações da America, Europa e Africa.

Ao retirar-se, o sabio conferencista deixou a seguinte impressão: "Os problemas de geographia e historia preoccupam todos os povos cultos, e é evidente indice da mentalidade de uma nação o carinho que a elles é dado.

A existencia de um instituto de pesquizas desses graves assumptos é mais uma prova de que a pequena e gloriosa Parahyba occupa lugar de vanguarda na intellectualidade brasileira. Foi para mim uma grande honra occupar durante alguns minutos a tribuna desse scenaculo de scientistas do Nordéste".

Em junho do mesmo anno, o sociologo chileno, dr. Agustin Venturino occupava a tribuna do Instituto, desenvolvendo uma these profunda que tinha por objectivo a confraternizazção dos povos americanos.

Nesse trabalho o orador salientou o p perigo que ameaçava de perto as nações americanas em virtude do isolamento em que vivem, ou antes do estado de desharmonia que as separa, dando como argumento convincente da sua affirmativa a guerra de exterminio dos nossos indios que fôram vencidos por um punhado de extrangeiros pela falta de cohesão que havia entre os proprios indios!.,

A BIBLIOTHECA DO INSTITUTO

Emquanto progrediam os trabalhos culturaes daquelle gremio scientifico, iam-se avolumando as diversas collecções de obras e publicações de todo genero que constitue hoje a Bibliotheca de maior variedade do Estado.

Ella conta já com 2.715 volumes cathalogados e escriptos em 12 idiomas. Afóra isto, tem talvez mais de 500 volumes le obras novas que se destinam á uma segunda secção.

Ahi encontra-se um depositario variadissimo de materiaes como sejam: historia geral da civilização, historia do Brasil, Geographia, estatistica, legislação, sciencoa naturaes, philosophia, philologia, etc.

O MUSEU

Este apartamento do Instituto está relativamente bastante desenvolvido. Possue varias collecções, muitas das quaes já estão classificadas e catalogadas. As mais importantes são: (1.ª de NUMISMATICA com cerca de 1.000 moedas sendo 300 nacionaes; (2.ª de mineraologia com uns 200 typos de mineraes deste Estado e de todo o Brasil. A maior parte delles está classificada pelo Instituto Geographico e Mineralogico do Brasil; 3.ª de archeologia contendo uma bella collecção de louças antigas "typo chinêz"; a de pinacotheca onde se veêm liversos quadros de valor artistico como sejam os retratos do Visconde e da Viscondessa Di Cavalcanti,pelo pintor francêz Labatut.

O sr. dr. Alcides Bezerra estimou-os no valor de 40 contos de réis.

Ha tambem um outro de André Vidal de Negreiros do pincel de Francisco Aurelio de Figueirêdo, que pertencera ao Palacio da Redempção

neste Estado. Ainda notamos alli uma grande tela de Marachal parahybano Almeida Barrêtto, obra do mesmo autor do precedente, e uma outra de tamanho quasi natural do dr. Venancio Neiva de Figueirêdo realizada pelo pincel de Lucillo Varejão.

Existe tambem alli uma secção de ethnographia americana, comprehendenlo varios utensilios de uso dos nosso servicolas do Amazonas, do Rio Dôce no Estado do Espirito Santo e dos antigos Carirys. Taes objectos são machados de pedra polida, arcos de caça e de guerra, flexes destinadas ao mesmo fim, cocares de pennas de côres varriadas, feitos de tecido de algodão, igaçava com ossos, collares de dentes de macacos, vasos de barro, etc.

Aqui fica, pois, em resumo o historico do nosso Instituto Historico, desde a sua fundação até nossos dias

Fragmentos da historia de Areia

Sua primeira camara — Os primeiros actos — A nomeação do primeiro

Capitão-mór

A povoação do Brejo de Areia, pertencente ao termo de Monte mór, foi erecta em villa por alvará de 18 de maio de 1815, com o nome de Villa Real do Brejo de Areia. Mas a installação só se effectuou a 30 de agosto de 1818, por não ter podido o ouvidor geral — André Alves Pereira Cirne, que devia presidir á solennidade, ir antes disso dar cumprimento ár determinações da ordem regia.

Varios acontecimentos o detiveram em outras occupacções. A 12 de dezembro de 1815, fallecendo o governador da capitania, tem que fazer parte da junta governativa provisoria, mas estando a serviço no sertão, só a 12 de março de 1816 toma posse do cargo. Nelle permanece até rebentar em Pernambuco a revolução republicana de 1817. Irrompendo em Recife a 6 de março, a 12 do mesmo mês, na vespera de estalar na Parahyba, abandona precipitadamente o governo e foge pra o interior, rumo a Bahia da Traição, indo esbarrar em Souza, onde concerta com o revolucionario José Martiniano de Alencar, encarregado de libertar o Ceará, os planos para o levantamento desta provincia e sua adhesão á causa separatista. Só a 7 de junho, precisamente um mês depois de estar o movimento dominado, é que regressa do sertão, fingindo que andava a serviço da Côrte. Assumindo o seu posto no governo interino, passa o poder a 12 do mesmo mês ao governador Thomaz de Sousa Mafra e volta as suas funcções na ouvidoria, agora sobrecarregada com o trabalho de preparar o summario dos implicados na rebellião.

Comprehende-se, pois, porque só em agosto de 1818 foi possivel ao ouvidor geral e corregedor da comarca ir presidir á creação da Villa Real do Brejo de Areia, o que fez officialmente a 30 do mesmo mês.

Procedendo á eleição da camara, que se devia compor de um juiz ordinario, três vereadores e um procurador, ficou ella assim constituida, respectivamente: Antonio José da Silva, Joaquim do Rêgo Toscano Britto, Francisco Tavares de Azevêdo Mello, José Luiz Pereira Lima e Francisco José dos Santos.

Eis o officio em que os vereadores participam ao Governador a sua posse:

> "Illmo. exmo. sr. governador — Temos a honra de participar a v. excia. que no dia 30 de agosto do presente anno foi a creação desta villa, com applauso geral de todo povo, pelas vivas provas que deram e se acham dando, ficando entre nós o Corpo da Camara, para o que fazemos certos a v. excia. para nos determinar quando fôr servido. Deus guarde v. excia. — Villa Real do Brejo de Areia, em vereação de 12 de setembro de 1818. (Ass.) Antonio José da Silva, Joaquim do Rêgo Toscano

Britto, Francisco Tavares de Azevêdo Mello, José Luiz Pereira Lima, Francisco José dos Santos. (1)

Cabendo-lhe deixar preenchilos todos os cargos administrativos.

E mandou o ouvidor geral á camara o seguinte officio, que foi o primeiro por ella recebido:

"Illmos. srs. Juiz e Officiaes da Camara da Villa Real do Brejo de Areia. — Logo que Vossas Mercês receberem este, nomearão um Recebedor ou Thesoureiro para as Cisas e Sellos, cujo expediente e novo estabelecimento com a creação desta não póde estar parado, para servir interinamente que Vossas Mercês farão a sua proposta dentre homens idoneos á Junta da Real Fazenda, para esta escolher a quem deve servir como lhe compete, segundo o § 3.º do Alvará de 3 de junho de 1809. Feita a dita nomeação me participarão della. Deus guarde a VV Mercês. — Villa Real do Brejo de Areia, 7 de setembro de 1818. O Des. Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca — André Alves Pereira Ribeiro Cirne".

Não tardando em dar cumprimento ás ordens recebidas, logo ao dia seguinte communicava a camara ao ouvidor que escolhera para o lugar indicado o sr. Francisco Antonio Vianna.

Proseguindo no seu trabalho de constituir o govêrno da Villa, que devia possuir um capitão-mór com as suas respectivas ordenanças, dirigiu-se o ouvidor á camara nos seguintes termos:

"Srs. Juiz Presidente e Officiaes da Camara desta Villa — Tendo feito a creação desta Villa e suas justiças, em cumprimento da Provisão do Desembargador do Paço de 20 de julho de 1815, resta em cumprimento do Alvará de 18 de outubro de 1709 e mais ordens regias, a eleição do Capitão-Mór desta nova Villa, vago com a desmembração das Villas de Monte-Mór e São Miguel, para o que designo o dia de amanhã, em que VV. Mercês devem para isso concorrer na casa que serve de Camara, o que assim lhes participo para sua intelligencia. Deus guarde a VV. Mercês. — Villa Real do Brejo de Areia, 16 de setembro de 1818". O Des. Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca — André Alves Pereira Ribeiro Cirne".

Já no dia seguinte, desobrigando-se do encargo que lhe fôra commettido, dirigia-se a camara ao governador da Capitania — Thomaz de Sousa Mafra, declarando que havia procedido á eleição para capitão-mór, tendo sido eleito em 1.º lugar, por unanimidade de votos, Francisco Jorge Torres. Propunha, pois, fosse elle o nomeado por possuir as qualidades exigidas no alvará de 18 de outubro de 1709 e decreto de 9 de outubro de 1812. Alongando-se na abonação das qualidades do primeiro escolhido, affirmava que não lhe faltavam os "requisitos necessarios": era maior de quarenta annos de idade, "branco e de bôa linhagem", estabelecido na villa "com maiores posses" possuidor de bôas propriedades e commerciante "de grandes giros", alem de "bem visto e querido dos Povos". E recordava que elle havia prestado "serviços a Sua Magestade com os seus donativos na contra revolução" (2) tendo sido quem mais contribuira "na creação da Villa para complemen-

(1) Esse documento e os demais aqui trancriptos pertencem ao archivo do autor.

(2) Na revolução republicana de 1817, nenhum auxilio prestou Areia á causa libertaria. Toda a sua actuação foi em defesa da legalidade. O movimento iniciado em Itabayana e Pilar de solidariedade á insurreição de Pernambuco, não teve adeptos na villa serrana.

Mas na revolução de 1824 o contrario se deu. Areia foi o primeiro ponto do Estado a levantar-se em adhesão ao movimento separatista irrompido na capital pernambucana.

to da sua Casa de Camara, Cadeia e mais Officinas Publicas, como consta do competente Livro dos Termos".

Dos nomes apresentados ao Governador para a nomeação do capitão-mór, vinha em segundo lugar o de Bartholomeu da Costa Pereira, que tambem possuia os requisitos exigidos, pois era "capitão de ordenanças confirmado, muito maior de quarenta annos, morador nesta mesma Villa, bem afazendado com posses e bôas qualidades", mas não tendo, como o primeiro, "os serviços acima ditos para as obras da Villa".

O terceiro da lista foi Antonio da Cunha Vasconcellos dono do engenho Lameiro, possuidor dos attributos requeridos, mas "de menores posses do que os acima referidos".

Sendo bastante ambicionado o posto de capitão-mór, houve quem se sentisse melindrado com a exclusão do seu nome na lista enviada ao Governador. Esse foi Manuel Fernandes Rangel. Não podendo conter o seu resentimento, requereu á camara que certificasse quaes os donativos que havia feito para formação do patrimonio da Villa, os quaes, no seu modo de ver não lhe pareciam inferiores aos dos que mereceram ser contemplados na proposta.

Tomando em consideração o requereimento, attestou a camara, em vereação de 4 de novembro de 1818, que "o supplicante, antes da erecção desta villa já tinha mandado fazer as pedras para o Pelourinho". E que, ao apresentar-se para assistir aos actos da inauguração da Villa, "offerecerca cem braças de terra com meia legua de fundo para o patrimonio e sem mil reis em dinheiro para as obras e officinas da mesma, como consta do livro de subscrição dos Termos".

De posse desse documento, que lhe parecia decisivo, dirigiu-se Manuel Fernandes Rangel ao governador da Provincia, protestando contra a injustiça que acabava de soffrer, pois não se considerava menos digno do que qualquer dos indicados á deliberação governamental.

Mandou o governo, em despacho de 16 de novembro, que a camara informasse porque motivo não fôra o requerente, que se mostrava com tantos direitos, incluindo na lista triplice que tinha em mãos.

Com muito acerto respondeu a camara a 21 do mesmo mês, que lhe sendo permittido indicar apenas três nomes, os escolhera entre as pessôas mais destacadas do lugar, por suas qualidades e bens, não tendo negado que ao capitão Manuel Fernandes faltassem os requisitos exigidos, mas, por não ser facultado augmentar a lista, "não tinha logar ser admittido o supplicante".

Contra a espectativa da camara, que esperava fosse escolhido o primeiro da proposta, apontado como o mais merecedor, recahiu a nomeação sobre o segundo — Bartholomeu da Costa Pereira. E, para maior decepção dos vereadores, mandou o governador preencher os cargos, o que fez o secretario nos seguintes termos:

"O Illmo. sr. governador por despacho datado de hoje foi cerviço approvar a proposta que V.Mcês. lhe dirigiram em data de 17 de setembro do corrente, para o Capitão-mór desta Villa novamente creada, mandando passar patente ao segundo proposto — Bartholomeu da Costa Pereira, por faltarem no primeiro — Francisco Jorges Torres — Os requisitos necessarios de nobre e conrecimentos ainda os mais ordinarios, publicamente trabalhando de carpinteiro como elle mesmo o declarou ao dito sr. governador, confessando ser esta a sua arte, mensionando as obras que tem feito por este officio, o que manda extranhar a V. Mcês., por conhecerem ocularmente este officio no dito Torres e alegarem que elle descende de bôa linhagem, quando elle declarou na sala do governo ser filho de um almocreve, sem attenderem ás disposoções das leis a este respeito, que V. Mcês. infligiram. O que tudo de ordem do mesmo Illmo. Sr. participo a V. Mcês. para suas intelligencias, e para fazerem avisar ao dito Bartholomeu da Costa Pereira que deve procurar a sua patente na Secretaria deste governo.

Deus guarde a V. Mcês. — Parahyba, 26 de novembro de 1818. Jeronymo José Roiz Chaves".

Não agradou á camara a resolução do governador. Sentiram-se os vereadores desautorizados e offendidos. Nada podendo fazer contra o acto governamental, resolveram chamar as contas o capitão-mór recem-nomeada, exigindo-lhe o cumprimento das obrigações decorrentes do posto. E a continuar, a sua custas, o serviço das obras publicas da Villa. Eis o officio, dirigido ao capitão-mór:

"Estamos certificados não será oculto a V. Mcê. que é pratica geral na creação das villas propor-se para Capitão-Mór naquellas pessôas de qualidade segundo a lei, as mais ricas e poderosas, afim de que a custa de sua fazenda possa animar e dar exemplo na factura da Cadeia, Casa da Camara e mais obras publicas precisas e indispensaveis em ditas Villas, por isso que sempre acontece os conselhos serem mimiamente pobres, sem credito para poderem dar cumprimento ás ditas obras e mais officinas, e as mais das vezes até sem patrimo-circunstancia a V. Mcês., como Capitão-Mór, pertencente com fervor, enthusiasmo, liberalidade e benevolencia dar principio e exemplo, auxilio e direção para que se ponha em execução e se ultime as ditas obras e mais officinas, e porque chega a maior desgraça a casa que presentemente se acha servindo de Cadeia, a qual é de V. Mcês. e se acha como telhado e os presos na maior consternação, exposto ao rigor do inverno. Accordamos, portanto, em lhe participar todas estas attendiveis circumstancias para V. Mcê., á vista das mesmas, tão zelozo do bem publico serviço de Sua Magestade El--Rei e Nosso Senhor, como cheio de caridade e religião, quanto antes haja de fazer reparar a dita Cadeia, salvando os desgraçados presos do rigor do tempo, como egualmente em dar principio ás ditas obras publicas acima ponderadas, o que tudo é de esperar de sua honra, zelo e actividade. Esperamos guarde V. Mercê por dilatados annos. Em vereação de 19 de abril de 1819. Antonio José Lopes de Miranda, Joaquim de Merelles Peixoto, Mathias Vieira da Silva, José Luiz Pereira Lima, Agostinho Alves Pereira".

Não se rendeu Bartholomeu da Costa Pereira, aos appellos da camara. Fugindo á onerosa intimação, respondeu, a 26 do mesmo mês, que estranhava aquellas exigencias, pois estava lembrado que se havia recolhido, na creação da villa, mediante contribuição publica, o capital necessario á feitura das referidas obras. Se era agora insufficiente, que os vereadores se recordassem que houve quem se comprottera a concluir, por sua conta, todos os edificios publicos. Que a elle, pois, se dirigissem. (Queria se referir a Francisco Jorges Torres, que, effectivamente, se manifestara disposto a arcar sozinho com as despezas necessarias á fundação da villa). Rematando suas excusas, affirmava, talvez para não desattender inteiramente á intimação, que iria mandar concertar a cadeia, sem duvida por ser de sua propriedade. Foi esta a resposta:

"Sr. Juiz Ordinario Presidente e mais officiaes do Senado desta Villa — Tenho presente o officio que VV. SS. me dirigiram em data de 21 do corrente e cujo conteúdo respondo que não considero o Conselho desta Villa em tamanho atrazo e em impossibilidade de pôr em execução a creação da casa da camara, Cadeia e mais Officinas Publicas, por isso que na creação della o meretissimo sr. des. André Alves Pereira Ribeiro Cirne tomou para esse fim uma avultada contribuição, em que grande parte dos habitantes deste Termo offereceram voluntariamente seus donativos; e houve de mais a mais quem se compromettesse a repor tudo mais que faltasse para ultimo complemento dessas mesmas obras, o que tudo não deixará de constar dos livros desse mesmo Conselho. Quanto ao concerto em que VV. SS. me falam da mesma casa em que presentemente está o tronco desta Villa, fica muito a meu cuidado fazel-o, assim que melhore a estação. Se em alguma outra cousa que seja tendente ao Real serviço de sua Magestade, me descobrirem algum prestimo, estarei sempre prompto a prestar por minha pessôa e bens quanto estiver ao meu alcance. Deus guarde felizmente por muitos annos as pessôas de VV. SS. — Villa Real do Brejo de Areia, 26 de abril de 1819. Bartholomeu da Costa Pereira.

Não ficou satisfeito o conselho com as explicações do capitão-mór. E assentou denuncial-o ao ouvidor geral. Em vereação de 8 de maio de 1819, dirigiram os vereadores um longo officio a Antonio da Silva Lopes Rocha, que succedera a André Alves Pereira Ribeiro Cirne, queixando-se da obstinação de Bartholomeu da Costa Pereira em não querer dar inicio á construcção das obras publicas.

Começaram por declarar que, em obediencia ás instrucções recebidas do ouvidor, por occasião da inauguração da Villa, tinham officiado ao capitão-mór, mostrando-lhe as obrigações que lhe cabiam, provenientes do cargo que estava exercendo. Transcrevem a resposta que receberam. Passando a contestal-a, declaram que, quanto á avultada contribuição arrecada pelo ouvidor entre os habitantes da villa, "é falsa essa arguição", pois "o dinheiro recebido e o que se deverá cobrar apenas chegará para os alicerces da obra principal que é a cadeia". Concordam com a referencia feita aos offerecimentos de Francisco Jorges Torres. Aproveitam a occasião para mostrar que elle é que devia ter sido o nomeado. Confirmando todas as declarações contidas na proposta, feita pela camara anterior, repetem que "alem dos relevantes serviços que já tinha prestado a El Rei Nosso Senhor na contra-revolução, com sua pessôa, seus domesticos, liberalizando grande parte de sua fazenda, e disposto a gastar quanto possuia a favor da justissima causa real, voluntariamente se offerecia para fazer todas as despezas concernentes a creação da Villa". E que por ser "tão liberal como zeloso do bem publico e do serviço de sua magestade" e "por nelle occorrerem os requisitos necessarios" é que fôra proposto em primeiro lugar para capitão-mór. E numa demonstração de protesto: "depois repudiado pelo governador".

Não resta duvida que o homem de maiores posses e de mais prestigio pessoal em Areia, na época da sua organização administrativa, era Francisco Jorges Torres, que, por um capricho do governador, que se malquistara com o ouvidor geral, soffrera a injustiça de não ter sido o primeiro capitão-mór da villa.

Desde o inicio do seu govêrno, que Thomaz de Sousa Mafra, certamente mal impressionado com os antecedentes de André Alves, resolvera tratal-o com desapreço, sujeitando a rigoroso exame todos os actos emanados da ouvidoria. Assumindo o poder a 12 de junho de 1817, já a quinze do mesmo mês, ao communicar para o Rio a sua posse, fazia referencias desabonadoras ao seu antecessor, alluidindo á pressa com que fugira para o interior, antes de rebentar a revolução na Parahyba. Relatando depois ao ministro a marcha do processo instaurado contra os revolucionarios, attribuia a fuga de alguns ao govêrno interino, contra quem quiz proceder, tendo a isso se opposto o governador de Pernambuco. Na mesma occasião declarava que havia encontrado a capitania quase anarchizada, "pela nenhuma influencia que tinha o govêrno interino".

De animo assim prevenido, não podia o governador receber sem desconfiança a proposta feita sob a assistencia de André Alves Pereira Ribeiro Cirne e por elle tambem subscripta, nem acceitar sem suspeitas o nome que vinha indicado para a nomeação.

Bastou que lhe chegasse a infundada denuncia de que Francisco Jorges Torres exercia o officio de carpinteiro para, desprezando as informações firmadas pela corporação mais representativa da villa' fazel-o vir á séde do govêrno, no proposito de pessoalmente inquiril-o e examinal-o. E porque lhe não negasse o interrogado ser entendido na arte de que o ac-

cusavam tirar a subsistencia, para logo o considerou desmerecedor do cargo, sem reflectir que não podia viver do officio allegado quem tantos auxilios havia prestado ao govêrno na contra revolução e se compromettera a concluir, por sua conta, todas as obras publicas da villa.

E' o proprio governador quem attesta as condições abastadas de Francisco Jorges Torres, quando, ao justificar-se porque o preterira, informa do ministro "que elle dera mais de oitocentos mil réis á mulher do ouvidor" só porque ella se apressara em levar-lhe a noticia de figurar seu nome em primeiro logar na proposta.

Somente para comprometter o ouvidor, leva ainda ao conhecimento da mesma autoridade que, durante o tempo em que elle estivera em Areia, mais de 2 mêses, "foi hospedado, sustentado a custa do Torres com toda a sua numerosa familia e mais pessôas que o acompanharam".

Attentando-se bem nos factos, vê-se claramente que Francisco Jorges Torres fôra victima da malquerencia existente entre as duas personalidades que dirigiam os destinos da provincia por aquelle tempo. Estivessem a camara de 1818, ao enaltecer-lhe as qualidades, dominado pela presença do ouvidor, e não teriam tido as suas declarações sobejamente confirmadas pela camara de 1819, inteiramente renovada, como era de lei, a qual não poderia estar a influencia de André Alves já substituido na ouvidoria por Antonio da Silva Lopes Rocha.

Foram pois unanimes as camaras em apontar a pessôa de Francisco Jorges Torres como a possuidora de melhores attributos para ser o primeiro capitão-mór da então Villa Real do Brejo de Areia.

Ainda hoje lá existem, desafiando a acção dos tempos, muitas das obras construidas sob sua attilada direcção technica. Haja vista o senhorial sobrado de cantaria, que muito tem de admirar-se, e a barragem de alvenaria, em **Tanques**, a primeira no genero levantada na Parahyba, resistindo por mais de um seculo, sem o mais leve estrago, á investida de todos os invernos, o que assegura a quem a executou o direito de ser considerado o precursor dos que vêm cuidando de resguardar o nosso Estado dos effeitos das sêccas periodicas.

Campina Grande, dezembro, 1935.

ELPIDIO DE ALMEIDA

O DIA DA PATRIA

Discurso proferido no Instituto Historico da Parahyba, em 7 de setembro de 1935, pelo professor José Baptista de Mello.

A guerra hollandêsa nas capitanias do Norte serviu para formar u'a mentalidade destemida nas três raças constitutivas do typo brasileiro. Della viéram os primeiros soldados e os primeiros heróes do Brasil. Em lucta contra os Batavos surgiram vultos de patriotas e de independentes, da estatura de André Vidal, Camarão e Henrique Dias. O feito das armas brasileiras em Pernambuco, Parahyba, Alagôas, Rio Grande do Norte e Bahia ecoou por toda parte, e Portugal deveu a continuação do dominio da colonia sul americana, aos extremos de bravura de um punhado de nativos que, nos campos da lucta, sustentaram a obediencia ao seu rei e a convicção de sua fé. E quando, após 30 annos de encarniçada campanha, foram os intrusos tangidos, de vez, das terras de Santa Cruz, aqui ficou um espirito novo, apegado á terra ainda tinta de sangue.

Era uma patria nova, que creára energias e em cujo seio palpitaria d'ahi em diante uma scentelha de civismo e rebeldia.

Parte da guerra hollandêsa todo movimento de rebellião contra o dominio estrangeiro, e mal D. João IV assume as redeas do primeiro govêrno português, após a independencia da Côrte, estala em São Paulo o grito de separação, com a acclamação de Amador Buêno, como rei dos paulistas. E não fôra a attitude de submissão daquelle homem illustre ao novo monarcha de Portugal, de certo as ruas de São Paulo seriam theatro dos primeiros encontros armados em favor da liberdade do Brasil.

O govêrno português toma medidas oppressoras contra a colonia. Aqui é o monopolio dos generos de commercio, em favor dos lusitanos; alli o direito exclusivo aos portuguêses na exploração das minas, e por toda parte o vexame dos impostos que pesam, cada vez mais sobre os brasileiros. A Colonia atravessa dias de sacrificios e de humilhações.

O Maranhão explode. A voz de Manuel Beqnimão faz-se ouvir, em protesto. Elle é o guia daquella gente opprimida por um monopolio odioso. Mas para o protesto dos patriotas havia como resposta o carcere immundo ou o degredo mortal. O sonho dos ir-

mãos Bekmãms ruira e a sua formosa terra soffreu as consequencias da ousadia de querer ser livre.

As primeiras victimas encontraram seguidores. Até os proprios escravos, na miragem de ser livres, acoitavam-se no alto das serras desertas onde formavam republicas e exerciam vinganças. O exemplo dos Palmares, apesar da ignorancia e dos desvios dos negros, ficou na Historia com o arrazamento do seu arraial e a morte do chefe Zumbi, como uma pagina da epopéa libertaria que de qualquer modo merece respeito e admiração.

As descobertas das minas davam novo impulso ás actividades da colonia que se povoava. De toda parte chegavam noticias dos grandes achados. O ouro e a pedra preciosa attrahiam agora a attenção da Côrte ambiciosa e pauperrima. Já não era a escravidão vermelha prohibida pela bula do Papa Urbano VIII que arrastava aos sertões levas e mais levas de aventureiros. O scintillar das pepitas, no leito dos rios, e pedras de todas as côres, apanhadas em sitios diversos, fascinavam verdadeiras multidões que, muitas vezes, se degladiavam, no fundo das florestas.

Foi o nascedouro das grandes bandeiras que constituiram o factor decisivo do conhecimento das terras do centro. Portugal, porém, estava attento, e as arroubas de ouro arrancadas do coração do Brasil, jogadas nos porões dos navios, iam enriquecer a Côrte que esbanjava no explendor do dominio de D. João V.

Emquanto as batêas, sacudidas pelo braço brasileiro, num rithmo monotono, acompanhado de um clangôr de vozes cativas, separavam o ouro que encaixotado rumava á Europa, Lisbôa divertia-se, no deslumbramento do Paço, num contraste chocante ás miserias da Colonia que lhe dava tudo. A oppressão crescia. O famigerado imposto do ouro era cobrado inexhoravelmente. Os quintos eram recebidos com a maxima pontualidade, excepto dos delatores que vigiavam, como corvos, a fazenda real.

Emquanto isto era negado ao Brasil tudo que podesse parecer progresso. Escolas não havia. Não existiam estradas, afóra o mandado prohibitivo da installação de fabricas que, de qualquer modo, concorressem para diminuir a importação dos productos do reino, emquanto que os nossos portos trancados ao commercio estrangeiro, recebiam as embarcações abarrotadas de negros africanos e de mercadorias lusas, muitas vezes avariadas e sempre carissimas.

Era natural o odio crescente entre brasileiros e portuguêses. Já Pernambuco, em 1710, queimara o estupim da revolta. Foi o primeiro movimento, de vulto, em defesa da liberdade, Bernardo Vieira de Mello, no velho senado de Olinda, soltara o grito de rebeldia, emquanto que os brasileiros dalli, desciam em massa para um ataque em regra aos mascates de Recife. Era mais um sonho que passava, e a mão ferrea da Côrte pesou sobre os destinos daquella capitania.

Já o sangue brasileiro fôra offerecido, em hollocausto, ao altar da liberdade.

A semente havia de medrar. O seculo XVIII, o seculo das

grandes arrancadas libertarias seria testemunha no Brasil do supplicio de Felippe dos Santos, a victima do conde de Assumar que, num requinte de crueldade, fizera arrastar pelas ladeiras da Villa Rica essa figura varonil e formosa que ousara levantar-se contra o jugo de um govêrno despotico e ambicioso.

A mesma cidade estava destinada a ser mais tarde theatro da conjuração de Tiradentes, grande no ideal e maior na resignação. Joaquim José da Silva Xavier, empolgado pelas noticias que lhe traziam da Europa os seus futuros companheiros de conspiração, tornou-se o apostolo da nova tentativa de liberdade. Cansada da oppressão, amargurada pelas injustiças, exhausta, faminia, Villa Rica de outr'ora — era no momento um paradoxo da sua propria designação.

Os moços mineiros que, estudantes na Europa, voltavam á patria, trazam embalado, o grande sonho que lhes deram a independencia americana e a Revolução Francêsa.

A natureza do Brasil, o amôr á patria e a villeza que encontravam em todos os recantos de Minas, escorchada pelo tacão do Visconde de Barbacena, deram-lhes forças para mais uma tentativa que não se tornou realidade.

E os patriotas mineiros pagaram com o degredo e a morte o crime da sua loucura bemdita. A forca do Campo de São Domingos foi a corôa de martyrio do mais meigo, sincero e mais patriota dos conspiradores.

Hoje a Escola Tiradentes, na Capital da Republica esconde o local do supplicio infamante daquelle que, mascate, minerador, missangueiro, arrancador de dentes e alferes das milicias, percorreria os recantos da sua Mina adorada, ouvindo-lhe os gemidos e chorando-lhe a desdita.

Estava escripto que a Independencia do Brasil exigia mais sangue. Mas a "Liberdade ainda que tardia" teria que vir. Um acontecimento extranho apressaria a marcha da victoria.

Napoleão com a sua arrogancia e desmedida ambição concorreria para isto sem o querer. E quando Portugal entre a amizade e os canhões inglêses, foi impellido a desrespeitar o "bloqueio continental", acceitando o commercio britannico, o Côrso vencedor, com a ponta da sua espada, riscou do Mappa o pequenino reino de D. Maria, a louca.

E mal as tropas vingativas de Junot pisavam as fronteiras lusas, á fuga da Côrte, foi precipitada rumo ao Brasil. O regente deixava Lisbôa, arrastando um sequito numeroso, sob a maldição hirterica de Carlota Joaquina.

A Bahia hospitaleira recebeu em seus braços a figura offegante de D. João, e pela voz de Cayrú, arrancou do principe o decreto beneficiario da abertura dos portos brasileiros ás nações amigas.

Era o passo decisivo para a victoria da Colonia que, entretanto, muito havia de soffrer.

O Rio de Janeiro, cidade pequenina e sem conforto, acolheu além da familia real — toda uma farandula de milhares de

casquilhos enfatuados aos quaes havia de dar casa, comida e emprego. Quando as iniciaes fatidicas S. R. appareciam pregadas á porta de alguem — o despejo era immediato, e o proprietario corria ao léo, trouxas ás costas, para ceder a casa ao reinol beneficiado.

Dos males o menor. As vantagens decorrentes da mudança da côrte collocaram-nos inegavelmente, em plano superior, e os brasileiros jámais consentiriam a volta ao estado de colonia espoliada e desprezada. Os treze annos de D. João no Brasil, foram, não ha duvida, de grandes progressos para a terra acolhedora; além de notaveis melhoramentos materiaes, a nossa gente aprendeu a ver, de perto, as suas necessidades e a sentir o seu proprio valor.

O martyrio dos conjurados de Minas não se apagara da da memoria do povo. Pelo Brasil afóra, o descontentamento contra os dominadores era geral. Motins se succediam e a revolta surda lavrava em todos os lares para estourar, em 1817, em Pernambuco.

Umas prisões de officiaes brasileiros deram começo á sangueira. Um mais exaltado e destemido, justificando bem o seu nome de guerra "Leão Coroado" levanta-se, e a golpes de espada repelle a affronta que se lhe atira.

Depressa a scentelha se tranforma em incendio que se alastra ás provincias vizinhas. A Parahyba pela vez de Peregrino de Carvalho, Alagôas, Rio Grande do Norte e Ceará adherem ao movimento que parece victoriar, para em breves dias, jungido pelas forças legaes, figurar no numero das frustadas tentativas. E o sangue dos patriotas, numa verdadeira chacina, correu pelas terras bahiana e pernambucana. Um tribunal faccioso comprazia-se em instituir a pena capital.

1817 representa a pagina mais negra do dominio português no Brasil.

E a Côrte bem o sentiu quando mandou que se suspendesse a matança.

Emquanto isto, como reverso da medalha, Portugal estorcia-se sob o guante de um estrangeiro que a Inglaterra lhe impoz, para em 1820 levantar-se no Porto, chamando o seu rei á patria.

E lá se foi D. João VI. O que presenciara no Brasil não lhe deixava illusões: queria ao menos que o novo imperio não cabisse em mãos alheias. A sua despedida ao principe d. Pedro, num misto de ternura e de defesa propria, seria prophetica se o sentido de suas palavras já não fosse do conhecimento de todos.

Agora, ao principe regente, altivo e quasi brasileiro, cabia desempenhar bem o papel desse final de drama. E D. Pedro encarou-o corajosamente. Dahi ao 7 de setembro, foi uma sequencia de factos. O "Fico", a acceitação do titulo de "Defensor Perpetuo do Brasil", a desobediencia ás ordens paternas de regressar a Portugal; os actos de franca hostilidades que lhe movia a plebe de Lisbôa, e os constantes decretos que assignava em favor do Brasil tudo indicava que estava bem perto o grande dia da Patria.

E porque não, se homens como José Bonifacio — Lêdo — Januario Barbosa atiçavam o fôgo sagrado que queimava os corações brasileiros?

E porque não, se no proprio palacio do principe, como anjo tutelar, Maria Leopoldina chefiava o movimento libertario?

Mas Portugal tenta ainda. Soldados lusos ameaçam cumprir as ordens do rei, sabendo-se mesmo dos arreganhos de valentia de Jorge de Avilez, quando numa phrase atrevida dizia no Rio: "Levarei o principe, ainda mesmo pelas orelhas".

As forças do Brasil sahiram para a rua e a Divisão Portuguêsa resolveu embarcar... sem o principe.

O povo delirava e D. Pedro mostrou-se digno do momento.

As medidas tomadas pela Côrte, visando diminuir o govêrno do Regente eram rebatidas com os decretos redigidos por José Bonifacio.

Culminaram os acantecimentos os motins de Minas e São Paulo, para ter o seu epilogo ás margens de um obscuro regato da terra bandeirante.

Chegara emfim o 7 de setembro, e o Brasil, sob a legenda "Independencia ou Morte" entrou definitivamente no conceito das grandes nações.

A primitiva casa da polvora

CEL. AVILA LINS

Sendo o assumpto, cujo thema se lança acima, de bastante importancia por estar annexo aos factos politicos da nossa vida colonial, tomámos a liberdade de o transcrever da "A Imprensa", de 11 de março de 1936, para as columnas desta Revista com a devida venia do seu autor, o nosso consorcio cel. Estevam de Avila Lins.

Commandavamos o 22.º B. C., em 1929, quando chegou ao nosso conhecimento a noticia da demolição da Casa da Polvora existente na ladeira de S. Francisco. A principio não quizemos dar credito á informação, mas, como se tratasse de um proprio que julgavamos pertencer ao Ministerio da Guerra, designámos um official para, in loco verificar a que se passava. Este, momentos depois, regressava, trazendo a confirmação da noticia por nós recebida e, declarando ainda, que as pedras retiradas seriam empregadas em outras construcções. Sem demora nos entendemos com a Prefeitura, pedindo a suspensão da destruição, emquanto aguardavamos as informações solicitadas, por telegrammas, ás autoridades superiores do Exercito. Alguns dias depois recebiamos a resposta: Nos archivos da Região e do Ministerio da Guerra nada constava sobre a existencia da Casa da Polvora da ladeira de S. Francisco. Não podendo nos conformar com o sacrilegio da picareta inclemente, nos dirigimos ao delegado fiscal para que nos explicasse como o monumento referido, sendo proprio nacional, havia passado ao dominio particular. O delegado fiscal nos informou, então, que, em 1902 a C. da Polvora havia sido posta em leilão e arrematada por seu unico concurrente, o engenheiro Antonio Augusto de Carvalho, pela infima quantia de 200$000! Tivemos opportunidade de verificar, posteriormente, que o leilão não foi autorizado pelo Ministerio da Fazenda e que o engenheiro Carvalho adquirira a Casa da Polvora para deposito de explosivos destinados a uma companhia de pesca em que era interessado. Consultando advogados sobre a nullidade do leilão, por não ser autorizado, verificámos a sua possibilidade, mas o processo sendo muito demorado e despendioso, não tinhamos recursos para promovel-o.

Nestas condições voltando á Prefeitura, pedimos a acquisição do predio por compra ao seu actual proprietario, o sr. Moro-

ró. Infelizmente o negocio não poude se realizar, porque o sr. Mororó exigia pelo immovel a quantia de 16:000$000 e os cofres da Prefeitura, em 1929, só guardavam dividas. Tudo mais referente ao armazem, que J. M. da Gama inaugurou em 1710 em sua Capitania, está minuciosamente descripto no trabalho do conego dr. Florentino Barbosa, publicado na REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO — VOL. 7.º — 1932. A demolição da Casa da Polvora no anno de 1929 nos estimulou a procurar o local exacto da outra que lhe precedera. Tomámos, como base de partida de nossas investigações, o estudo das fortificações na Parahyba desde a fundação da sua capital. Uma cousa, certamente, estaria ligada á outra, porque não se pode conceber fortificações sem paióes de explosivos. Partimos do exame dos sitios que margeiam a ladeira de S. Francisco nas proximidades da Casa da Polvora, onde, em 4 de novembro de 1585, o official allemão Christovam Linz, (1) por ordem de M. Leitão, iniciou a construcção da primeira fortaleza que asseguraria os fundamentos da futura cidade contra as investidas dos seus invasores. Sabiamos perfeitamente que se construiu na futura capital vestigios da primitiva Casa da Polvora pelas razões com que Fernão de Barros e Vasconcellos justifica a construcção da segunda, conforme veremos no correr desta noticia. Percorrendo esses sitios, era nosso maior desejo encontrar, possivelmente, os alicerces da primeira fortaleza que se construiu na futura capital da Parahyba. Nada conseguimos que podesse nos revelar a sua existencia, mas a possibilidade permanece, ainda, desde que se pesquise o sub-solo. Passámos dahi ao Varadouro, onde, por volta de 1634, Manuel Pires Correia, (2) construiu um fortim. Essa fortaleza foi desarmada no fim do mesmo anno, sendo as suas peças guardadas em lugar seguro, para serem empregadas em momento opportuno contra os hollandêses. (3) A edificação hoje existente não nos permittiu outras observações, além da nossa visita, mas a simples inspecção local indica que o referido fortim deveria ter sido construido sobre a colina da Igreja de S. Pedro Gonçalves. Além dessas fortificações de caracter permanente, outras, de emergencia ou passageiras, foram levantadas em pontos estrategicos, todas visando barrar ao hollandês as entradas da cidade. Essas obras de defeza foram conservadas por mais de um seculo e desse facto temos a prova no **baluarte** que a Rainha de Portugal mandou construir em 1739 no lugar denominado Forte, em cujas proximidades já havia muitas trincheiras. A carta dirigida a Fernão de Barros e Vasconcellos é do teor seguinte: "Eu a Rainha da Grão Britania, Infanta de Portugal, vos envio muito saudar. Mandando ver a conta que me destes em carta de 26 de março deste anno em como a casa da polvora dessa praça estava no meio da cidade e com grandissimo damno della por estar rodeado de fogos, e que seria conveniente mandasse fazer outra fóra da povoação onde estivesse em maior segurança e ficasse livre da corrupção que recebia do lugar em que hoje se recolhia e por se reconhecer que esta obra é mui necessaria. Me pareceu ordenar-vos (como por esta o faço) que com effeito se faça a dita casa e como ha-de ir Engenheiro para essa capitania que a este ordenareis escolha o sitio e faça a planta para a casa da polvora, pois nesta eleição e fabrica consiste a conservação dessa cidade e da polvora, cuja obra se porá na praça e se arrematará a quem a fizer com mais commodo e conveniencia da minha fazenda. Escripta em Lisbôa em 18 de agosto de 1704. Rainha". (4) Essa carta e as trincheiras anteriormente construidas nas visinhanças do Forte nos deram a convicção da existencia de um armazem em lugar proximo que tivesse servido de deposito de polvora e armamento, armazem este que não seria outro senão a primitiva Casa da Polvora. Abandonando o estudo das fortificações da cidade, iniciámos uma sindicancia entre os habitantes da antiga rua do Passeio Geral, hoje Rodrigues Chaves, escolhendo, de preferencia, os mais velhos. A todos indagavamos se tinham noticia de uma casa da polvora nas immediações de sua residencia. A nossa syndicancia terminou com a informação de uma velhinha que nos disse que seu pae lhe contara ter sido um pedreiro de nome Pedro Lagartixa que retirara as pedras de uma casa onde, antigamente, se guardava polvora.

Pelas indicações que seu pae lhe dava a referida casa devia se encontrar nos fundos das habitações da rua do Passeio Geral. Uma particularidade interessante nos revelou a syndicancia: Muitos dos proprietarios da rua do Passeio Geral nos disseram que nunca pagaram impostos, porque quando os fiscaes por lá appareciam com o recibo, lhes respondiam que a casa era do govêrno, por isso estavam isentos. Pedindo licença aos zelosos habitantes da rua do Passeio Geral, empregámos uma turma de soldados do 22.º B. C., armados de pá e picaretas, sob o commando de um sargento na escavação dos quintaes. Ao attingirmos a terceira casinha, á altura da de n. 325 da rua Epitacio Pessôa (antiga das Trincheiras), as picaretas se chocaram com grandes blocos de pedra calcarea superpostas formando um retangulo, medindo 6.00 x 6.00. Estavamos satisfeitos, porque viviramos corôados os nossos esforços. Fôra alli, antes de 1710, a primitiva Casa da Polvora. Não nos fôra possivel por falta de dados determinar precisamente a data da sua construcção, mas é de presumir que isso tenha se realizado logo depois de 1634, quando a cidade se fortificou para repellir a invasão hollandêsa. Encontrando-se na Parahyba o capitão J. Rodrigues do S. E. da Região, determinei que fosse levantada a planta da Casa da Polvora e, no tocante ao terreno que deveria circumscrevel-a, se observasse a legislação da época. Diversas copias dessa planta foram tiradas pelo referido official, as quaes foram enviadas ao commando da Região, ao Ministerio da Guerra, ao Presidente do Estado, á Delegacia e á Prefeitura, ficando ainda

I — Datas e notas para a historia da Parahyba — pagina 20.
II — Idem — pagina 43.
III — Idem — pagina 49.
IV — Idem — pagina 98.

uma no archivo do 22.º B. C. e outra em meu poder que destino ao Instituto Historico da Parahyba.

Não deixámos sem defesa os pobresinhos habitantes, das 14 casinhas da rua do Passeio Geral que, durante 219 annos, tantos quantos vão de 1710 até 1929, guardaram, resistindo aos impostos a propriedade do Govêrno.

Em officio dessa data propuzemos ao general Lavanére Wanderley, então commandante da Região, a sua permanencia nas casas em que residiam, sem contribuição de especie alguma até que se mudassem ou fallecessem, sem direito, porém, de transferir a propriedade a quem quer que seja.

O nosso acto foi approvado e publicado em boletim, ficando a fiscalização a cargo do commandante do 22.º B. C.

Era nossa intenção assignalar com marcos de concreto os quatro vertices do retangulo que originou a Casa da Polvora, trabalho este que deixámos ao nosso substituto.

Entre as casinhas só uma é de tijolo coberta de telha, sendo as demais de taipa.

NOVO ORBE SERAFICO BRASILICO

OU

Chronica dos frades menores da provincia do Brasil

Por FR. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATÃO

(Continuação do Vol. VIII desta Revista)

DIGRESSÃO III

Dá noticia de Diogo Alvares Corrêa, como passou do Reyno ao Brasil, seu naufragio na entrada da Bahia, e circunstancias admiraveis delle; como passou a França, e tornou á Bahia, com outros mais particulares acontecimentos, dignos de memoria, em que, como principal, entra o da miraculosa Imagem de Nossa Senhora da Graça

ESTANCIA I

Mostra como vem ter á Bahia Diogo Alvares Corrêa, seu naufragio, e sucessos delle, e porque se deve ter este pelo seu primeiro Descobridor

28 — Posto que no vulgo seja tão notorio o caso na Bahia acontecido ao celebrado Caramurú, Diogo Alvares Corrêa, e todos os Escritores destas conquistas tratão delle; como em alguns se achão circumstancias; que faltão em outros, e em todos muitas cousas, que não concordão com o tempo, e verdade da sua occurrencia, daremos agora com especialidade a sua narração, tirada a substancia della de hum antigo Manuscrito, que achamos no Archivo do Convento da mesma Bahia, e que pela fraze, e modo com que o relata, mostra ser escrito por pessoa, que existia, senão no mesmo, muy propinqua áquelle tempo. Outra razão, e muy forçosa, nos move a intrometermos nesta escrita os feitos deste Heroe, e he, confórme a ordem, que levamos, descrever as Capitanias do Brasil, por onde andarão antes e fundarão depois Conventos os nossos Religiosos, quando se descobrirão ellas, e quaes forão os seos primeiros Povoadores, e os que as fundarão; e como esta gloria se deve na da Bahia a Diogo Alvares Correa, antes que fallemos em os primeiros Religiosos nossos, que vierão ter, por disposição do Ceo, a ella, he preciso digamos tambem quem foy, por acaso da fortuna, o seu primeiro Descobridor.

29 — Foy este Diogo Alvares Correa, natural de Vianna, pessoa nobre, e de linhagem conhecida da Provincia de Entre Douro, e Minho. Era moço, e o desejo, que levava a outros muitos sujeitos da sua qualidade naquelles tempos a sahir de suas patrias, e buscar nas novas Conquistas do Reyno alguma ventura, o arrastava agora para a India em companhia de hum tio seu, que em certa Náu fazia para lá a sua derrota. Outros dizem, que esta viagem era para a Capitania de S. Vicente no mesmo Brasil, o que não póde ser, porquanto naquelle tempo, e anno, como logo veremos, se não cuidava

na fundação desta Capitania, que foy alguns annos adiante, nem de outra alguma (1). Mas, ou fosse para esta, ou aquella, a sua Náo se vey meter na grande boca da Enceada da Bahia, agitada de ventos contrarios, onde sobrevindo-lhe outra tempestade, deo com ella, quebrados os mastros, e perdido o rumo, nos baixios, que ficão a Léste da sua barra, a que o Gentio chamava **Mairaguiquiig**; em fronte donde se mete no mar o Rio Vermelho, huma legoa distante da ponta, que dizem do Padrão. Aqui tiverão todos, com a perda da Náo, lastimoso naufragio, do qual os que livrarão com vida, não escaparão de serem prezas do barbaro Gentio Tupinambá, que habitava aquella Costa, e alli acudio, fazendo pilhagem, não só no que a despeçada Náo lançava ás prayas, muito melhor dos miseraveis naufragados, que recolhidos ás suas estacadas, lhes forão servindo de gostoso manjar para repetidos dias. Menos Diogo Alvares Corrêa, que ou a sua sorte, ou a sua viveza, ou tudo junto com o superior destino, lhe administrou para isso meyos opportunos. Era moço, esperto, agil, e entendimento vivo, e vendo aquella gente muy occupada na colheita dos varios despojos da perdida Náo, introduzindo com elles os ajudava a comboyar para onde via que elles os hião accommodando: e aqui começou a fortuna a tracar a sorte de Diogo Alvares. Este os servia cuidadoso, e elles o attendião alegres. Sempre o beneficio conciliou agrado de quem o faz para quem o recebe, pois ainda o mais bruto reconhece o seu bemfeitor, e a mayor ferocidade se mostra humanada ao que lhe communica o bem. O Leão defendeo ao homem, que lhe curou a chaga, tirando-lhe primeiro da mão o espinho; o perro de fila, em remuneração da isca, que lhe lança o salteador da vinha, faz entrega della áquelle mesmo, que de outra sorte seria estrago fatal das suas prezas; com os sinaes da vida, que percebia Diogo Alvares dos barbaros semblantes, já mais alentado do primeiro susto, teve advertencia para recolher entre os mais despojos algumas armas de fogo, barriz de polvora, e cunhêtes de bálas, tudo prevençoens, ja da sua astucia, e já de huma presagiosa, e vindoura fortuna.

30 — Havendo já recolhido o Gentio ás suas Estancias tudo o que do naufragio entendeo lhes podia servir, e elles ja tambem mais socegados nas suas cabanas, tratou Diogo Alves de preparar algumas daquellas armas; carrega huma, faz tiro com ella a certa presa (seria uma ave) dá com ella em terra, e foy tal o alvoroço no incauto Gentio, que meninos, e mulheres se punham em fugida, e os mayores em espanto, e admiração, de verem, e ouvirem huma tal cousa, e especialmente o damno, e estrago, que causavão as bálas sem serem vistas. Algum genero de desconfiança alcançou Diogo Alvares do Espanto, e temor do Gentio, mas elle no melhor modo que pode os deixou satisfeitos, dando-lhes a entender, que aquelle genero de instrumento não fazia damnos mais que a inimigos, que com facilidade e menos perigo podião ser vencidos com aquellas novas armas, do que com os seus antigos arcos, e frechas. Era costume barbaro desta gentilidade como repetidas vezes deixamos notado, trazerem continuamente guerras huns com outros, e nesta occasião as ravia grandes entre estes da Bahia, e os habitadores de Passé (1) em seis leguas de distancia, e querendo experimentar nestes inimigos, o que fazia Diogo Alvares nas caças com o seu arcabuz, sahirão em demanda, levando-o por Capitão. Avistarão-se os Exercitos, travarão as suas practicas, como costumavam antes de accometter, e sem esperar que estas se concluissem, segura Diogo Alvares o Mayoral do inimigo, que estava na frente do

(1) *Os autores de Historia do Brasil, e entre elles, R. Southey, Rocha Pitta, Americo Brasiliense e Macêdo, estão de accôrdo que Diogo Alvares Corrêa viajava para as Indias, confórme relata Fr. Jaboatam. Sómente o ultimo accrescenta que talvez viesse em alguma náu das que carregavam páu brasil. E', porém, mais provavel que fôsse mesmo para as Indias, em vista das intenções que levava e dos materiaes bellicos que fôram encontrados na embarcação naufragada.*

(1) *Passé era uma região pertencente á Provincia dos Tupynambás, a qual se tinha rebellado, contra o Maioral daquelles selvagens. Assim affirma Americo Brasiliense em suas "Lições de Historia Patria" na pag.* 16.

seu Exercito, faz-lhe pontaria aos peitos, dispara a arma, e dá com elle em terra, cahindo repentinamente, sem manear com alguma parte do corpo, que era bastantemente avultado. Do qual damno, e estrondo, e de outros, que trazia carregados, e foy disparando com o mesmo effeito, confusos, e atemorizados todos os do Exercito inimigo, não só se puzerão em fugida, até o lugar desampararão; e outros mais dos vizinhos, aonde chegava a noticia do homem do fogo, nome que lhe deo o mesmo Gentio, pelo que vião sahir do seu arcabuz, desde a primeira vez, que á vista delles o disparou, e se foy estendendo por todos os mais, ficando Diogo Alvares em tanta reputação com estes da Bahia, e com o seu Mayoral, ou principe, que determinarão de o não matar, pela grande utilidade que com elle se lhes seguia para as suas guerras; e aqui no fogo deste arcabuz se acabou de forjar toda a fortuna de Diogo Alvares. Nesta occasião, escrevem alguns lhe foy posto o celebrado nome de **CARAMURU'-GUAÇU'**, que quer dizer, affirmão os mesmos: **Dragão que sahio do mar**; porque, como hum Dragão, sahio do mar este homem para estrago do Gentio da terra. Outra significação mais propria, e natural, e assim a verdadeira, diremos logo qual seja a deste nome.

31 — Com estas, e outras similhantes victorias, que os da Bahia forão alcançando dos contrarios vizinhos com a ajuda, e armas do Caramurú, se foy elle fazendo tão temido, e respeitado, que de escravo passou a Senhor: Ja mandava a todos, e elles lhe obedecião, e não havia inimigo, que parasse, quando sabia ir com elles o homem do fogo, **Caramurú-Guaçú**. Logo lhe forão os mayoraes das Aldeias dando as filhas donzellas, e o Principal da Bahia foy o primeiro, que lhe deo huma só que tinha de poucos annos, sendo esta que lograva entre as outras o titulo de mulher, e prominencia de Princeza, e as mais de Damas, amigas, ou concubinas, conforme ao uso gentilico destes barbaros, que se não julgava por honrado aquelle Mayoral, que não tivesse ao Caramurú por seu parente; e assim veyo a ter muitos filhos, e filhas, que casando depois como pessoaes Nobres do Reyno, que por aquelle tempo passavão muitas a estas conquistas, forão cabeças das melhores Familias da Bahia. Tambem se fez logo mui eloquente da linguagem da terra, e para mayor segurança da sua pessoa, levantou humas casas fortes de taipa de pilão, com travessoens, e guaritas, no mesmo campo, onde hoje está a Igreja de Nossa Senhora da Graça, das quaes os vestigios, diz o que nos dá estas noticias, ainda permaneciam em seu tempo.

Nestas se recolheo, com suas mulheres, e familia, e nellas assistiu até o anno de 1524 em que sahio para França, como logo se dirá.

32 — Supposto dissemos, com os mais Escritores, que o nome Caramurú-Guaçú, fôra posto pelo Gentio a Diogo Alvares pela braveza, com que como hum Dragão sahira do mar para destruir, e tragar a muitos daquelles barbaros, não concordamos que fosse esta a causa primitiva daquelle nome, antes outra, como agora diremos, seguindo a commua tradição do mesmo Gentio, participada destes, e do mesmo Caramurú aos seus descendentes. He tradição constante derivada dos primeiros até os de agora, que naufragada a Náo de Diogo Alvares, como fica dito, entre os baixios do Rio Vermelho da entrada da Bahia, e acudindo alli o Gentio, com o Mayoral destes acompanhou tambem sua filha, de quem fallamos, e que andando ella com o pay, por entre aquellas pedreneiras, por estar vazia a maré á colheita dos despojos, vira a tal India a Diogo Alvares em a concavidade de huma dellas, onde o susto, e temor do numeroso, e bravo Gentio o havia escondido, condição natural, e innata no homem, occulta-se do inimigo, o que se não acha com meyos opportunos para a sua defesa. Então a India, ou como admirada da sua primeira vista, ou compadecida da sua fortuna, chamara pelo pay, e apontando para Diogo Alvares, entre aquellas aberturas, dissera assim: **Caramurú-Guaçú**, que foi o mesmo que dizer: Olha pay, que Moréa tão grande!

E que logo affeiçoada da sua vista, pedira ao pay que o não matasse; e que levado para a prãya, como se vio com sinaes de vida, e hum tal patrocinio, ajudado do seu natural genio e esperteza, se introduziu com elles na arrecadação, e conducta dos despojos da Náo. Esta he a tradição antiga deste successo, e em tudo muy ajustada, e conforme com o nome **Caramurú-Guaçú**, que foi posto a Diogo Alvares por este Gentio. Porque Caramurú, na sua lingua, quer dizer Morêa, especie de pescado, que tem por habitação as cavernas das perdeneiras, e nestas do Rio Vermelho, em que succedeo aquelle naufragio, as havia tão grandes, e deformes, que chegavão a tragar os Indios como

se fossem féras tubaroens, e **Guaçú** quer dizer grande, como é vulgar na mesma lingua. E como Diogo Alvares foy achado entre aquellas perderneiras, habitação das Moréas, como se fosse alguma dellas, e das grandes, lhe foy posto o nome de **Caramurú-Guaçú** E assim concordamos, que este nome lhe foy posto, propria, natural, e historicamente fallando, por ser achado entre as concavidades daquellas pederneiras do seu naufragio, fosse por quem quer que fosse, como huma grande Moréa, e á imitação das muitas, que nellas habitavão; e moralmente appropriado a elle mesmo, quando na primeira guerra venceo com o seu arcabuz aquelles inimigos, como hum grande, e feróz Dragão, que sahira das agoas para os tragar; porque só por appropriação, ou methaphora, se podia dizer Dragão do mar o que nelle fôrá achado como grande Moréa. Este primeiro lho pôs naturalmente a inclinada India, quando como Moréa grande o tirou de entre as pedras, para lhe dar piedosa a vida; o segundo lhe foy appropriado pelo Gentio, quando elle como hum cruel Dragão, que sahio do mar, atirou a muitos; e assim significando o nome **Caramurú-Guaçú**, hum só individuo, ainda que grande, ficou Diogo Alvares, com este grande nome, hum só **Caramurú-Guaçú**, com dois significados; com o primeiro de Moréa grande, pela naturalidade daquelle caso; com o segundo de Dragão do mar, por appropriação do seo valor. Foy este naufragio de Diogo Alvares pelos annos de 1518, com pouca differença, ou mais certo no de 1516, pelas razões de conjectura, que logo diremos. (9)

ESTANCIA II

Como Diogo Alvares foy a França, e do que lá passou até voltar á Bahia

33 — Havendo ja alguns annos, que serião sete, ou oito, que Diogo Alvares assistia com este Gentio, appareceo na Enceada da Bahia huma Não Franceza, que affirma o Manuscripto, que seguimos, foi a primeira desta nação que alli entrou. Foi vista por Diogo Alvares da sua Estancia, desceo á praya, fez sinal, mandou-lhe a Não batel, e foy recolhido nelle. Mas a India Paraguaçú, que assim se chamava pela linguagem dos seus, aquelle, a quem elle devia a vida, vendo que na de Diogo Alvares, que se ausentava, perdia a propria, porque cuidadosa o havia espreitado, se lançou a nado após o batel, e a rógos de Diogo Alvares, que no excesso apurava o affecto, foy recebida nelle e ambos levados á Não; effeito que não conseguio a constante resolução de outras mais das que elle tinha por mulheres, e huma dellas dizem se affogara, e ambos passarão á França. (1) Reinava então alli o Christianisimo

(1) *Outros historiographos suppõem que Caramurú ou Caramboró naufragara nas costas da Ilha Itaparica, em* 1510.

(1) *R. Southey no V. I da sua Historia do Brasil, firmado provavelmente em Jaboatão, confirma a viagem de caramurú com a sua culher ao reino de França, assim como a sua volta á Bahia, o que conseguiu por um acordo feito com certo mercador francês, a quem prometera carregar-lhe duas náos de páu brasil.*

Simão de Vasconcelos na "Chronica da Companhia de Jesus" V. I., p. 37, confirma tambem a viagem de Diogo Alvares á França. No entanto, muitos a negam fundamentados talvez em um estudo feito por Varnhagem a respeito do suposto acontecimento. A respeito do inquerito realizado pelo sabio historiador que acabamos de citar, encontra-se em Sonthey a seguinte nota: "Depois da luminosa dissertação do Sr.Varnhagen denominada "O Caramurú perante a historia" bem averiguado ficou que as romanescas aventuras de Diogo Alvares Correia não passam de uma lenda popular, fundada em um facto veridico." Varnhagen contesta a ida de Caramurú á França no tempo de Henrique II e o batismo de Paraguaçú, tendo por madrinha Catarina de Medicis. É verdade que Jaboatão coloca a presumida viagem no reinado de Francisco I que não no de Henrique. Varnhagen, porém, nega o fato em absoluto: E para provar a sua negativa cita tres testemunhas que estiveram na Bahia com aquele português, sem referirem a sua viagem á França.

A primeira testemunha é o sr. Navarrete, a segunda é Pero Lopes e a terceira é o sr. Herrera.

Varnhagen ajunta mais algumas razões comprobativas da inexistencia do fato, as quaes podem ser encontradas no V. X da Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, pg. 135.

Principe Francisco I, e não Henrique de Valois, e Catharina de Medicis, como escrevem todos os que vimos, e tratão esta historia. Porque este Monarcha entrou na posse do Reyno de França no anno de 1547, e neste mesmo anno foy morto, e comido pelos Tupynambás de Itaparicá, Francisco Pereira Coutinho, primeiro Fundador por ElRey D. João III, havia alguns dez annos desde o de 1537, da Capitania da Bahia; e antes deste ja no de 1534, havia arribado no seu porto Martim Affonso de Souza, a tempo, que já o **Caramurú** Diogo Alvares havia ido a França, e voltado á Bahia, como assentão todos. E se antes do Reynado de Henrique de Valois, e Catharina de Medicis no anno de 1547, ja desde o de 1534, havia arribado á Bahia Martim Affonso, e no de 1537, chegou a ella por seu primeiro Donatario, e Fundador Francisco Pereira Coutinho, e todos estes consta certamente, que quando chegarão á Bahia, já Diogo Alvares Caramurú havia feito viagem a França, e passado outra vez á Bahia, como era possivel ser esta em o reynado de Henrique de Valois, e Catharina de Medicis? Nasceo sem duvida esta equivocação do nome de Catharina, que dizem os mesmos, que isto escrevem, tomara esta India, em graça, e obsequio daquella Senhora, que lhe servio de Madrinha ao seo bautismo, e casamento; sendo mais provavel, e ainda certo, que o tomar aquelle nome, pois não havia em França naquelle tempo Rainha chamada Catharina, mas só em Portugal a que nesse mesmo anno de 1525, em o qual Diogo Alvares se achava em França, havia casado a cinco de Fevereiro, com El Rey D. João III, a Senhora D. Catharina; e he sem duvida, que em reverencia destes Monarchas Portuguezes, de quem era Vassalo Diogo Alvares Caramurú, e sua mulher, tomasse esta o nome de Catharina.

34 — Tambem he certo, como escrevem todos, os que relatão estes accasos de Diogo Alvares, que quando este chegou a França assistia na sua Corte, na continuação dos Estados Civis, e Canonicos, Pedro Fernandez Sardinha, hum Portuguez, que foy depois o primeiro Bispo da Bahia, com quem Diogo Alvares teve communicação, e consta dos mesmos Escritores, que neste anno de 1525 se achava certamente em França Pedro Fernandes Sardinha; e nem este podia estar naquella Corte no Reynado de Henrique de Valois, e Catharina de Medicis; porque este Principe subio ao Throno, como fica dito, no anno de 1547, e a este tempo ja Pedro Fernandes Sardinha era voltado daquella Corte para a de Portugal, tinha ido por Provisor, e Vigario Geral para a India, e se achava outra vez em Lisboa; pois no de 1550, conforme ao que escreve Mariz nos seus Dialogos, ou, como dizem outros, no de 1551 foy nomeado Bispo para o Brasil, para onde partio no de 1552, e não haverá que se persuada, que nos quatro annos, que vão de 1547 para 1550, ou 51, pudesse Pedro Fernandes Sardinha assistir em França, vir a Portugal, passar á India, ser lá Vigario Geral, e Provisor, tornar ao Reyno, e achar-se no Brasil.

35 — Por todos estes principios, e fundamentos solidos de congruencia, fica evidente, que no anno de 1524 devia sahir da Bahia para a França Diogo Alvares Caramurú, e sua fiel companheira, e que naquella Corte forão recebidos pelo Christianissimo Monarcha Francisco I, que neste tempo sustentava a Coroa deste Reyno, e nelle tratados com aquelle applauso, e benevolencia, que sabe conciliar a novidade, e huma tal, como a que devia causar a primeira vista de hum novo Individuo, e que vinha de outro Mundo tambem novo. Com hum mui solemne acto, (depois de bem instruida a India nos pontos precisos da Fé Catholica) e assistencia dos mayores daquella Corte, por hum Bispo lhes forão administrados os Sacramentos, a ella o do Bautismo primeiro, com o nome de Catharina, pelo motivo que apontamos da Senhora D. Catharina, Rainha de Portugal, e a ambos o do Matrimonio, sendo-lhes em hum, e outro Padrinhos os Reys de França, com outras muitas honras, e dadivas da sua Real grandeza, além das que a Catharina Alvares (sobrenome, que tomou em graça do marido) fizerão de vestidos, e peças ricas, outras grandes Senhoras daquella Corte.

36 — Nella teve (como fica dito) Diogo Alvares larga communicação com Pedro Fernandes Sardinha. A este participou com individuaes circumstancias as noticias do Brasil, e com especialidade, as que por experiencia tinha da Bahia, as quaes todas tornando a Portugal Pedro Fernandes deo a El-Rey, como lhe havia feito presente por cartas as rogativas de Diogo Alvares para solicitar o sahir elle daquella Corte; porquanto o Francez, por seus particulares interesses, o não queria consentir. Mas vendo Diogo Alvares, que nem o Rey de França lhe dava licença para sahir dalli, como lhe pedia, e nem o de

Portugal cuidava em tirá-lo, para se aproveitar delle naquella conquista, como lhe havia manifestado por Pedro Fernandes Sardinha, veyo a conseguir pela industria, o que não pode a razão. Concertou-se com certos Mercadores Francezes a carregar-lhes na Bahia duas Náos do páo Brasil, a troco de mandarem lançar nella, com alguns petrechos de guerra, e outros aprestos, que julgava serem-lhe cá necessarios para a sua melhor segurança; e estando ellas assim preparadas em hum porto distante de Pariz dezoito legoas, secretamente sahio daquella Cidade, com sua legitima consorte, e fiel companheira, á prima noite, e embarcados alli, dando logo á véla, chegarão á Bahia com prospera viagem, onde satisfez a promessa aos seus conductores, e novamente se fortaleceo na sua primeira Estancia, crescendo em respeito, e cabedaes, que o tempo, e a industria lhe hião administrando, e em que foy sufficientemente abastado.

ESTANCIA III

Mostra como neste meyo tempo, em que Diogo Alvares foy a França, veyo dar na Enseada da Bahia Christovão Jaques, e da razão porque pomos a este depois daquelle contra a opinião dos mais

37 — Deixamos dito, que mandado Gonçalo Coelho pelo Rey D. Manoel ao descobrimento, e demarcação das Costas, e Pórtos do Brasil, (*) se recolhera este, reynando ja D João III. Agora accrescentamos, que recebidas por este Monarcha as noticias, que trouxe do Brasil aquelle Capitão, mandou o mesmo Rey a Christovão Jaques á propria diligencia, e que este depois de navegados esses mares, e tomados varios pórtos, viera entrar na Enseada da Bahia, correra o seu Reconcavo, e Rios delle, onde no de Paraguaçu junto a sua barra, achando duas Náos Francezas ao negocio do páo vermelho com o Gentio da terra, e não se querendo ellas render, as metera a fundo, o que tudo feito, e tendo posto tambem o nome de Todos os Santos ao Promontorio da Bahia, por lhe parecer á vista hum alegre Paraizo, como dizem alguns, ou mais certo po rentrar por ella em primeiro de Novembro, dia dedicado pela Igeja á festividade de todos os Bemaventurados do Celeste Paraizo, voltara para o Reyno. Com estas noticias, e outras, que ja antes havia dado Pedro Lopes de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa, que tambem correra aquelles mares, e Costas, quando foy a Tamaracá (como a seu tempo diremos) se resolveo El-Rey o mandar para Povoador da Bahia, a Francisco Pereira Coutinho, passados alguns annos. Vindo affim a concluirem os Escritores todos, que fôra o Coutinho o primeiro Povoador da Bahia, e Christovão Jaques o seu primeiro descobridor. Nisto não podemos concordar, antes assentamos que o primeiro descobridor, e povoador primeiro Portuguez da Bahia, e ainda antes de que os Francezes entrassem na sua Enseada, e pórtos, foy Diogo Alvares Caramurú, e com hum fundamento tão solido, como verdadeiro, tirado do mesmo curso do tempo, com que estas cousas na Bahia se forão seguindo humas ás outras, e de alguns principios irrefragaveis, e que se não devem, nem pódem negar.

38 — He sem duvida, que nenhum dos Escritores, que fallão nestas Esquadras, que mandarão ao Brasil os nossos Reys, ao menos os que vimos, e lemos, assigna o anno da sua expedição, só dizem, que se forão seguindo humas ás outras, depois do primeiro descobrimento pelo Cabral. Dizem, que depois deste mandára El-Rey D. Manoel a Americo Vespucio; recolhido este, fôra enviado depois pelo mesmo Rey Gonçalo Coelho, e que voltára ja em tmepo do reynado de D. João III, mas nenhum assigna os annos destas idas, e vindas. Dizem tambem, que mandára El-Rey D. João III a Christovão Jacques, recebidas as noticias de Gonçalo Coelho, mas não expressão tambem em que anno fôra. Dizem mais, que á Bahia viera Diogo Alves Correa, que fôra a França, e tornara á Bahia, e tambem lhe não dão para estas jornadas anno determinado. Destes termos tão incertos, formando nós tão varias conjecturas, e fundados em um só ponto fixo, assignaremos agora os annos, com pouca differença de um á outro, em que estas taes cousas poderão succeder.

E assim assentamos, que Americo Vespucio partio para o Brasil, ou

* *Digress. I, Estancia 2 pag. 6.*

pelos fins do anno de 1501, ou no principio de 1502, (*) como em outro lugar explicaremos. Assentamos tambem, que Gonçalo Coelho sahira do Reyno ao mesmo intento pelos annos de 1520, ou 21 em que falleceo El-Rey D. Manoel, que o havia mandado; e que recolhendo-se ja em tempo de El-Rey D. João III, podia ser o mais breve do anno de 1522, primeiro Reynado deste Principe, que tomou a Corca pelo meyo de Dezembro do anno, que acabava de 1521. E assim tambem concordamos, que Christovão Jaques sendo enviado ao mesmo Brasil pelo sobredito Rey D. João III, depois que recebeo as noticias de Gonçalo Coelho no referido anno de 1522 por todo elle, só podia sahir do Reyno no seguinte anno de 1523, e que detendo-se pelos mais pórtos, e Costas do Brasil nas diligencias de os ver, e demarcar; quando veyo a descobrir o da Bahia, e a entrar pela sua Enseada, foy ja no anno de 1524; e que neste tempo ja Diogo Alves Caramurú havia sete, ou oito annos, tinha vindo dar á Bahia, e se achava partido para França nesta conjunção, e vay o fundamento solido, e verdadeiro destas conjecturas.

39 — Achamos nas Chronicas do Reyno, como tambem nas da Ordem, que no anno de 1534 fora mandado de Lisboa para Prelado mayor da nova Custodia de S. Thomé da India o P. Fr. Diogo Borba, com outros companheiros, e que estes forão para lá em companhia de Martim Affonso de Sousa, que neste mesmo anno hia por Capitão mór daquelles mares do Oriente, enviados pelo Rey D. João III, e que nesta viagem forão todos arribados á Bahia, e que entre outras obras de piedade em que na terra se exercitarão estes Religiosos, o tempo que alli assistirão, foy huma o serem Ministros do Sacramento do Matrimonio de duas filhas naturaes de Diogo Alvarse Caramurú, com dous Cavalheiros nobres, (*) como em outro lugar se dirá. Agora todo o fundamento do que temos promettido. Estas filhas de Diogo Alvares não podião recêber o Sacramento do Matrimonio antes que tivessem ao menos doze até quinze annos de idade; para terem esta idade no de 1534, em que forão desposadas, havião ter o seu nascimento no de 1519 ou dahi por diante, e para isso era necessario que no de 1518 estivesse ja Diogo Alvares na Bahia, ou ainda antes no de 1516, por isso lhe assignamos este no fim da I. Estancia desta Digressão: porque assim vinhão a ter aquellas suas filhas naturaes de quinze para dezoito annos, que era a idade mais competente para poder tomar aquelle estado no sobredito anno de 1534. E assim certo fica, que antes da vinda de Christovão Jaques á Bahia no governo de D. João III pelos annos de 1524, ja á Bahia havia aportado Diogo Alvares Caramurú, e assistido nella desde o anno de 1516 ou 1518, e ainda em tempo do Rey D. Manoel; e que não Christovão Jaques, mas Diogo Alvares foy sem duvida o primeiro Portuguez não só descobridor, mas tambem povoador primeiro da Bahia. Do dito se colhe mais, e sem controversia tambem, que neste mesmo anno de 1524, que Christovão Jaques entrou na Bahia, foy o em que havia sahido para França Diogo Alvares Caramurú; porque sendo certo, como fica mostrado, que Diogo Alvares veyo ter á Bahia alguns sete ou oito annos primeiro que Christovão Jaques, entrando este pela sua barra, e Enseada, em 1524, e não achando nella a Diogo Alvares, he sem duvida foy por não estar elle então na terra; não consta que estivesse fôra della, senão na jornada de França, certo fica ser esta neste mesmo anno de 1024. Hum só reparo póde haver aqui, e he: Que se Christovão Jaques veyo á Bahia depois de Diogo Alvares, e estando este em França; por que não achou elle no Gentio da terra esta noticia? Tambem he facil a solução ao reparo; porque não consta que Christovão Jaques tivesse communicação alguma com este Gentio; pois só se diz que se occupara no descobrimento da Enseada, e nas alturas, e demarcações della, e dos seus Rios; e dado caso, que tivesse a tal noticia, ou por confusa, ou por lhe não convir perder por segundo, o que podia ganhar por primeiro a quiz occultar.

40 — Concorre finalmente para confirmação de tudo, que por estes mesmos annos de 1524 começarão a cursar por estes mares, e Costas da Bahia Náos Francezas, e a que levou Diogo Alvares a Pariz, foy a primeira, diz o nosso allegado Manuscripto que entrou pela sua Enseada, e barra, e assim mostra a razão; porque, se aportara alli outra antes, seria vista por

* *Liv. Antep. cap.*
* *Vasconc, Chron, da Comp. l I, pal. 41: n. 41*

Diogo Alvares, que ja havia alguns oito annos que assistia no lugar, e podia fazer nella para França a mesma viagem, que fez nesta, que sem duvida seria companheira daquellas duas, que Christovam Jaques metteo a fundo na barra do Paraguaçú, ou viessem estas com a outra, ou logo depois, que tudo foy no mesmo, que Christovam Jaques aportou á Bahia, se achava em França Diogo Alvares; porque de outra sorte, a achar-se alli neste tempo, fizera em companhia de Christovam Jacques para o Reyno, o que executou para Pariz com os Francezes; como tambem, que quando Christovão Jaques entrou na Bahia, ja nella havia estado Diogo Alvares; e este discurso seguiremos sempre, de que foy Diogo Alvares Caramurú o primeiro descobridor, e povoador da Bahia, que he o fim, e conclusão de tudo o que fica dito. E nem o ser isto acaso da fortuna, o póde privar desta regalia, assim como não obstou a Pedro Alvares Cabral, para ser o primeiro descobridor do Brasil, trazê-lo ás suas Costas os lances da sorte, e acasos do tempo.

ESTANCIA IV

Da prodigiosa apparição da Imagem de N. Senhora da Graça de Villa Velha da Bahia

41 — Navegava pelos annos de 1530 huma Náo Castelhana para o Rio da Prata, e a força de ventos contrarios veyo dar com ella em os baixios da Ilha de Boypéba, que se ficarão chamando por este caso a Ponta dos Castelhanos, onde padecerão lastimoso naufragio. A estes acudio Diogo Alvares, noticioso da sua fortuna, e como o que ja experimentara outra semelhante; e a sua presença bastou a livrar aos que escaparão das furias do mar, do ventre dos Barbaros Gentios Tupynambás, que ja as tinhão a bom recado. Trouxe-os comsigo, hospedou-os com caridade, e em particular alguns Cavalheiros de distinção, que entre elles vinhão os quaes voltando a Hespanha, tanto abonarão a Diogo Alvares com o Imperador Carlos V, então Rey daquella Monarchia, que este lhe escreveo huma carta, em que lhe agradecia o beneficio, e offerecia sua graça.

42 — Houve nesta occasião hum caso maravilhoso, e muito digno de ser repetido. Voltava Diogo Alvares de soccorrer aos Castelhanos, quando lhe diz Catharina Alvares sua consorte, e lhe roga com muita instancia torne ao lugar do naufragio, lhe traga huma mulher, que viera naquella mesma Náo, e se achava entre os Indios, porque lhe apparecia em sonhos, e lhe dizia a mandasse buscar, e lhe fizesse huma casa junto alli para sua morada. Voltou o Caramurú, fez diligencia, e não achou noticia alguma daquella mulher. Mas a sua não se aquietava, porque teimando a devota India dizia, que nas suas Aldêas a tinha o Gentio occulta, porque os sonhos, ou visoens não cessavão. Tornou Diogo Alvares segunda, e terceira vez, repetio as diligencias, e não apparecia a tal mulher. Ameaça aos Indios, e elles lhe respondem, (apontando para huma caixa de madeira destroncada do mar, e lançada a hum canto da choupana, e dentro della huma Imagem da Senhora) que senão era aquillo o que elle buscava, que de outra mulher não sabião. Trouxe Diogo Alvares a sagrada Imagem, que vendo-a a devota Catharina, se abraçou com ella, e com lagrimas lhe dizia, ser aquella mesma a que lhe havia apparecido. Logo pedio-lhe mandasse fazer huma Capella, a qual levantarão de taypa, e de pedra, e cal, onde foy collocada, com o titulo de N. Senhora da Graça, em memoria da que fez a estes seos devotos de se lhes communicar, como piedosa; e hoje a possuem os Religiosos do Patriarcha S. Bento com ntuto de Abbadia, a quem esta devota Brasiliana, por morte de seu marido, fez doação assim da Igreja, como da terra do seu patrimonio. He a Imagem da Senhora de cinco para seis palmos, de madeira ao antigo, e está na mesma fórma em que foy achada, sem até o presente ser renovada em cousa alguma do seu vulto, que he perfeito, e inculca em tudo devoção, e causa reverencia, collocada no Altar da Capella mayor, e para mais culto, e veneração cuberta no seu nicho com hum véo rico e todo o adorno competente, e que se deve a tão prodigioso simulacro, e em todo o tempo milagroso, como publicão pendentes das paredes os varios troféos da sua piedade. Não consta do anno em que falleceo Catharina Alvares, e só na pedra que cobre a sua sepultura na Capella mór, se lê a inscripção seguinte: **Sepultura de D. Catharina Alvares, Senhora desta Capetania da Bahia, a qual ella, e seu marido Diogo Alvares Correa, natural de Vianna derão aos Senhores Reys de Portugal fez, e deo esta Capella ao Patriarcha S. Bento. Anno de 1582.** Este anno se acha emendado no seo algarismo em o livro do tombo do Mosteiro de S. Bento da mesma Cidade, declarando, que fora feita esta doação a 16 de julho de 1586. Sendo assim, neste mesmo anno era viva ainda Catharina Alvares, e contava sem duvida ao menos outros 86 de idade que he a que devia ter, para que no de 1516 ou 18, quando na Bahia naufragou Diogo Alvares, a pudesse tomar por mulher com 16 annos de idade, quando não tivesse mais. Não se acha o em que falleceo.

ESTANCIA V

Faz memoria da muy muy descendencia de Diogo Alvares Caramurú

43 — Aqui me parece devo (para perpetuar mais a memoria de hum sujeito, que tanto nome deixou á fama, e que tanto mereceo ao Ceo, ou á fortuna) trasladar, o que em Manuscrito antigo, que ja deixamos outras vezes apontado, se escreve acerca da sua larga, e nobre descendencia, e não menos benemerita de ser lembrada; pois muitos dlles servião tambem, e muito a esta Conquista, ao seu Rey, á sua patria, e a Deos. E se houver algum genio melancolico, ou enfastiado de ouvir encomios alheyos, nesta estancia se não demore, e passe adiante, que para elle a não formamos, e menos para nós, ou alguns dos nossos; porque por nenhuma via nos embaraçamos com os ramos, nem imos topar com o tronco desta arvore. Diz pois assim o allegado, e velho Manuscrito com suas proprias frases:

Indo Martim Affonso de Sousa para a India, tomou de arribada o porto desta Bahia, e os Padres de S. Francisco, que comsigo levava, bautizarão os filhos, e filhas naturaes do dito Diogo Alvares, e tambem alguns legitimos, que ja tinha da dita legitima sua mulher: e logo casou huma filha natural com Affonso Rodrigues natural de Obidos, e outra com hum Fidalgo Genovez por nome Paulo Dias Adorno, que havia pouco havião vindo de S. Vicente em huma lancha, por hum omisio, que lá tiverão.

Depois veyo Francisco Pereira Coutinho com gente a povoar esta Capitania da Bahia, de que El-Rey lhe havia feito mercê, e então casou o dito Diogo Alvares Caramurú suas filhas legitimas de entre elle, e sua mulher; a saber: a mais velha, que se chamou Anna Alvares, com Custodio Rodrigues Correa, pessoa nobre natural de Santarem, dos quaes nascerão os filhos e filhas seguintes, a saber: o P. Marçal Rodrigues, vigario de Villa Velha, e o Capitão André Rodrigues Correa, e Lourenço Correa, e Paulo Rodrigues, e Jorge, e Izabel Rodrigues, que depois casou com João Marante, natural de Coimbra, e Maria Correa, que depois casou com Ayres da Rocha Peixoto, natural de Elvas, e dos mais nobres.

Com Genebra Alvares, outra filha de Diogo Alvares Caramurú, casou Vicente Diaz, natural do Alentejo, criado do Infante D. Luiz, homem Fidalgo, e della houve a Diogo Diaz, Belchior Diaz Moreira, Lourenço Diaz, e Vicente Diaz, e Maria Diaz, que casou com Francisco de Araujo, natural de Ponte de Lima, da melhor nobreza de Entre Douro e Minho.

Catharina Alvares, casou com Balthazar Barbosa, meyo irmão do dito Francisco de Araujo; Andreza Diaz que casou com Diogo de Morim Soares, e Francisca Diaz, que casou com Antonio de Araujo, irmão de Gaspar Barbosa de Araujo, todos naturaes de Ponte Lima.

A terceira filha de Diogo Alvares Caramurú, foy Apollonia Alvares, que casou com o Capitão João de Figueiredo Mascarenhas, e pelo nome do Gentio o Buatucá, era natural da Cidade de Faro, filho de Lourenço de Figueiredo, Fidalgo nos livros del Rey, que passou á Bahia por matar hum Conego seu parente, trazendo comsigo este filho de doze annos que fez grandes serviços a Deos, e a El-Rey, conquistando a mayor parte destas Capitanias; pelo que El-Rey lhe escrevia, que o estimava muito; morreo de meya idade, deixando cinco filhas, de que a mais velha se chamava Felippa de Figueiredo, que casou com o Capitão Antonio Paiva; a segunda, Maria de Figueiredo, casou com o Capitão Sebastião de Brito Correa; a quarta, Gracia de Figueiredo, casou com Francisco de Barros, natural de Ponte de Lima; a quinta, Clemencia de Figueirêdo casou com Bento de Barbuda, natural da Bahia, filho de Francisco de Barbuda, o Velho.

A quinta, e ultima filha de Diogo Alvares Caramurú, foy Gracia Alvares, que casou com Antão Gil, seos filhos e filhas forão Cosmo Gil, Diogo Alvares, Lourenço Sarradas, Antão Gil, Catharina Gil, que casou com Gaspar Barbosa de Araujo, natural de Ponte de Lima, que era irmão de Antonio de Araujo, marido de Francisca Diaz, acima dito, e ambos primos de Francisco de Araujo sobre dito; e D. Maria Gil, que casou com o Capitão Basilio Gonçalo Rezende Mesquita, natural da Villa de Vianna.

Os filhos naturaes do dito Diogo Alvares, forão os seguintes: Gaspar Alvares, que casou com Maria Rebello, irmã de Lopo Rebello, escrivão da Açada, offirio que El-Rey dee, pelo que perdeo em Arzila, onde era morador; quando se despojou aquella fronteira: e Marcos Alvares, que foy o que fez com os Tapuyas, e os trouxe á communicação com os Portuguezes, e Manoel Alvares, e Diogo Alvares, que matarão os Indios em Giquiriça, quando matarão o filho do Governador Mem de Sá.

As filhas naturaes de Diogo Alvares forão, Magdalena Alvares, que casou com Affonso Rodrigues, que ja se disse acima, e Filippa Alvares, que casou com Paulo Diaz Adorno, dos quaes naceo Antonio Diaz Adorno, Cavalheiro do Habito de Santiago; dos dous acima Affonso Rodrigues, e Magdalena Alvares, nacerão o Capitão Rodrigo Martins, o Capitão Alvaro Rodrigues, e Gaspar Rodrigues, Senhores do Engenho da Cachueira, e suas terras. As outras forão, Helena Alvares casada com João Luiz, e delles houve, Thomé Luiz, Antonio Luiz, Salvador Luiz, e Ignez Luiz, que casou com Antonio Rodrigues, Prior: Izabel Alvares, outra filha do dito Caramurú, foy casada com Francisco Rodrigues; seos filhos Filippe Rodrigues, e Joanna Rodrigues, que casou com Gaspar Mello, sogro de Sebastião de Cubêlos. A ultima foy Beatriz Alvares, que casou com Antonio Vaz; seos filhos forão Gonçalo Vaz, Jeronymo Vaz, Maria Gonçalves, que casou com Balthazar Margalho do Acripe.

CRUZ DAS ALMAS

A VERDADEIRA GRAPHIA DO POPULOSO BAIRRO SUBURBANO

Na substituição dos nomes dados a certos lugares procura-se attender ao estabelecimento da verdade historica, ao restabelecimento de um vocabulo, que a linguagem popular deturpou, ou ás circumstancias outras.

De qualquer fórma a substituição é amparada em uma justificativa ditada pela senso dos homens.

Restringindo a nossa observação a esta capital, outr'ora constituida de dois bairros — o do varadouro e o da cidade alta — não encontramos mais o nome de — Convertida — que foi substituido pelo de — Maciel Pinheiro — para designar a rua do commercio.

Diz-nos o dr. Maximiano Lopes Machado, que d. Luiz de Santa Thereza, bispo de Olinda, em 1744, promoveu a fundação do recolhimento das Convertidas no Varadouro.

"O recolhimento das convertidas foi regulado pelos estatutos dos Urselinas, e funccionou alguns annos com regularidade. satisfazendo os fins do seu instituidor, mas retirando-se este para Lisbôa, em 1754, por ordem do govêrno, ficaram as recolhidas sem recursos; o edificio arruinou-se, até que por fim o abandonaram, ficando apenas como lembrança dessa pia instituição o nome de convertidas que tomou a rua ahi feita posteriormente..."

(Historia da Parahyba, pags. 435 e 436).

O nome da rua da Areia foi permutado pelo de Barão da Passagem; a rua da Cadeia passou a ser Visconde de Pelotas; a rua Direita — Duque de Caxias, etc.

Esses nomes permutados derivaram-se de causas accidentaes, que, uma vez removidas, os levariam ao esquecimento, ou a uma mudança por outros mais expressivos de uma circumstancia qualquer.

O criterio na escolha de um nome, hontem como hoje, não tem primado por um cunho insophismavel, e, ás vezes, se fór-

ma pela volição de um só individuo, investido de alguma autoridade administrativa, ou dominado de algum intuito bom ou máu.

Em regra, entre nós, as ruas novas que o povo, por conta propria, prepara, recebem o nome que á alma popular acode embora sem uma significação merecedora de nota.

Assim surgiram nessa ultima decada as ruas populares — Cordão Azul, Cordão Encarnado, Amendoim, Belleza, Quero por que quero, Gloria, Vasco da Gama, S. João, S. Luiz, etc.

Esses nomes e os de muitas outras ruas fatalmente, serão substituidos, como o fôram os Mata-negro, Viração, Bôa Vista, Fôgo, Melão, Formosa, Cajueiro, Sodoma, Boi xoco, etc., á proporção que ellas mudaram a feição primitiva.

Com o nome de — Trincheiras — primeiramente se designou o ponto, em que de facto se construiram as trincheiras, da Igreja do B. Jesús dos Martyrios, actual Matriz de N. S. de Lourdes, ás visinhanças do Palacio do govêrno estadual.

Depois elle foi se estendendo a ponto de designar o arrabalde que do Palacio do Govêrno terminava nos dois caminhos, do qual a rua principal era do General Barrêtto, no ultimo quartel do Imperio, ou no primeiro da Republica.

Esse nome de Trincheiras perdura com a differença de que não designa um arrabalde, mais importante bairro desta cidade, e perdurará tal a sua significação historica.

O Tambiá perdeu a categoria de arrabalde pela de bairro urbano, conservando o seu nome tradicional e derivado da bica do Tambiá, construida em 1782, e que melhor sorte tem tido do que as suas congeneres — a Fonte do Milagre e a fonte do Gravatá, também construidas em 1784.

O rio Jaguaribe ligou o seu nome a um arrabalde e a um bairro que tende a ser o melhor desta cidade. Também tem sua origem historica, denominando a data de sesmaria concedida em 8 de fevereiro de 1587 a Francisco Gonçalves Serralheiro. (Irineu Pinto. Hist. da Parahyba, pag. 23).

O nome Mandacarú, que lembra uma planta da familia das cactaceas abundante em os curimataús, denomina um arrabalde, ligado a esta cidade pela rua chamada — Padre Lindolpho, em homenagem ao saber e talento desse notavel sacerdote parahybano.

O antigo sitio emphiteutico, do patrimonio de S. Bento, de que até certo tempo foi foreiro o Estado, hoje constitúe um excellente arrabalde conhecido pelo nome de Cruz do Peixe, procedente da seguinte versão :

Cançado da viagem de Tambaú a esta cidade, um peixeiro alcançou o ponto da entrada para a estrada de Mandacarú, no qual se erguia uma cruz de madeira, e para descançar pousou o seu "calão" de peixe sobre o braço da cruz.

Perdido o respeito a essa cruz que alli rememorava um homicidio, successivamente outros peixeiros seguiram o exemplo daquelle, surgindo para a referida cruz o nome de Cruz do Peixe, que se estendeu ao local e depois ao sitio em que ella foi encravada.

Merece não ser esquecido o bairro do Riacho, estendendo-se do Passeio Geral á rua S. Miguel, e rua da Republica á do Cordão Encarnado; nem o arrabalde — Riacho, que se dilata pelas terras da propriedade — Graça.

O nome de "riacho" parece derivar-se do regato que deu nome ao antigo sitio — Riacho — que lhe ficava adjacente.

Essas divagações nos mostram a origem de certos nomes, demonstrativos de nossos bairros urbanos e dos arrabaldes, e que, a despeito do progresso da nossa cidade, são mantidos como homenagem á nossa tradição.

Ao arrabalde das Trincheiras está succedendo o que empresta o nome a este despretencioso trabalho.

No inicio do vigente regimen republicano, existia o quarteirão eleitoral de n. 33, estendendo-se dos Dois Caminhos a Alagôa Grande, e dentro dessa extensão territorial ficava a estrada da Cruz das Almas, assim conhecida até a ladeira do Oitizeiro.

De 1914 data o inicio da povoação que, á margem daquella estrada e no planalto, delimitado ao nascente pelo rio Jaguaribe e ao poente pelos veles do Riacho e da Graça, está florescendo, constituindo um arrabalde urbano.

O nome — cruz das almas, — dizem sôa mal e por isso tende a ser substituido pelo de Cruz de Armas ou Cruz das Armas.

Por que ou para que essa substituição ?...

Essa interrogação que se me tem feito, por tanto ser repetida, decidiu-me a fazer algumas indagações, que elucidem, pelo menos, aos que, como eu, ignoram o movel dessa substituição.

Cruz das Almas vem de longe, atravessou o seculo dezenove, e talvez o dezoito, tendo vindo de geração em geração até o presente.

Desperta a quem o lêr pela primeira vez a idéa de uma cruz, symbolo da religião do Calvario, ou de um cruzeiro, feito de pedra ou de madeira, erguido á margem das estradas, nos adros ou sobre os montes, para a testificação de acontecimentos excepcionalmente merecedoras do conhecimento dos posteros.

NOTAS : — (1) O nome da estrada da Cruz das Almas não existia em 1709, e pelos documentos já referidos remonta a 1803 ou 1763.

O Provedor da Fazenda Real, cumprindo despacho do Governador da Capitania lhe dizia:

"Informação — Sr. Governador, a terra que ficou devoluta na medição, que fiz das de Floriano Bezerra, é começando na estrada que vae desta cidade para os Engenhos (é a estrada da Cruz das Almas que era o caminho geral antes da ponte de Sanhauá) junto da cerca do convento de S. Gonçalo, correndo certa pela estrada...

Parahyba, 20 de agosto de 1709.

"Esta copia é fiel da outra que existe no archivo da Santa Casa que

No povoado Cruz das Almas se não vê erecto algum cruzeiro, ou erguida uma cruz, patrocinando a existencia desse nome.

Entretanto, se invocarmos a lenda esta nos indicará o local em que por longos annos se ostentou firme o cruzeiro da Graça, como a sentinella avançada da fé dos obreiros da capella de N. S. da Graça.

Ficava collocado sobre o planalto, em ponto que bem divisa os vales do Jaguaribe e da Graça, e servia de guia aos que, até elle marchando unidos, se separavam em rumo de Goyanna, ou do interior das terras parahybanas.

Parece-nos a erecção desse cruzeiro remonta ao periodo que se seguiu á extincção do dominio hollandês nesta outr'ora capitania da Parahyba, e teve a mão de obra dos padres jesuitas, senhores então dos sitios da margem esquerda do Jaguaribe.

Entre essas primitivas propriedades figuraram os sitios da Graça e do Outeiro, que depois se subdividiram formando outros, tendo naquelle os jesuitas construido a capella de N. S. da Graça.

Após a expulsão dos jesuitas, em 1760, os seus sitios foram confiscados e vendidos a terceiros. (Irineu Pinto — Datas e Notas para a Historia da Parahyba, pag. 159).

A Capella e o Cruzeiro da Graça ficaram, como attestado da operosidade dos seus obreiros, e foram além.

Ainda, em meiado do seculo XIX, permanecia de pé o cruzeiro da Graça, como dão noticia certas pessôas que ainda sobrevivem.

De 1860 a 1870 foi elle derribado, e é de crer, que se derruiu por força da acção do tempo.

A respeito, contou-me um nonagenario, que ainda vive: "certa tardinha a filha mais velha do Fuão residente na visinhança de cruzeiro, fôra ao pé da cruz fazer a sua costumeira oração,

---

por estar estragada pela traça fez se registrar. O escrivão José Lucas de Sousa Rangel".

Posteriormente, o escrivão da Santa Casa, José Marques Camacho, em 11 de junho de 1873 a transcreveu para o livro em que ella figura, aberto em 17 de maio de 1872.

O parenthese que se lê no trecho transcripto da informação é a estrada da Cruz das Almas, que era o caminho geral antes da ponte do Sanhauá, já em 1860, quando o documento fôra transcripto delle era parte integrante.

E a ponte do Sanhauá foi construida pela primeira vez por deliberação do Conselho Provincial, approvado pelo decreto de 25 de outubro de 1831, "e feita de novo em 1861".

Em 1760 occorreu a expulsão dos jesuitas da Capitania da Parahyba, para onde haviam voltado após o termino da guerra hollandêsa. Antes de expulsos construiram a Capella de N. S. da Graça e o seu cruzeiro.

O nome de estrada da Cruz das Almas surgiu antes de 1760. E' admissivel.

e dalli fugira; alguns dias depois, o cruzeiro amanheceu derribado, e se attribuia essa façanha ao dito Fuão, para evitar igual destino ás outras filhas".

Ainda tive a opportunidade de ver e contemplar em fragmentos o cruzeiro da Graça e recordo-me do que ouvira de meu pae, que o attribuia aos jesuitas.

O vocabulo "cruz" do nome Cruz das Almas derivou-se do cruzeiro ou da cruz da Graça.

Posto á margem da estrada, que até chegar nelle, era conhecido pelo nome de "estrada geral", por ter sido a unica naquella época de accesso a esta cidade, transmittiu o nome "cruz" áquella.

Na margem dessa estrada da cruz ou estrada geral, após o estabelecimento do commercio terrestre entre as capitanias de Pernambuco e Parahyba, surgiram as habitações e os sitios.

Alli floresceram os sitios Genipapeiro do Sul, Genipapeiro do Norte, Riacho de Cima ou do Sul, Engenhoca do Sul, Jambreiro, e outros, comprehendidos todos na area da avenida S. Paulo á Cruz das Almas.

E nas circumvisinhanças do alludido cruzeiro existiram os sitios — Cruz das Almas, da estrada ou da Cruz, Graça, Outeiro e Jaguaribe dos Crioulos.

No antigo sitio denominado da Estrada ou sitio da Estrada da Cruz, ou simplesmente, sitio da Cruz, correspondente ao quarteirão da entrada da rua S. Luiz á da Graça, existiram varias habitações, pertencentes a proprietarios diversos.

Comprovando essa asserção, vê-se em uma escriptura de venda e compra o seguinte:

Em 23 de abril de 1803 a viuva Maria Pereira de Jesus vendeu "umas moradas de casas, sitas nas terras que vendeu ao padre João Pereira Gonçalves Santos, junto da Cruz das Almas..."

Já em 1830, alli junto da Cruz das Almas, havia "moradas de casas", sitas em terras que anteriormente a possuidora vendera.

No mesmo anno, em 29 de abril, a mesma Maria Pereira de Jesus vendeu mais, como a possuidora de mansa e pacifica posse ha mais de quarenta annos uma sorte de terras na estrada que vae para a Cruz das Almas da parte do nascente, que tem cem braças de largura pela dita estrada, ao padre João Pereira Gonçalves Santos..."

Por essa outra escriptura, em que consta o trecho transcripto, a vendedora desfez-se de terras que possuia, mansa e pacificamente ha quarenta annos, isto é, desde 1763.

Os terrenos referidos nessas duas escripturas ficam actualmente encravados na propriedade de d. Celina Novaes, e do lado opposto á escola publica da Cruz das Almas.

Esses mesmos terrenos, com as "moradas de casas", estavam situados, quando foram transferidos ao padre João Pereira Gonçalves Santos, "junto da Cruz das Almas... na estrada que vae para a Cruz das Almas...

Essa referencia prova que em 1803, havia a "Cruz das Al-

mas", um lugar, uma propriedade, ou uma cruz a que se chamava — Cruz das Almas.

Corroborando o que vem de ser escripto, surge o "Diario da Revolução de 1817, escripto pelo sargento mór Francisco S. do Valle" em que se lê o seguinte:

"... e tão bem Thomaz de Aquino da Silva Bandeira, e todos se preparam para a primeira voz, segundo Plano justo, o qual era de juntar toda gente de Pacatuba Romcoagoa, Curral de Cima, Batalha, Villas do Conde, Alhandra e Pilar, para atacarem a cidade por três pontos, que eram o Sanhauá, Cruz das Almas e Cabo Branco..."

(Rev. do Inst. Geog. Parahybano, vol. 4, pag. 136).

Os revolucionarios de 1817, senhores desta cidade, preparavam-se para defendel-a, impedindo o ataque dos realistas pelo ponto "Cruz das Almas".

Era este um ponto circumvisinho da capital, e por elle as forças realistas haviam de passar, e passaram sem a menor opposição dos dominadores desta cidade.

Erroneo é se asseverar depois disso que alli e naquella época houve encontro de forças oppostas, cruzando as armas, de modo a desse facto surgir o nome Cruz de Armas.

Precisando ainda mais a localização do sitio Cruz das Almas ha varios documentos antigos e circumstancias outras.

Em 1825, proprietario das terras de Jaguaribe de Cima (havia-as com a denominação de Jaguaribe de Baixo, Jaguaribe do Meio, ao longo do rio Rio Jaguaribe), effectuou a demarcação dessa sua propriedade, de cujo termo consta o seguinte: "Rumo de observação da balisa para o marco do angulo reintrante que entesta por dois lados com os confrontantes, pagando da divisa que é uma pedra ou marca que está á direita da estrada nova que abriu o demarcante, vindo da parte da Cruz das Almas..."

O sitio Jaguaribe de cima fica ao sul da Cruz das Almas e com aquelle tinha um ponto de contacto, no alludido marco do angulo reintrante, de modo que concorre para bem determinar a situação do sitio Cruz das Almas.

Em 11 de abril de 1883 "José Francisco Pereira Campos vendeu o sitio que possuia na estrada que vae desta cidade para a cruz das almas..."

Do livro I de aforamentos de terrenos da S. Casa consta o que se fez em 20 de maio de 1930, na estrada da Cruz das Almas.

Do mesmo livro, consta o aforamento de outros terrenos á esquerda da estrada geral da Cruz das Almas, effectuado em 10 de janeiro de 1836.

Em 14 de março de 1846, Antonio José Correia de Sampaio vendeu a Joaquim Antonio de Oliveira Junior uma parte de terra na estrada Cruz das Almas.

Em 21 de junho de 1847, Antonio Xavier de Sampaio vendeu a José Luiz Pereira Lima um sitio de terras na Cruz das Almas, arrabalde desta cidade.

Do que fica exposto se conclue que o nome Cruz das Almas é antigo, e sempre indicou o trecho da estrada que, partindo desta cidade atravessava o sitio Cruz das Almas.

E este está situado na extremidade do planalto que segue desta cidade e em rumo do sul. As suas terras começavam do ponto em que se bifurca a estrada de Gramame, da Graça e Marés, justamente no local do cruzeiro da graça, limitavam-se com o sitio Graça pela dita estrada das Marés, com o sitio do meio, Oitizeiro, Jaguaribe de Cima e Jaguaribe dos Crioulos.

Nelle moraram os meus avós maternos em cuja companhia passei magnificos dias, brincando á sombra das frondosas mangueiras, que o cobriam.

Ainda vive nesta cidade o nonagenario João Baptista, que passou mais de cincoenta annos morando nesse sitio, aonde os meus referidos avós alforriaram a mãe delle e aos filhos della.

Ha muita gente ainda que sabe precisar o local do sitio Cruz das Almas, cuja maioria de suas terras actualmente pertencem á archidiocese.

A palavra — cruz — que entra na composição do nome — Cruz das Almas — proveiu do Cruzeiro da Graça, e o outro termo — das Almas — encontra apoio na tradição popular.

Esse cruzeiro foi alvo de devoção, os crentes lhe ornavam de flôres, lhe davam luz; e delle faziam o confidente dar supplicas enviadas ás entidades divinas.

Em torno delle, também, occorreram scenas de sangue. A's vezes o viandante assombrava-se em divisar um vulto de joelhos ao pé do cruzeiro. Outras vezes aquelle vulto era o de um malfeitor em espionagem.

Verificaram-se diversos assassinatos para roubar, servindo de coito aos seus autores as mattas vizinhas, que cobriam as margens do Jaguaribe.

Esses malfeitores, na maioria, eram escravos fugidos, e por isso, errantes, vivendo do fructo dos assaltos á propriedade alheia. (2).

---

(2) Em a primeira decada do seculo 18, a capitania da Parahyba desenvolveu-se. "Ao mesmo tempo a agricultura se estendia nas proximidades do littoral".

"Nesses tempos de amplos desertos e de população rarefeita, muitas vezes os escravos fugiam ao trabalho dos engenhos e constituiam quilombos, donde sahiam a exercer depredações. Desses um dos mais celebres da Capitania foi o que se estabeleceu no lugar Cumbe; em 1701 o govêrno teve de mandar forçar contra elle, que foi afinal destruido por um proprietario, João Tavares de Castro". (Manuel Tavares Cavalcanti — Epitome da Historia da Parahyba, pag. 65).

As almas a que nos referimos no artigo eram os escravos fugidos, que se acoitavam ás margens do Jaguaribe, formando pequenos quilombos.

O sitio Jaguaribe dos crioulos foi séde de um desses agrupamentos de que ha ainda reminiscencia do quanto praticavam nas circumvisinhanças.

E a bifurcação de duas estradas ao pé do Cruzeiro da Graça, na época em que ellas eram as unicas vias de communicação do interior com esta cidade, favorecia a cobiça dos ladrões.

Esses e outros factos, continuos, imprevistos e terrificantes, geraram na crendice popular a idéa de que as almas dos mortos voltavam a penar naquella paragem.

A verdade é, asseverou-me o nonagenario, já referido, a estrada nas vizinhanças do Cruzeiro, era mal assombrada, como o era o sitio Cruz das Almas. E essa affirmativa tambem colhi de muitos outros que me contaram cousas phantasticas, e cuja autoria eu attribuo aos malfeitores e amigos do alheio.

Mas, naquelle tempo, a continuidade de taes factos era de ter despertado no espirito popular a versão que deu lugar a se chamar ao alludido sitio Cruz das Almas.

Parece-nos explicada a procedencia do nome — Cruz das Almas — e demonstrado o sitio que elle primeiro designou.

Chegaram até nós os nomes de Zumby, Rogger, Tambiá, Boi só (Boy assu), Macaco e outros, e seguem, com as homenagens prestadas á tradição que representam, designando os sitios que sempre determinaram.

Relativamente ao nome Cruz das Almas o criterio deve ser o mesmo dado á identidade do caso.

O nome—Cruz das Almas—deve prevalecer sobre qualquer outro, para designar a povoação que se levanta no antigo sitio Cruz das Almas.

J. FERREIRA DE NOVAES

Nas cabecciras do Jaguaribe, ha os negros da Agua-fria, formando um nucleo.

E mais além, nas margens do sul do Gramame, no Paratibe, existe o nucleo dos negros arapuás, que sempre foram afamados.

Desses três pontos sahiam os contingentes que, nas circumvisinhanças do Cruzeiro da Graça, assaltavam aos viandantes, roubando-lhes a bolsa.

As suas apparições naquelle sitio, de dia ou á noite, determinaram que o povo o chamasse das almas—Cruz das Almas.

No Estado da Bahia ha o municipio da Cruz das Almas.

2.ª PARTE

VARIEDADES

João Fernandes Vieira

SUA ASCENDENCIA E RELAÇÃO COM ALGUNS SEUS PARENTES EM PERNAMBUCO E AQUI, NO RIO

§ 1.º

1 — Tristão Vaz — 1.º Capm. Donatario da Capitania de Machico — foi companheiro do descobridor das Ilhas do Porto Santo e da Madeira. João Gonçalves Zarw o que. por sua vez, foi 1.º Capm. da Capitania do Funchal — Teve 12 filhos, sendo 4 varões, de sua mulher, d. Branca Teixeira — Entre os quaes:

2 — Lançarote Teixeira que se casou com D.ª Breitas do Goes.

2 — D.ª Catharina Teixeira, que se casou com um Gaspar Mendes de Vasconcellos.

Lançarote Teixeira (2), casado, por 1440? com Breites de Góes, filha de João do Rêgo e D.ª Breites de Góes, da Provincia do Algarve (Portugal), teve 12 filhos, dos quaes 4 varões; entre elles:

3 — Francisco de Goes

3 — Helena de Goes, casada com Mendo de Ornellas Vasconcellos, filha de Alvaro de Ornellas Saavedra e de D.ª Constança de Mendonça.

Francisco de Goes (3), 2.º filho de nascimento e de varonia, casou-se, por 1500? Com D.ª Barbara de Mendonça, irmã do seu cunhado. Mendo de Ornellas Vasconcellos, ambos filhos do Alvaro, já citado, da qual houve 6 filhos, sendo 3 varões — e 2 bastardos; entre os filhos legitimos, houve:

4 — Mendo de Ornellas de Vasconcellos que segue

Mendo de Ornellas Vasconcellos, 2.º filho varão e de nascimento, casou-se em 1559 com D.ª Helena (a Gracia) Gomes, filha de Antonio Fernandes "das Cavas do Faiol", na Ilha da Madeira, e da sua 1.ª mulher, D.ª Gracia (ou Guiomar) Gomes;

netta paterna do Dr. Paulo Antonio, medico de origem judaica, muito rico, e netta materna de avós ignorados, de quem houve 4 filhos, sendo 3 varões; entre os quaes:

5 — Francisco de Ornellas Moniz —

Francisco de Ornellas Muniz — 1.º filho varão e de nascimento, casou-se no Faiol, em 1583, com D.ª Antonia Mendes Vieira, filha de Jeronymo Mendes e de D.ª Barbara Christovam, da familia nobre dos "Vieiras", em Portugal, de quem houve 6 filhos, sendo 3 varões entre os quaes:

6 — Francisco de Ornellas Muniz — (João Fernandes Vieira).

———

Francisco de Ornellas Muniz — 3.º filho, — vendo-se sem meios para manter o prestigio dos seus pergaminhos, fustigado pela decadencia da Capitania de Machico, que pertencera ao seu 4.º avô — Tristão Vaz, embarcou incognito para Pernambuco, com a idade de 12 annos, incompletos, tendo tomado o nome de — João Fernandes Vieira — e, com este nome, continuou a sua vida, não voltando, mais, ao seu verdadeiro nome.

João Fernandes Vieira, em 1643, casou-se com D.ª Maria Cezar Berenguer, filha de Francisco Berenguer de Andrade e de D.ª Joanna de Albuquerque, netta paterna de Christovam Berenguer e de D.ª Maria Cezar; bisnetta paterna de Heytor Nunes Berenguer e de sua 1.ª mulher, D.ª Maria Giroldes; trisnetta paterna do Dr. Pedro Berenguer, da Scmilhana e da D.ª Joana de Bulhões; procedendo este Berenguer, da antiga familia hespanhola fidalga senhora da Grande e antiga Casa de Barcelona, da mais alta aristocracia iberica.

Do seu casamento, João Fernandes Vieira não teve filhos.

§ 2.º

3 — D.ª Helena de Goes (§ 1.º, n.º 3) —, filha de Lançarote Teixeira e de D.ª Breites de Góes, — foi o 11.º filho de nascimento e a 8.ª — femea; casou-se por 1520? com Mendo de Ornellas Vasconcellos, irmão de sua cunhada, e filho de Alvaro de Ornellas Saavedra e de D.ª Constança de Mendonça — (da familia de Ornellas, em Portugal, e que procede dos **Dinagados**, isto é, dos descendentes dos antigos Reis Godos que se apoderaram da Europa), de quem houve, entre outros filhos:

4 — Beatriz de Goes

———

Beatriz de Goes — casou-se, por 1540? com Manoel de Castro, "o Moço", 1.º filho de Manoel de Castro, "o Velho" e de Anna Colaça, netto paterno de Diogo Fernandes de Castro, 1.º filho de D.ª...? bisnetto paterno de Diogo de Castro de Azevedo (tambem chamado, Diogo Gonçalves de Castro), Senhor de Sanguinhedo, e de D.ª Aldonça Coelho —, (filha de Egas Coelho e de D.ª Joana Pires de Alboim, 1.ª mulher netta paterna de Pedro Coelho e de D.ª Maria Vasques e bisnetta paterna de Estevam Coelho e de D.ª Maria Mendes Petite): —

Este Diogo de Castro Azevedo era filho de Affonso Pires de Castro, Senhor de Sanguinhedos e da Perada, e de D.ª Mór de Azevedo; descendente, elle, da antiga Casa Sobrado, e que, em Portugal, é designado pelos "Castros".

Deste casamento nasceu, além de outros:

5 — Diogo de Ornellas Vasconcellos que segue

———

Diogo de Ornellas Vasconcellos — 1.º filho — casou-se, em Funchal, Ilha da Madeira, em 1561, com Anna Ferraz de Abreu, filha de Fernão Nunes Cardoso e da sua 2.ª mulher — Isabel Gonçalves Ferraz, (da familia dos Cardosos), da qual nasceu, entre outros,

6 — Manoel de Castro Ornellas que segue —

———

Manoel de Castro Ornellas — 1.º filho — casou-se, por 1600?, com Beatriz Lopes, filha de Pedro Lopes, notario na Villa de Camara de Lobos (Ilha da Madeira) e de Antonio Gomes, filha de Manoel Gomes e Cavalheiro, e de Catharina Galhardo.

Além de outros filhos, teve:

7 — Manoel de Ornellas Vasconcellos que segue

———

Manoel de Ornellas Vasconcellos — 1.º filho, casou-se, na Ilha do Porto Santo a 17 de Março de 1631, com D.ª Anna de Mendonça, 1.ª mulher, filha de Pedro Teixeira de Vasconcellos, casado em 1614, com Isabel Lomelino, (irmão, elle, de Anna Travassos, casada, em 1594, com Duarte Teixeira de Vasconcellos, filho de Roque Teixeira de Carvalho e de Maria Adão Lomelino: todos fidalgos): — netta paterna de Miguel Teixeira de Vasconcellos e de Anna Colaça de Vasconcellos; — bisnetta paterna de Gaspar Mendes de Vasconcellos e de Catharina Teixeira, esta filha de Laçarote Teixeira e de sua mulher, Breites de Goes (§ 1.º n.º 2); — parentes em 5.º gráo de consaguinidade.

Deste casal nasceram diversos filhos, entre os quaes:

8 — D.ª Antonia de Ornellas de Vasconcellos que segue

———

D.ª Antonia de Ornellas de Vasconcellos, — filha e herdeira da Casa dos seus paes —, casou-se na cidade do Funchal, a 4 de Agosto de 1661, com Luiz Soares Paes, filho de Gaspar Paes Soares, de Lisbôa, e de Branca Soares, de quem houve, além

9 — Gaspar Soares de Vasconcellos, que segue:

———

Gaspar Soares de Vasconcellos — 2.º filho casou-se, no Funchal, a 27 de Janeiro de 1698, com D.ª Maria de Menezes Cabral e Castro, filha de Manoel Cabral de Aguiar e de Isabel de Andrada de Menezes (familia dos Cabraes); de quem nasceram varios filhos, inclusive:

10 — Francisco de Ornellas Cabral que segue:

Francisco de Ornellas Cabral — 1.º filho — surdo e mudo de nascimento, teve 10 irmãos, sendo 3 varões; casou-se no Funchal, a 12 de Abril de 1739, com D.ª Mariana Rosado Freitas, filho de João de Freitas e Silva, (descendente de Gonçalo Fernandes Trastamara, principe, filho de D. Affonso, 5.º de Portugal, e de D.ª Joana, de Castello, "A eceleste Senhora, em Portugal e Beltranaja, em Castello, filho do Rei D. Henrique 4.º e da Rainha D.ª Joana, a Serrana, irmã de D. Affonso, 5.º) e de D.ª Ignacia Micaella de Vasconcellos Acyoli (— da familia dos Freitas da Magdalena do Mar); de quem nasceram 7 filhos, entre os quaes:

11 — João José Feline de Ornellas Cabral que segue:

João José Feline de Ornellas Cabral — 1.º filho, Senhor do Morgado do Valle dos Amores, em Villa da Colheta, conhecido por — Morgado dos Mudos — (1) casou-se, no Funchal, a 11 de Fevereiro de 1780, com a sua prima, D.ª Isabel Maria de Ornellas e Brito, filha de Diogo de Ornellas de Vasconcellos Frazão e de D.ª Isabel Maria de Bittencourt, casados em 1756 (das "Calçadas-Condes") — do qual nasceram muitos filhos entre os quaes —

12 — D.ª Vicencia de Ornellas e Brito Cabral que segue

D.ª Vicencia Ornellas e Brito Cabral, casou-se em 1810, no Rio de Janeiro, com o inglez William Stepple, (2) depois de ausentar-se da Ilha da Madeira, para neutralisar a opposição feita ao seu casamento; teve só uma filha.

13 — D.ª Henriqueta de Brito Stepple, que segue

D.ª Henriqueta de Brito Stepple — filha unica, casou-se por 1830, com Capm. Panate Francisco Romano da Silva, da Marinha de Guerra, filho de Fernando José da Silva e de D.ª Catharina de Senna, natural de Lisbôa, e teve 2 filhos e uma filha —

14 — D.ª Francisca Carolina Stepple da Silva, nascida no R. G. do Sul.

D.ª Francisca Carolina Stepple da Silva casou-se, em Recife a 22 de Fevereiro de 1855, com 15 annos, com José Antonio de Brito Bastos, filho adoptivo de José Antonio Pereira Bastos e teve 16 filhos, entre os quaes —

15 — D.ª Evelina de Brito Bastos, 13.º de nascimento, que se casou, a 19 de Setembro de 1891, em Pernambuco, com Diogo Soares Cabral de Mello, de quem foi a 1.ª mulher.

---

(1) O Morgado do Valle dos Amores tornou-se conhecido por "Morgado dos Mudos" pelo motivo de terem sido mudos, — além do mencionado Francisco de Ornellas Cabral, 6 descendentes do mesmo. Tambem foi mudo um filho de D.ª Francisca Carolina Stepple da Silva.

(2) William Stepple era natural de Livelpool ainda existe outra familia Steple — escripto com um só p.

DIOGO SOARES CABRAL DE MELLO.

Rio — Setembro de 1986.

João Fernandes Vieira fundou, nesse Estado o engenho Abiahy.

GONÇALO FERNANDO — DA SERRA BRANCA

Em 1476, nasceu Gonçalo Affonso Trastamara Fernandes, na cidade de Toro. Espanha, filho do Rei D. Affonso V. de Portugal, e da princeza D. Joanna, filha unica do Rei do Castella, D. Henrique IV e da Rainha, d. Joanna, a Serrana. Com a edade de 4 para 5 annos, foi Gonçalo enviado, sob rigoroso sigilo, para a Ilha da Madeira acompanhado da bôa e luzida casa.

Na villa da Colheta, na Serra d'Agua, sempre viveu e morreu Gonçalo Fernandes, como o chamam os geneologistas portuguêses.

O Rei D. Affonso V, viuvo desde 1455, pretendeu o throno de Castella, casando-se com a princeza D. Joanna, filha unica e herdeira do Rei, D. Henrique IV e de sua irmã, a Rainha, D. Joanna, a Serrana.

A princeza D. Joanna, era chamada na Côrte de Castella — "A Belthaneja"; porque a sua mãe, — grande leviana — era apontada — como amante do Duque de Albuquerque, grande valido do Rei, D. Berthan de la Cueva, filho de Diogo Fernandes de la Cueva.

D. Izabel, irmã da D. Henrique IV, casada com D. Fernando, valeu-se disso, para levantar suspeitas sobre a legitimidade do nascimento de D. Joanna e, assim, inutilisar o direito da mesma ao throno do seu pae que, em seu testamento já havia reconhecido sua legitima filha e herdeira do throno.

D. Izabel e D. Fernando, no empenho de imparcar o direito de D. Joaçuina, pozeram em acção todas as armas ao seu alcance. Dahi as intrigas, dahi as villanias, dahi a apellido "Belthanejo" que foi dado á princeza.

Tudo correu bem para os pretendentes e, porfim, usurpadores — Os Reis Catholicos.

Em vista do que se tramava, em Castella, contra os direitos de sua sobrinha e noiva, D. Affonso V, em 1474, a frente de um exercito de 20.000 homens invadiu o reino de Castella e, em maio do anno seguinte, entrou victorioso na cidade de Palencia, aonde se apresentou já, com D. Joanna, alli sendo publica e so-

lemnemente celebrados os esponsaes reaes, bem como jurados Reis de Castella e Leão, na presença do povo, de toda a aristrocacia portuguêsa, alli presente, e da tropa de invasão. Para o casamento tornava-se necessaria a dispensa do parentesco existente, já pedida ao papa Paulo 2.º que a concedeu, nos ultimos dias do seu pontificado; porém cassada pelo papa que o succedeu, Sixto IV.

(La Clede, Historia de Portugal, traducção portuguêsa, titulo 20, pag. 431 e titulo 22, pag. 585).

Da intimidade que assistiu entre D. Affonso e D. Joanna nasceu — Gonçalo — ao qual deram o apellido — "Fernandes" — allusivo ao Fernandes que era usado pelo pae de D. Beltran, para fazer crer na iligitimidade de D. Joanna, se bem que Affonso d'Ornellas, na sua Historia e Genealogia, Vol. 11, pag. 159, affirme : ter sido o appellido dado pelo Padre Gaspar Fructuoso, nas Saudades da Terra, com o intuito de confundil-o com os Fernandes de Andrade, do Assu', Ilha da Madeira, a fim de não se poder saber, ao certo, a viagem do mesmo.

O Padre Fructuoso, muito aproximado da Casa Real, fingiu ignorar a origem de Gonçalo e, intencionalmente por bajulação ao modo de D. João 2.º — que era muito de temer — pelo pertencer áquella familia madeirense a que, não elle, pertencia a mulher, D. Izabel Fernandes de Andrada que era filha de Ferrão Dias de Andrada ou de sua mulher, D. Beatriz Delgado.

O Padre Fructuoso, insigne historiador açoriano e das ilhas adjacentes, ainda, attingiu á vida de Gonçalo, teria elle 7 para 10 annos, quando este falleceu, em 1529 e teria ouvido fallar do mesmo na sua juventude e, apesar de estar bem senhor de tudo quanto se passou náquellas ilhas, fingiu aquelle personagem que viveu em bem grande evidencia.

O celebre genealogista, Henrique de Noronha, de cujas seriedade e competencia não se póde duvidar, ao tratar dos Andradas, dradas, dá Gonçalo por filho de D. Affonso V e de D. Joanna, — A excellente senhora.

Os decendentes de Gonçalo tinham uma carta ao mesmo dirigida por Affonso, na qual certo diz, ser seu pae e de D. Joanna, a sua mãe.

Nobiliario Genealogico de Henrique. Henriques titolo — dos Andradas, do Arco por fença, tomo 1.º § 1.º pag. 18; Affonso d'Ornellas, cit. obs. vol. 5 pag. 100, linha 3.ª) Nascimento e exilio de Gonçalo Fernandes, da Sra. d'Agua.

Como já ficou dito, Gonçalo nasceu em 1476, em Toro: foi creado, segundo todas as probabilidades na casa da sua mãe, D. Joanna (Hist. o gen. de Afonso d'Ornellas, vol. 6 pag. 99); em 4 para 5 annos de edade, foi mandado para a Ilha da Madeira, por sua mãe, sem se dar a conhecer,sob rigoroso incognito, apezar da faustosa casa que a acompanhou.

Para o seu serviço e sustento era mandado pela Casa Real em cada anno, uma caravella carregada de tudo quanto lhe era necessario, além de muitos presentes. (Historia Insulana do Padre Antonio Cordeiro, pag. 396, edição de 1866).

Gonçalo ou melhor, D. Gonçalo Affonso Trostamara, (I), primeiramente, fez seu assento na cidade de Funchal na Ribeira dos Socorridos; levando uma enchente as rosas que alli possuia, mudou-se para a Villa da Calhete, um sitio no oriente daquella Villa, chamado "Serra d'Agua", na foz da Ribeira.

(I) O seu nome completo foi declarado por João Rodrigues Fernandes, veio da Associação dos Archeologico Português, ser descendente, nascido em 1871, nos Açores (Affonso d'Ornellas Ob. art. vol. 11 pag. 171) onde fabricou casas e uma Ermida, sob a invocação do N. S. da Conceição, á qual vinculara sua terra, tendo ornado-a com muito luzimento e com bôas pinturas e lhe poz, por armas, as Quintas de Portugal, em aspos, sobre a Cruz da Ordem de Christo. Com as mesmas armas, vellou elle o testamento com que morreu, a 13 de junho de 1539, sendo inhumado na mencionada Ermida, em jazigo que mandara construir, no meio da capella mór, de pedras finas e bem trabalhadas, com cujo tempo elle fizera esculpir sobre a Cruz da Ordem de Christo, um escudo com as Quintas de Portugal e, em mais relevo, a figura de um menino, tendo a face sobre a mão esquerda e o cotovello sobre uma caveira, apontando com a mão direita para a seguinte inscripção, da n.º 13, cop. 15 do Livro Eclesiastis.

"Sic nos nati continuo desivimus esse".
(Historia Gem. do Affonso d'Ornellas. vol. 11, pag. 173).

Casamento e descendencia

Gonçalo Affonso casou-se, na Ilha da Madeira mais ou menos, em 1492, com D. Izabel Fernandes de Andrada, filha de Barão Dias de Andrada e D. Beatriz Delgado; netta materna de Pedro Delgado de Andrada e de D. Izabel Fernandes e paterna de Diogo Fernandes de Andrada e de D. Constança de Andrada e bisnetta de Ferrão Dias de Andrada, este irmão de Diogo de Andrada, Conde de Lencos o 1.º Conde de Vilalva, quinto Senhor dos Puentes d'Herme e de Andrada, e de sua mulher d. Maria de los Marinas (2).

Gonçalo Affonso teve os seguintes filhos, em numeros de 12.

1.º — Pedro Gonçalves de Andrada — Moço Fidalgo — que se casou com D. Beatriz da Silva, filha de Diogo Homem de Mello e de D. Catharina de Benevo.

2.º — D.... (?) que se casou com Pedro Annas.

3.º — Ruy Gonçalves de Andrada — Moço Fidalgo — que segue.

4.º — Gonçalo Fernandes de Andrada — Moço Fidalgo — morreu solteiro.

5.º — Jeronymo Gonçalves de Andrada — Moço Fidalgo — morreu solteiro na Africa.

6.º — Luiz Gonçalves de Andrade — Moço Fidalgo — morreu solteiro.

---

(2) Ruy Freire de Andrade foi o primeiro senhor do Castello de Andrada, foi armado cavalheiro, em Benda, no anno de 1330.

7.º — Fernão Dias de Andrada, chamado o Máu — Moço Fidalgo — que se casou com D. Angela Beranguer, filha do Dr. Pedro Berenguer de Samilhana e D. Isabel Rodrigues Berenguer de Andrada.

8.º — D. Anna de Andrada, 1. mulher de D. Affonso Henriques, filho de D. João Henriques e de D. Joanna de Abreu.

9.º — D. Leonarda de Andrada que se casou com Christovam Correia de Bittencourt, filho de Antonio Correia, o grande.

10.º — D. Margarida Gonçalves de Andrada, que se casou com Bartholomeu de França, filho de Diôgo de França, e de D. Isabel Homem.

11.º — Beatriz da Incarnação, freira de Santa Clara, no Funchol.

12.º — Maria dos Anjos — Idem.

Ruy Gonçalves de Andrada, 3.º filh ode Gonçalo Affonso Trartamar Fernandes e de D. Isabel Fernandes de Andrada, viveu em Lisbôa; casou-se duas vezes; a 1.ª vez, por 1530, com D. Isabel Rodrigues Beranguer de Andrada, camareira da Rainha, D. Catharina, filha de D. Pedro Beranguer de Semilhana e de D. Isabel Rodrigues de Andrada; a 2.ª vez casou-se com D. Guiomar da Cunha, por 1550, viuva de Egas Coêlho e filha de João Gonçalves Pereira — (Nobiliario de Noronha de Miranda).

Teve, Ruy Gonçalves de Andrada, 4 filhos da sua primeira mulher:

1.º — Ruy Gonçalves de Andrada — O Moço.

2.º — D. Leonor de Andrada, que se casou, por 1570, com Martim Affonso Coêlho, senhor da Ilha do Meio, filho da sua madrasta e de Egas Coêlho.

3.º — Maria de Andrade, freira de Santa Clara, no Fun-

Ruy Gonçalves de Andrada — o Moço, — foi Moço Fidalgo e Conselheiro do Habito de Christo, casou-se, em Lisbôa, com D. Jeronyma Leonor da Cunha, filha da sua madrasta e de Egas Coêlho, da qual teve dois filhos:

1.º — Pedro da Cunha Andrada — Moço Fidalgo da Casa Real.

2.º — D. Guiomar da Cunha, que se casou com Manuel Barreto Sarnige.

Pedro da Cunha Andrade, o 1.º filho de Ruy Gonçalves de Andrada, veio para a Capitania de Pernambuco, antes da sua invasão pelos hollandezes, tendo sido commandante de um dos Terços de Ordenanças de Olinda. (Brito, Livro 6 n. 433; Livro 5 pag. 619).

Segundo o Cartrioto Lusitano, Livro 32, n. 3, casou-se Pedro da Cunha Andrada, 2 vezes; mas, segundo investigações posteriores, foi elle casado 3 vezes.

Casou-se a 1.ª vez, por 1590, com D. Auta de Hollanda, viuva de Francisco Alves Varega, filha de João Gomes Rangel; teve dois filhos:

1.º — Pedro da Cunha Andrada Filho e

2.º — Manuel da Cunha Andrada.

Causou-se a 2.ª vez com D. Cosma Fróes, filha de Diôgo Gonçalves, auditor de guerra, e de D. Isabel Fróes — Moço da Camara da Rainha D. Catharina que a entregou ao primeiro donatario da Capitania de Pernambuco, quando partirm de Lisbôa. Na esquadra em que viajaram os donatarios, também, veio Diôgo Gonçalves.

Desse casamento nasceram, mais, 3 filhos:

3.º — D. Jeronyma da Cunha Andrada, que se casou com Zacharias de Bulhões.

4.º — D. Cosma da Cunha Andrada, que se casou com Manuel Carneiro de Mariz, filho de João Carneiro de Mariz e de D. Maria Quaresma, sua prima.

5.º — Ruy Gonçalves de Andrada — sem mais noticias.

Casou-se a 3.ª vez com D. Anna de Vasconcelos, filha de João Gomes de Mello, homem nobre e de D. Anna de Hollanda Vasconcellos, da qual teve, só, um filho:

6.º — Pedro da Cunha Pereira.

Manuel Carneiro de Mariz, casado com D. Cosma da Cunha Andrada, é o tronco da Carneiro da Cunha de Pernambuco, da Parahyba e de muitos outros Estados.

Nota 1.ª :

D. Joanna, A Excelente Senhora, depois da assignatura do humilhante tratado de paz, imposta Portugal por Castella, em

Setembro de 1478, resultante do desastre de Ino, foi recolhida ao convento de Santa Clara, de Santarem, do qual, fugindo á peste que alli grassou, em 1480, foi transferida para Evera, para Vimiciro e, finalmente, para o convento do Cintra, em que professou a 15-11-1480, (Affonso d'Ornellas, obr. cit. t. 5 ,pag. 98; La Clide, Hist. de Portugal, tit. 21, pag. 478).

Em 1482 foi D. Joanna tirada do convento por D. João 2.º, quanto este vece nova questão com Castella, para fazer pirraça, ficando a Excellente Senhora com residencia em Alcaçava do Castello, em Lisbôa, alli ficando até 1487, quando foi mandado, pelo papa Innocencio 8.º, que ella voltasse para o convento de Santarem, por breve datado de 24 de junno daquella anno — (Baronius Amoles, tit. 19; em Affonso d'Ornellas cit.)

No alludido breve o papa chama D. Joanna **"filha duvidosa do Rei Henrique 4.º** e ordena-lhe que **não largasse o véu e o habito, não se intitulasse — rainha — e não permitisse que lhe dessem tratamento de rainha.**

Fallecendo D. João 2.º, em 1495, pediu, no seu testetamento, ao seu successor, D. Manuel, que desse bom tratamento á D. Joanna e que a mantivesse como ella estava.

Conclue-se dos termos do breve, de 24 de junho de 1847, **4.ª filha duvidosa** do Rei Henrique" — que nunca foi provada a illegitimidade do seu nascimento de D. Joanna, victima innocente da tia, a — Rainha Isabel, e catholica apoiada pelo papa — Livreto 4.º.

Rio — Setembro de 1936.

Diôgo Soares Cabral de Mello

A MAIOR EXPRESSÃO HISTORICA DE NOSSA BRAVURA

DURWAL C. de A. e ALBUQUERQUE

Do Instituto H. e G. Parahybano

Com a construcção do porto de Cabedello, ficou agora muito á vista dos visitantes, a historica fortaleza de Santa Catharina. Entretanto, não é demais que se repita, continúa o heroico baluarte, o maior patrimonio, sem duvida, de nosso civismo na defêsa da terra invadida, coberto pelo mattagal, que alli cresce com enorme rapidez e desmanchando-se, á falta de conservação.

Naturalmente, que não se pensa em transformar aquelle montão de pedras em nova fortaleza, a fim de desafiar ou reagir, como se fez na revolução de mil novecentos e trinta, contra o govêrno do sr. Washington Luis quando os cabedellenses revivendo os tempos heroicos da invasão hollandêsa, montaram os velhos canhões de armar pela bôcca, sobre trilhos, tendo á frente os destemidos commandantes Pepito Bandeira e Adherbal Pyragibe, dispostos a fazer fôgo sobre a esquadra que aquelle presidente pretendia enviar contra a Parahyba...

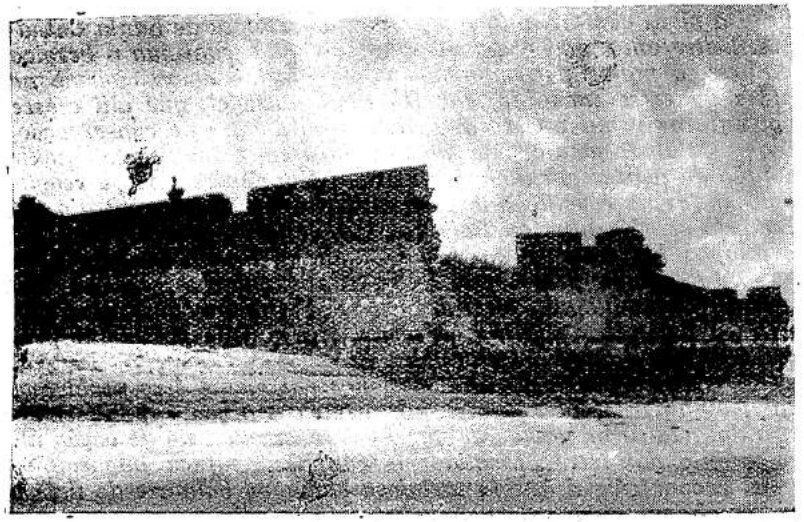
Não é possivel que tivessemos em mente êsse problema, sem fundamento, pois agora, que vemos a acção super-destruidora do avião e os navios de guerra dispõem do raio de acção ultra-potente dos seus formidaveis canhões, nunca julgariamos viavel reconstruir a antiga fortaleza em novo baluarte de defêsa da tão abandonada e despoliciada costa brasileira.

O nosso ponto de vista é que, sendo a fortaleza em ruinas, o nosso maior monumento historico, justo achariamos que, quem quer que estivesse em condições de o fazer, ao menos tomasse como obrigação civica, a conservação das gloriosas reliquias, a fim de que, quem tivesse a lembrança de descer em Cabedello, não levasse na visão, gravada um flagrante attestado de incultura e desinteresse pelas nossas cousas historicas.

Todos já conhecem, sem duvida, o seu passado de honra e triumphos mas, para effeito da educação popular, repetiremos alguma cousa sobre ella, que julgamos interessante recordar.

Em fevereiro de 1586 foi nomeado governador da Capitania da Parahyba João Tavares que mandou edificar, á margem do Tibiry, o primeiro engenho de assucar, construindo também uma fortaleza á entrada do rio Parahyba. Fructuoso Barbosa que substituiu a João Tavares, desmontou a defesa de Cabedello, para collocal-a em seu proprio engenho...

Em 1630, quando os hollandêses tomaram Recife, era a Parahyba governada por Antonio de Albuquerque, que se preparou o melhor que poude, para a defêsa. A 24 de dezembro do mesmo anno, os batavos appareciam sobre Cabedello, desembarcando suas tropas na enseada do rio Jaguaribe, dalli vindo sitiar a fortaleza de Santa Catharina, sendo, entretanto forçados a uma retirada, com grandes prejuizos. No dia 6 de dezembro de 1934, vieram novamente os invasores atacar a fortaleza invicta que era, no momento, commandada pelo bravissimo João de



As ruinas da fortaleza de Cabedêllo.

Mattos, tendo nessa occasião, devido a absoluta falta de recursos, sido obrigada a capitular, com todas as honras, forçando a queda da fortaleza e do forte de Santo Antonio, a retirada do governador Antonio de Albuquerque para Pernambuco.

Celso Mariz, Coriolano de Medeiros e Irineu Pinto descrevem-nos, magnificamente, esses factos.

A capitulação do forte de Cabedello aos hollandêses occorreu no anno de 1634, a 19 de dezembro, sendo a mesma feita com todas as honras, conforme acima já referimos.

Vale a pena recordar, tambem aqui, um episodio que envolve o nome do grande parahybano André Vidal de Negreiros, a proposito da reacção contra os hollandêses:

Em setembro de 1644. André Vidal de Negreiros veiu á Parahyba, então em poder dos batavos, para, segundo declarára, tomar a benção aos seus paes, o que não era verdade, pois o bravo cabo de guerra tratava de uma revolução, com Fernandes Vieira e outros, visando derruir o predominio hollandês. Antes, porém, de regressar a Recife, de onde procedêra, visitou a fortaleza de Cabedello, a pretexto de ir cumprimentar o seu commandante Blaenbeeck, o qual o recebeu festivamente, sob uma salva de três tiros de canhão, sem, de modo algum desconfiar daquelle gesto de cortezia do invencivel guerreiro...

A 2 de setembro de 1645 é dado o brado de restauração da Capitania da Parahyba.

... Afinal, em 1653, somente restava em poder dos hollandêses o forte de Cabedello, do qual era commandante o coronel Haujin. Esse militar, sabedor das negociações que se faziam em Recife, para a entrega da cidade, pelo tenente-coronel Claes, que dalli fugiu disfarçado em pescador, abandonou, com a maior precipitação, o forte de que era chefe, deixando os seus haveres e escravos e soltando todos os seus prisioneiros, entregando-lhes o mesmo, a fim de que se defendessem contra quaesquer possiveis actos de destruição e pilhagem.

E assim voltava novamente a ser occupada pelos nossos a heroica fortaleza.

Quanto á denominação da fortaleza e a defesa que contava a Parahyba, naquella época, valemo-nos de Irineu Ferreira Pinto:

"Para a defêsa da mesma (referindo-se á Capitania da Parahyba) estavam promptos os seguintes fortes: Cabedello ou Santa Catharina, com a melhor guarnição, bem fortificado e tendo por commandante o experimentado e dextro capitão proprietario João de Mattos Cardoso; do outro lado do Rio, o de S. Antonio, já acabado, faltando sómente os aparapeitos, sob a direcção do capitão Luiz de Magalhães, com sessenta homens, munição de guerra e bôcca necessarias".

Ainda Irineu Ferreira Pinto, em "Datas e notas para a historia da Parahyba", diz o seguinte, sobre a construcção da fortaleza de Cabedello: "1586: — Constituindo um perigo para a nascente colonia a permanencia ainda dos francêses no lugar Forte Velho, onde se achava bem guarnecidos em um forte, mandou o capitão-mór grande expedição para tomal-o, sendo no cerco mortos todos os que se achavam dentro delle.

Foi então reconhecida a necessidade de levantar-se uma fortificação naquellas paragens, a fim de obstar a volta do inimigo. Deliberou-se logo um no lugar conhecido por Cabedello "Monte de Areia" á margem direita do rio Parahyba, com toda a pressa, o qual mais tarde chamou-se FORTE DO MATTOS, tal-

vez por ter sido o seu segundo commandante João de Mattos Cardoso, ficando tambem conhecida com este nome até nossos dias, a ponta logo adiante, na foz do rio, praia hoje aproveitada para banhos".

Para illustração, vale a pena ainda transcrever uma Carta Regia *sobre a reconstrucção naquella preciosa obra do saudoso historiador parahybano :*

"Amaro Velho Cerqueira. Eu El Rey vos envio muito saudar.

Vendo o que me escrevestes em carta de 21 de julho deste anno, acerca de não surtir effeito a deligencia que fizestes com o bispo de Pernambuco, governando aquella Capitania sobre a reedificação do forte de Cabedello, e a fareis com o novo governador e quanto mais se delatasse seria maior a ruina e dobrados dispendios. Me pareceu dizer-vos, ao Governador de Pernambuco se torne a recommendar mande acudir a esta obra do Cabedello, pois se reconhece ser tão necessaria para a defensa e conservação dessa Capitania. Escripta em Lixa. 28 de novembro de 1689. REY".

Por ahi se vê a grande importancia que ligava a Corôa á fortaleza de Cabedello, ponto considerado da maxima estrategia contra possiveis assaltos á Capitania recem-creada.

Tanto patrimonio historico, tanta grandeza e bravura, tanta resistencia contra o invasor, tudo a desapparecer, lentamente, pela acção do tempo, é um crime imperdoavel que ao "Instituto Historico Parahybano", tantas vezes accusado, assiste, para uma acção restauradora.

NUMISMATICA BRASILEIRA

Conego FLORENTINO BARBOSA

Moedas existentes no Instituto Historico da Parahyba cunhadas no Brasil até a Republica

A numismatica no Brasil comprehende três periodos: o colonial, o imperial e o republicano, subdividido em duas phases que são a da primeira e a da segunda republica, porque já nesta houve cunhagem de moedas de nickel.

E' claro que as primeiras moedas que circularam no Brasil colonia só podiam ser cunhadas na metropole. Este facto está comprehendido dentro do primeiro periodo da numismatica brasileira, porquanto em 8 de Março de 1694 foi fundada na Bahia a primeira Casa da Moeda no Brasil.

A moeda N.º 2 é a primeira que possuimos no Instituto das que fôram cunhadas na Bahia, pois traz precisamente aquella data no verso.

Com probabilidade fôra cunhada na administração do conhecido historiador Sebastião da Rocha Pita que foi o primeiro superintendente da Casa da Moeda da Bahia.

Quatro annos depois a dita casa da moeda foi transferida para o Rio de Janeiro por determinação da Carta Regia de 12 de Janeiro de 1698, sendo governador geral do Brasil D. João de Lencastre. Este facto coincidiu, ou talvez, antecedeu ás descobertas que os paulistas fizeram de grandes minas de ouro na Provincia de Minas Geraes.

Isto me fez suggerir a hypothese de que tal transferencia se ligasse logicamente áquelle acontecimento de onde resultaria ficar a Casa da Moeda mais proxima das minas. Destarte poder-se-iam evitar grandes morosidades nos transportes da materia prima, feitos naquella época em navios veleiros que estavam continuamente sujeitos aos assaltos da pirataria dos mares.

Esta hypothese, porém, parece perder a sua probabilidade em face da transferencia da mesma Casa da Moeda para Pernambuco, no anno de 1700, ficando ainda mais distante das minas.

A ultima transferencia foi mandada fazer pela Carta Re-

gia de 20 de Janeiro de 1700. Dois annos mais tarde era outra vez transferida para o Rio de Janeiro.

No entanto o governo geral do Brasil mantinha a sua séde na Bahia, e tinha as suas redeas em mãos de D. Rodrigo da Costa.

MOEDAS DA BAHIA

Das moedas cunhadas na Bahia segundo o Catalogo de Souza Lobo na pagina 11, possue nosso Instituto Historico uma de 1695, que no Catalogo do mesmo Instituto, está sob o n.º três (N.º 3). Esta mesma moeda está estampada no Catalogo Nacio-. al Brasileiro de Augusto Souza Lobo, na Estampa III.

N.º 3

Verso Reverso

CARACTERISTICOS:

Moeda de prata (AR)

Valor	$640
Pêso	18,60 grs.
Emblema	corôa larga
Dizeres	Petrus II Dei Gratia Por. Et Bras. D. R.

No verso: SUB QUO SIGNATA STAB; circulando uma esphera armilar.

Está sem a letra monetaria que servia para indicar a localidade da Casa da Moeda.

Ha uma outra moeda de prata cunhada na Bahia em 1698, com um pontão antes do valor á esquerda e três florões com

um ponto por cima á direita. Esta pertence ao numero das poucas moedas raras que o Instituto Historico da Parahyba possue.

E' a de N.º 10 no Catalogo, e Est. V em Souza Lobo.

N.º 10

Reverso Verso

MOEDAS DO RIO DE JANEIRO

Transferida para o Rio de Janeiro, como vimos, a Casa da Moeda iniciou naquella cidade os seus trabalhos aos 17 de Março de 1699.

O Instituto possue a moeda de numero 8 do seu catalogo, cunhada naquella data.

CARACTERISTICOS:

Moeda de prata (AR)

Valor	$640
Peso	18,15

Diz: Petrus II, D. G. Port. ET BRAS D. N'

No verso: como as anteriores.

Distinctivos especiaes: BRAS ND', com três florões á direita do escudo, sem pontos.

A moeda N.º 9 foi cunhada no Rio de Janeiro em 1699. E' de prata — v. $320 p. 9,85 grs. Corôa estreita com três florões iguaes á direita do escudo. EST. V do C. M. B. de Souza Lobo.

N.º 9

Reverso Verso

MOEDAS DE PERNAMBUCO

Das cunhadas em Pernambuco, o Instituto possue a de N,º 13 do seu catalogo. Est. VI de Souza Lobo. E' do anno de 1701.

CARACTERISTICOS:

Moeda de prata (AR)

Valor $089
Peso . . . . . 2,50 grs.

Diz: Petrus II D. G. Port Rex I. D.

Verso como nas demais. Esta é a unica moeda cunhada em Pernambuco que o nosso Instituto possue. E' uma moeda rara para nós.

Apezar de haver uma casa da moeda no Brasil, começam por esse tempo a apparecer em larga escala as moedas de cobre cunhadas em Portugal, e assignaladas com o cunho de escudete que tinha como effeito duplicar o valor da moeda de cobre para o Brasil.

O Instituto Historico conserva em sua colleção algumas dos seguintes typos: uma de valor X c|c de escudete tendo 40 perolas no cordão. E' moeda colonial de Lisbôa 1.º typo-sem letra monetaria.

2.ª — 1715 — N.º 23, com cunho de escudete, muito rara — v. X.

N.º 23

Reverso Verso

MOEDAS DO RIO DE JANEIRO

De 1748 a 1750 as moedas coloniaes são cunhadas no Rio de Janeiro com a letra monetaria R. Isto aconteceu quatro annos depois da determinação da Carta Regia de 27 de Março de 1744. A moeda N.º 37 pertence a esta série, pois foi cunhada em 1749.

CARACTERISTICOS:

Moeda de prata (AR)

Valor $320
Peso . . . . . 9,05 grs.

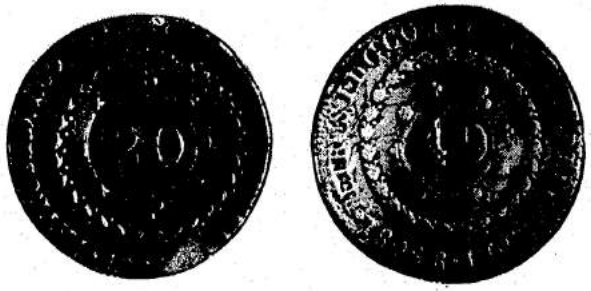
Corôa estreita D. G. Port. REX E PRAS. D.

Na mesma cidade fôra cunhada uma outra série de moedas que vae de 1751 a 1755. O Instituto possue a de N.º 42 que traz a data de 1753. Acha-se na estampa do Catalogo Nacional brasileiro. E' de prata. Caracteristicos: Por Rex. E. BRA. D. Peso 9,55 grs.

MOEDAS DE MINAS GERAES

A provisão de 13 de Maio de 1752 mandou cunhar moedas de prata dos valores de: $600, $300, $150 e $075 com circulação privativa das comarcas de Minas Geraes.

A creação deste typo de moedas teve por base o valor do ouro não quintado, na razão de 1$200 cada oitava e suas fracções: $600 16 vintens ou 1|2 oitava ouro; $300 — 8 v. ou 1|4 $150 — 4 ou 1|8; $775 2 ou 1|16 out. (S. Lobo).



N.º 161 1823 N.º 166 1826

As moedas de Minas Geraes eram cunhadas no Rio de Janeiro, como se deprehende da série de 1754 a 1770, 1.º typo — let. R.

As cunhagens das moedas de cobre a começar dessa data, ou talvez antes, era quasi toda feita em Lisboa para circularem no Brasil.

Entrementes na Bahia e Rio de Janeiro continuavam as cunhagens de moedas de ouro e prata em nome de D. Maria, apezar de que já em 15 de Junho de1799 D. João tomava a regencia do Reino em nome de sua mãe, desde 2 de Fevereiro de 1792.

A cunhagem da moeda para o Brasil em nome do Principe Regente começou em Lisboa no anno de 1802.

Acossado pelos exercitos de Napoleão Bonaparte, o Principe Regente D. João teve de transferir toda a sua côrte para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 7 de Março de 1808, onde continuou como regente até 1816.

As moedas, porém, eram cunhadas em seu nome, conforme se vê nas de ns. 123, 124, 125, etc.

No anno seguinte ao de sua chegada ao Brasil, promulgou uma lei a 19 de Abril na qual determinava o seguinte:

"A moeda de cobre emittida antes de 1803, deveria circular com valor duplo, logo que fosse marcada com o cunho das armas reaes, e que as emittidas desse anno em diante conservassem o valor do cunho..."

Daquellas possuimos as seguintes:

N.º 17	V. X — XX	1715
" 20	V. X — XX	1719
" 23	V. XX — XX	1720
" 25	V. XX — XL	1729
" 26	V. X — XX	1732
" 27	V. XX — XL	? 1735
" 30	V. XX — XL	1735
" 33	V. XL — LXXX	1797
" 36	V. X — XX	1748
" 44	V. XL — LXXX	1753
" 45	V. XX — XL	1753
" 46	V. XX — XL	1753
" 47	V. XX — XL	1753
" 57	V. XL — LXXX	1760
" 59	V. XL — LXXX	1762
" 72	V. XX — XL	1773
" 77	V. V — X	1774
" 75	V. XL — LXXX	1774
" 77	V. XX — XL	1774
" 80	V. XX — XL	? 1774
" 84	V. V — X	1775
" 85	V. XX — XL	1778
" 86	V. XL — LXXX	1778
" 89	V. X — XX	1776
" 92	V. XX — XL	1781
" 93	V. XL — LXXX	1781
" 94	V. XX — XL	1781
" 94	V. XX — XL	1781
" 95	V. XX — XL	1782
" 101	V. XX — XL	1784
" 102	V. XX — XL	1786
" 101	V. XX — XL	1786
" 103	V. X — XX	1786
" 106	V. XL — LXXX	1790
" 107	V. XX — XL	? 1790
" 108	V. XL — LXXX	1791

" 110	V. XL — LXXX	1796
" 113	V. XX — XL	1799
" 115	V. XX — XL	1784

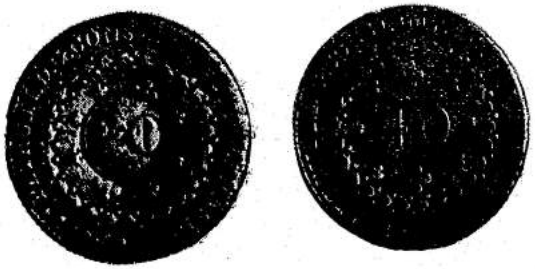
Nada consta da razão de ser dessa lei. O que se pode presumir é que fôra motivada por alguma razão de economia ou para attender á falta de moeda divisionaria no commercio.

De 1808 em deante toda a cunhagem de moedas era feita no Brasil. Assim temos a moeda colonial da Bahia — serie 1809-1818 e o systema colonial do Rio de Janeiro — serie 1818 a 1822, anno da Independencia.

Com a morte de D. Maria I, em 20 de Março de 1816 cessou a Regencia de D. João, passando a Rei, e depois acclamado com solemnidades na Côrte do Rio de Janeiro a 6 de Fevereiro de 1818. Elevado o Brasil á categoria de reino, D. João VI deu-lhe as mesmas armas que adoptou para Portugal, isto é, o escudo português ao centro da esphera armillar, symbolo do Reino Unido.

Essas armas vêm gravadas no verso das moedas encimadas pela corôa com dizeres: Joannes VI.

Dei gratia que continuam no verso: Portucaliae, Brasiliae et Algarbiorum Rex.



N.º 164
1825

N.º 163
1825

Com a independencia do Brasil, em 7 de Setembro de 1822, ficaram circulando no paiz as moedas cunhadas no reinado unido de D. João VI. Assim é que ainda encontramos na collecção do Instituto Historico as seguintes, do tempo daquelle monarcha, sob os numeros que se seguem: moedas N.º 157, cunhadas no Rio de Janeiro em 1822, com o valor de XL. E' de cobre e tem o diametro de 35 m|m, com o peso de 16,30 grs.; N.º 158, com o valor de XX, p. 4,35 grs.; N.º 159, com o valor X, e a de N.º 160 cunhada com os emblemas e armas de D. João, tendo o valor de 40 réis.

Esta moeda foi cunhada com as armas do reino unido, provavelmente a titulo provisorio, parecendo indicar a falta de cunho proprio no nascente imperio do Brasil.

Em 1823 appareceram as primeiras moedas cunhadas no Brasil ao começar o Imperio de D. Pedro. Pertencem á série que foi cunhada no Rio de Janeiro, desde o anno de 1823 até o de 1831, sendo todas de cobre á razão de dez réis a oitava.

Sobre as moedas abaixo mencionadas no eschema demonstrativo, vemos que a de N.º 177, traz um carimbo suspeito, feito a ponção.

ESCHEMA DEMONSTRATIVO DESTAS MOEDAS

N.º	Anno	Cunho	Valor	Diametro	Tulipas	Letra M.	Materia	Pêso grs.	Observações
161	1823	80	80 rs.	—	30 t	R	A E	—	
162	"	—	20 "	9½ m.	—	"	"	4,60	
163	1825	—	40 "	34½	26	"	"	15,40	
164	"	20	" "	"	" "	"	"	" "	
165	1826	—	" "	35½	25 "	"	"	12,60	
166	"	—	" "	39	27 "	"	"	26,80	
167	"	—	" "	35½	" "	"	"	13,20	
.68	"	—	" "	34½	23 "	"	"	9,20	
169	"	—	20 "	35½	25 "	"	"	13,20	
170	1827	—	40 "	35	22 "	"	"	11	
171	"	—	20 "	35½	" "	"	"	12,75	
172	"	—	" "	30	23 "	"	"	4,85	
173	1828	40	40 "	39	24 "	"	"	28,55	
174	"	—	20 "	10|11	—	"	"	—	
175	"	S. C.	40 "	35½	24 t	B	"	12,10	
176	"	—	"	"	25 "	R	"	—	Falsa
177	"	S. C.	20 "	29½	24 "	"	"	—	Sus-
178	"	—	"	"	—	"	"	—	peita
179	1829	—	80 "	38½	21 "	—	"	27,10	
180	"	40	"	39	21 t	R	A E	—	
181	1829	—	40 "	35½	24 t	R	"	—	
182	"	—	20 "	—	—	—	"	—	Data
183	"	10|20	" "	29½	24 "	—	"	7,50	inver-
184	"	S. C.	" "	"	" "	R	"	7	tida
185	"	"	" "	"	23 "	"	"	6,75	
186	1830	—	—	—	—	—	"	—	Valor
187	"	—	80 rs.	—	24 "	R	"	—	estra-
188	"	S. C.	20 "	29 ½	" "	"	"	7,45	gado
189	"	10	10 "	29	22 "	"	"	7,35	
190	"	—	80 "	39	20 "	"	"	—	
191	"	S. C.	40 "	35½	25 "	"	"	10,40	
192	"	—	"	—	24 "	"	"	—	
193	"	40|80	—	—	—	"	"	—	
194	1831	"	—	38½	21 "	"	"	27,70	

Era vezo no Brasil falsificar os carimbos das moedas de cobre para lhes reduzir o valor em desobediencia á lei. Uzavam deste estratagema por meio de puncções feitos por curiosos. Encontravam-se geralmente muitos desses carimbos em todas as grandes collecções de numaria.

A sua origem, porém, não está bem definida, conforme affirma Souza Lobo. Alguns attribuem-n'os ao Ceará ou á Cuyabá; outros a uma concepção phantastica.

O certo é que essa pratica se generalisou no paiz todo, ou pela pouca confiança que inspirava o papel-moeda emittido para troco do cobre ou pelo receio de se verem privados da moeda divisionaria tão necessaria ás transações do retalho.

Este abuso só terminou com a lei de 11 de Outubro de 1838 que determinou "não poder continuar a substituição da moeda de cobre, podendo correr independente de carimbo segundo o disposto na lei de 6 de Outubro de 1835."

Só assim terminou toda a carimbação official e officiosa das moedas de cobre.

Todas as moedas que figuram no eschema trazem a letra monetaria R, excepto a de numero 175 que tem a letra B.

A respeito disto, diz Souza Lobo, na pagina 137 que a apparição da letra B nas moedas cunhadas na Bahia nos dá a certeza de que aquellas que têm a letra mista B são cunhadas no Rio de Janeiro.

Até o anno de 1833 existiam duas casas da moeda, uma no Rio de Janeiro com a letra monetaria R e outra na Bahia com a letra B. Esta, porém, foi extincta naquelle anno, em virtude da lei de 8 de Outubro que modificou o padrão monetario, acabando com a cunhagem das moedas do systema colonial português.

Com a unificação da casa da moeda foi supressa a letra monetaria que indicava o local da cunhagem.

Começava então a série de cruzados que vae de 1834 a 1848. São moedas de prata á razão de 160 réis por oitava. A unica que o Instituto Historico possue desta série é a de numero 197.

Verso
N.º 197

Reverso
1834

CARACTERISTICOS:

Moeda de prata	AR
Valor	1$200
Diametro	37 m|m
Peso	26,70 grs.

Das moedas de prata do valor de 2$000 o nosso Instituto possue dois typos:

1.º typo	N.º 203	2$000	1825	37 m|m	AR
In hoc	signo	vinces	linha	horizontal	
2.º typo	N.º 204	2$000	1853	37 m|m	AR
In hoc	signo	vinces	linha	curva	
2.º typo	N.º 206	2$000	1854	37 m|m	AR
In hoc	signo	vinces	linha	curva	
2.º typo	N.º 207	2$000	1856	37 m|m	AR
		vinces	linha	curva	
2.º typo	N.º 208	1$000	1853	30 m|m	AR
		vinces	linha	curva	

Em 1868 (2.º Imperio) começa uma nova serie de moedas subsidiarias de bronze que se estende até 1870.

A liga das materias que entram na composição destas moedas é ternaria:

Cobre	95 partes
Estanho	4 partes
Zinco	1 parte

A primeira que possuimos deste typo é a de N.º 227 — Br — v. 20 réis 25 m|m 7 grs. — 1868. Traz a effigie de D. Pedro II no verso.

Em 1873 começou uma outra serie de moedas de bronze com a mesma composição, a qual se estende até o anno de 1880. Destas o Instituto possue apenas a de N.º 231 com estes caracteristicos: serrilha phantastica na borda interna da moeda e iniciaes E. S. R. que indicam o nome do gravador no enxergo.

Em 1886 começa o 4.º typo de moedas de prata que vae até 1889.

A lei N.º 1817 de 3 de Setembro de 1870, tinha restabelecido para as moedas de prata o titulo de 0,917 — 281, á razão de 25 réis a oitava. O artigo 2.º da supracitada lei diz: "As moedas de prata que se cunharem de 2$000, 1$000, $500; o toque de 0,917 e os pesos seguintes: 2$000 — 25,50 grs.; 1$000 — 12,75 grs.; $500 — 6,37 grs.

Somente no ultimo anno do Imperio (1889) foram cunhadas as moedas dos valores de 1$000 e $500.

MOEDAS DA REPUBLICA

Em 1889 foram cunhadas as primeiras moedas da Republica.

Caracteristicos: — Moeda de Bronze		Br
Liga: — Cobre	95	%
Estanho	4	%
Zinco	1	%

As datas que não estão mencionadas no valor de 20 réis e de 40 réis, referem-se aos annos em que não houve cunhagem destas moedas.

O Instituto Historico possue a de N.º 242 com o valor de 20 réis — 25 m|m, tendo no reverso as armas da Republica dos Estados Unidos do Brasil — 1889.

Verso
N.º 242

Reverso
1889.

Em 1906 apparece um novo padrão monetario, tendo a data acima como inicial, sem data final.

O artigo 30 da lei de orçamento daquelle anno diz: "As moedas de prata que se cunharem de ora em deante terão valor, peso titulo, e modulos.

A primeira que o Instituto possue deste padrão é a de N.º 249, cujos caracteristicos são:

Valor	$500
Peso	5000
Titulo	900
Modulo	22

A tolerancia de mais ou menos peso para este valor é de 25 milligrammas.

Cemiterio do Senhor da Bôa Sentença

Termo de contracto celebrado entre o exmo. sr. presidente da Provincia e o mestre pedreiro Antonio Polari para a edificação do Cemiterio Publico desta cidade, de quem é fiador Carlos Agostinho Golzio pelo preço de 7:100$000.

Aos trinta dias do mês de janeiro de mil oitocentos e cincoenta e cinco, nesta Administração das Rendas Provinciaes da Parahyba do Norte, perante o sr. Inspector dr. José Carlos da Costa Ribeiro, compareceu o mestre pedreiro Antonio Polari para definitivamente contractar a obra do Cemiterio Publico desta cidade, segundo a ordem do Govêrno de 24 de janeiro corrente, disse, que de sua livre vontade e sem constrangimento algum, se obrigava a construir o cemiterio publico desta cidade, pela quantia de sete contos e cem mil réis (7:100$000), observando em tudo a planta da mesma obra, assignada pelo engenheiro da Provincia, e rubricada pelo sr. Inspector, com as explicações que abaixo se escreverão, e sob as condições seguintes:

I — A obra começará no prazo de quinze dias, contados da data deste contracto, e findará no de quatro mêses, sob pena de pagar o dito Polari dez mil réis por cada um dia de demora depois do primeiro prazo, e cem mil réis por cada um mês de demora, depois do segundo.

II — Metade pelo menos do numero de officiaes empregados na obra será composto de mestres no seu officio.

III — Todos os materiaes serão submettidos ao juizo do engenheiro da Provincia que poderá recusar aquelles que não julgar de bôa qualidade.

IV — A importancia do contracto será paga em 3 prestações eguaes, a saber : a 1.ª ao assignar o presente contracto; a 2.ª quando o contractante provar que tem feito metade da obra, e a 3.ª quando fôr ella definitivamente recebida pe Govêrno.

V — Os alicerces terão 4 palmos de profundidade e 3 de largura no interior da terra.

VI — Acima do alicerce haverá uma sapata de pedra com as dimensões da planta. Esta sapata será nivelada, deixando boeiras.

VII — Todos os revestimentos serão feitos com cal fina.

VIII — O portão de ferro será forjado, e obra de serralheiro, sendo o risco sujeito á approvação do engenheiro.

IX — Os oculos, que devem ser construidos na frente das casas, serão guarnecidos com grades de ferro.

X — O Cemiterio terá sessenta braças de frente, contra tantas de fundo.

XI — Na frente terá um espaço de cincoenta palmos no centro, formado de parede, com a grossura de 2 palmos, um portão de ferro no centro, sendo a altura, revestimentos, e o portão de ferro, conforme a planta.

XII — A cada lado desta frente terá uma casa com 40 palmos de frente contra tantos de fundo, seguindo-se na construcção o que indica a planta.

XIII — Na parede do fundo, ficando fronteiro ao portão de ferro, se fará um nixo, como indica a mesma planta.

E sendo vistas estas condições pelo contractante Antonio Polari, e seu fiador Carlos Agostinho Golzio, que se achava presente, disse este que, sem constrangimento algum, afiançava ao dito contractante, responsabilizando-se por todas as condições neste contracto estipuladas, e que tanto um como outro, e socios que tiverem, ainda que não assignem o presente termo, serão sempre obrigados a satisfação deste contracto, um por todos e todos por um, como eguaes corréos **debendi**, e não poderão em tempo algum allegar perdas e damnos, e nem usar de encampação alguma, para o que renunciam todos os casos fortuitos, ordinarios, extraordinarios, solitos e insolitos, cogitados e não cogitados, por quem em todos e cada um delles serão sempre obrigados, e sem dos mesmos se poderem valer em tempo algum, antes pagarão mais á Fazenda o damno que lhe causarem. Em firmeza do que se fez este termo em que assignarão com o dr. Inspector. Eu, **Simplicio Jacome Pessôa**, secretario, o escrevi e assignei.

(Ass.) **Costa Ribeiro, Antonio Polary e Carlos Agostinho Golzio.**

Additivo: — Por officio do Govêrno de 5 de junho de 1855 foi augmentado para mais trinta dias o prazo marcado para a conclusão da obra do Cemiterio, constante do contracto retro. Secretaria da Administração das Rendas Provinciaes, 6 de junho de 1855.

(Assig.) **J. Pessôa**

NOTA — Esta copia foi-nos fornecida pelo consocio J. Veiga Junior que a extrahiu do original quasi illegivel.

A Historia do Trigo na Parahyba

O trigo apparaceu pela primeira vez em nosso Estado no anno de 1830.

Naquelle tempo, como era costume, envolviam em palhas de trigo as louças brancas que eram importadas para o Brasil. Geralmente vinham de Portugal. Aconteceu que, em um caixote de louças que fôra para o Teixeira, encontraram ainda presos ás palhas alguns grãos de trigo. Lançando mão das sementes, o sr. Bernardo de Carvalho Cunha plantou-as, e com surpresa as viu nascidas. Dahi poude elle começar a desenvolver aquella nova agricultura nas ferteis terras do municipio de Teixeira, pelo anno de 1830.

A respeito da cultura do trigo que naquella época se desenvolveu no referido municipio, o cel. João de Lyra Tavares, em sua obra intitulada "A Parahyba", vol. II, pg. 189, escreveu o que se segue:

"Constando ao exmo. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, a quem acima me referi, que na serra do Teixeira havia plantações de trigo de excellente qualidade, determinou-se s. excia. a escrever ao dr. Manuel Dantas Correia de Góes, morador naquelle lugar, pedindo-lhe o seu parecer sobre a materia.

O sr. Dantas que, além de patriota distincto, é um dos mais illustrados lavradores do interior, respondeu mais ou menos nos termos seguintes:

Em 1830 plantou Bernardo de Carvalho Cunha, morador na Serra do Teixeira, algumas sementes de trigo, fazendo o mesmo algum tempo depois, o padre Capistrano. Relativamente foi a colheita bôa ao cabo de quatro mêzes. Embora a experiencia só tenha sido tentada na Serra do Teixeira, sendo esta continuação da Serra da Borborema, é provavel que nesses lugares produza tambem o cereal em questão.

E' facto sabido que na villa da Ingazeira, na Provincia de Pernambuco, que é contigua com a Serra do Teixeira, se ensaiou a plantação do trigo, dando bons resultados.

O terreno preferivel para essa sorte de plantação é o barro vermelho e, em geral, toda terra que produz bom milho.

A experiencia tem mostrado que a relação entre a plantação e a colheita é das melhores. Assim é que tendo plantado o

já mencionado Bernardo de Carvalho cerca de um pires de sementes poude colher oito cuias, seis quartilhos e três quartos.

A principio appareceu nas plantações um começo de molestia que se suppoz ser a conhecida com o nome de ferrugem; mas logo cessou de todo. Infelizmente os meios empregados para reduzir o trigo á farinha são todos mui grosseiros, não passando do pilão e moinho, de que nos servimos para triturar o milho.

Assevera, entretanto, o sr. Carvalho que se encontram por aqui pedras que no se enterder se prestam a semelhante serviço.

Em todo o tempo o trigo produz bem, a não ser nos grandes verões que costumam apparecer depois das primeiras chuvas.

E' elle uma planta mui delicada e susceptivel de perder-se no primeiro mez de plantação faltando-lhe a chuva; mas, passado esse periodo, pode-se dizer que está lucrado o trabalho do agricultor.

O sr. Carvalho em suas observações disse-me que, tendo plantado trigo em um anno, aconteceu que as chuvas não continuassem, de sorte que algumas sementes ficaram intactas na cóva; no outro anno, quando veio o inverno, nasceram aquellas sementes e produziram espigas; tambem produz bem em março, abril e maio, e no fim de quatro mezes, pode-se colher:

E' plantado em covinhas, como arroz.

Quanto á producção, tenho a dizer que um homem em um dia derruba matto que chega para plantar uma cuia de trigo; para quimar e limpar o terreno do resto do matto mal queimado, consome meio dia; um dia para limpar, por cada vez que fôr necessario; corta as espigas em menos de um dia; ignoro, porém, em quantos dias separa o grão da palha pelo modo imperfeito que aqui se pratica. E' batido a varas, com grande trabalho.

Um alqueire de trigo dá seis arrobas de farinha, regulando pelo nosso peso e medida.

A cultura do trigo na Serra do Teixeira é de grande futuro economico; a sua producção é tão espantosa, que admira como tenha ficado no esquecimento esta localidade da Provincia tão fertil pela natureza do seu solo, tão vantajosa para o centro pela sua posição geographica.

Convém, pois, que se envie para aqui pessôa entendida que possa montar moinhos e tornar conhecido o uso de instrumentos proprios á cultura de tão importante cereal.

Custando na capital a arroba de farinha de trigo 6$400 réis, não resta duvida, que, apesar dos grandes fretes que se pagam aos almocreves, haveria vantagem em transportar para essa capital as sobras do consumo da Serra do Teixeira.

Estava neste pé a cultura do trigo na Serra do Teixeira,

quando a abandonaram por falta de machinismos capazes de benefical-o.

Desde então, nunca mais se tratou daquella cultura, até o anno de 1918, quando tive necessidade de pasar um anno na villa do Teixeira a tratamento de saúde.

Alli encontrei, na fazenda "S. Bernardo", um kilometro ao sul da villa duas grandes "mós" que se destinavam á montagem de um moinho de pedra. Eram os unicos moinhos que existiam no tempo em que se começou a cultura do trigo no Teixeira.

Provavelmente pertenceram ellas ao sr. Bernardo de Carvalho Andrade, pois sua era aquella propriedade.

O moinho não chegou a ser montado, porquanto, o desanimo trouxe como consequencia o abandono da referida cultura.

Cnhecedor, como já era das vantagens da cultura do trigo naquella terra, e em outras do nosso Estado, resolvi, em 1918, com outros amigos que estavam no Teixeira, realizar uma serie de conferencias publicas sobre a agricultura e a criação.

As conferencias eram feitas pictorescamente no meio da feira ao alto de uma tribuna improvisada para aquelle fim.

Uma campa chamava a attenção dos feiristas que se aglomeravam em grande massa ao redor da tribuna.

O silencio era religioso, apesar da indisciplina da lingua dos matutos.

Desta maneira chegámos a realizar cerca de 8 ou 10 conferencias, com resultados apreciaveis. Tomámos parte nellas: eu, o professor José de Mello, dr. Antonio Farias, sr. Olindino Macêdo, dr. Oscar dos Anjos e o sr. Fernando Rodrigues, escrivão da "Mesa de Rendas".

Uma ou duas daquellas conferencias foram dedicadas á cultura do trigo.

Naquelle mesmo tempo, o dr. Camillo de Hollanda, então presidente do Estado, me enviou 8 saccos de trigo que eu distribui entre os agricultores do municipio.

Infelizmente o anno foi sêcco, ou muito irregular em chuvas, de forma que se perdeu quasi toda aquella semente.

Apenas o agricultor Camillo Cordeiro, morador na Pimenteira, localidade pernambucana vizinha, poude salvar a pequena porção que lhe coube, plantando-a á margem de um açude. Dessa, ainda chegou a colher 10 kilos de que enviou uma amostra que, em 1922, figurou na exposição do Rio de Janeiro, obtendo medalha de bronze.

O sr. Camillo Cordeiro tambem desanimou por falta de machinismo, e por não ter a quem vender o seu producto.

Ensaiei tambem uma pequena plantação á margem do "Açude Novo" em Teixeira, colhendo bôa semente de trigo.

Fil-o apenas no intuito de apresentar mais uma prova da viabilidade desta cultura no Estado.

Depois disto, nenhuma experiencia se fez no Teixeira sobre esta cultura. O dr. Pimentel Gomes, em 1934, mandou preparar dois hectares de terreno na Maturéa, para iniciar as experiencias scientificas da referida cultura. Por infelicidade nossa a semente importada para este fim não germinou. Em o campo da "Cooperativa de Esperança" foi realizada com successo uma experiencia neste sentido pelo agronomo Heitor Cordeiro. Este anno o dr. Pimentel Gomes reincetou as experiencias em Esperança, as quaes promettem bom exito.

Tem-se escripto muito "contra" e "pró" as possibilidades economicas do trigo na Parahyba, porém, com argumentos aprioristicos.

Em 1923, levei a minha propaganda até o govêrno Solon de Lucena que me autorizou a comprar no Rio de Janeiro um moinho de beneficiar trigo.

Conforme já escrevi em alguns artigos de propaganda, comprei a referida machina, com capacidade de 20 saccas diarias, na Casa Bromberg & Cia., do Rio de Janeiro.

Custou cerca de 1:900$000 (um conto e novecentos mil réis), sendo despachada para este Estado, onde desappareceu antes de chegar ao seu destino que era a villa do Teixeira.

Escrevi depois mais dois artigos sobre a cultura do trigo na Parahyba, sendo um delles em resposta ao dr. Flavio Marója que tambem muito se interessava por esta cultura. Aquelles dois artigos despertaram a attenção de um dos nossos mais intelligentes agricultores da época, o P. Joel Esdras Lins Fialho que me respondeu, affirmando ter plantado trigo em 1875 no seu engenho Canafistula, em Bananeiras, obtendo seis quarteirões de trigo de bôa qualidade. Dest'arte ficou demonstrado mais uma vez, embora empiricamente, que o trigo se dá magnificamente em nosso Estado.

Si os resultados são compensadores pelos processos rotineiros, sel-o-ão certamente pelos processos scientificos de que dispomos actualmente com a maxima facilidade.

Poder-se-ia, porém, objectar que embora o trigo produza bem no Estado, a cultura de trigo entre nós não seria compensadora: ou porque não se consume bastante farinha de trigo aqui, ou porque seremos supplantados pela importação de farinha estrangeira, procedente de paizes que possuem technicos e mechinismos aperfeiçoados dos quaes não dispomos.

Se attendendessemos a estas razões, sem fundamento que na realidade já foram allegadas por alguem, a primeira cultura que deviamos abandonar seria a da canna de assucar, e a segunda a do algodão, porque em Cuba e nos Estados Unidos da America ha apparelhamentos muito mais perfeitos do que os nossos destinados ao beneficiamento de taes productos.

Quanto ao consumo, a objecção é irrisoria, porquanto podemos exportar toda a producção. No entanto o nosso consumo de farinha de trigo é consideravel, como provo com a seguinte estatistica que me foi dado pelo sr. Armando Guedes de Mello que foi inspector da nossa Alfandega no govêrno Anthenor Navarro.

Farinha de trigo entrada pelo porto de Cabedello:

Annos	*Saccas*
1927	109.450
1928	134.230
1929	114.932
1930	122.842
1931 (até abril)	048.129
Total	529.583

Conjugando o numero de saccas de cada anno com o seus valores correspondentes, temos:

Annos	*Saccas*	*Valores*
1927	109.450	3.940:200$000
1928	134.230	5.645.660$000
1929	114.932	3.792:756$000
1930	122.842	4.667:996$000
1931	048.129	2.117:676$000
Totaes	529.583	20.164:288$000

Parece-nos que o resultado desta estatistica nos deve animar a introduzir neste Estado a cultura do trigo.

Conego Florentino Barbosa

AS REGIÕES DO NORDÉSTE

A serra da Borborema, como o Atlas na Argelia e os Alpes australianos na Australia, separa duas regiões dispares. A que se encontra entre o mar e a montanha dispõe de chuvas mais abundantes e, em regra, regulares ou quasi. Poderiamos chamal-a de nordeste agricola. E' a terra da canna de assucar e do algo-

Fumal em Serraria, região humida.

dão herbaceo. A outra região, o nordeste criador — tem pluviosidade inferior e muito mais irregular. E' a terra do gado e do algodão arboreo.

Classifico as terras do nordeste, levando em consideração a pluviosidade e sua distribuição, o sólo e a vegetação.

NORDESTE AGRICOLA

Chuvas mais ou menos regulares e geralmente abundantes. Estação humida longa. Mêses mais chuvosos: maio, junho e julho. Predomina a agricultura. Cultura caracteristica: a canna de assucar. Palmeira dominante: o coqueiro, no littoral e a pindoba nas montanhas.

REGIÃO HUMIDA — Região de solo profundo, recebendo em média 1.500 millimetros de chuvas annuaes nas proximidades do mar e mais de 1.200 nas encostas da Borborema. Póde chover durante quasi todo o anno, havendo oito mêses de chu-

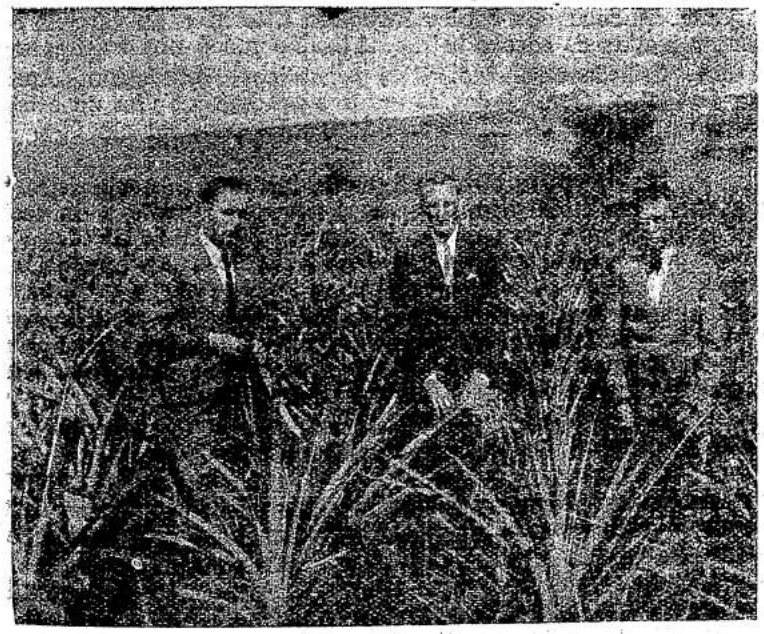
Arrozal, em pleno sertão semi-arido, irrigado por um açude. Municipio de Anthenor Navarro, Parahyba.

vas mais abundantes. Região sempre verde. Florestas verdadeiras. Cannaviaes não irrigados. Rios perennes de regime normal. Muitas fontes. Região pouco propricia ao algodão. Cafezaes nas serras. Bananaes por toda parte. Poderia-mos sub-dividil-a em **littoral** e serras, sendo de 25 graus a temperatura média da primeira e de 19 a 20 a do segundo.

REGIÃO SUB-HUMIDA — Sólo de profundidade média ou pequena. Pluviosidade variando, em regra, entre 850 e 1.200 a 1.300 millimetros. As arvores da matta perdem a folha durante alguns mêses do anno — 3 a 5 mêses. Rios periodicos. Ausencia de fontes. Esta região pode ser perfeitamente dividida em duas sub-regiões, a CAATINGA HUMIDA, mais pluviosa, e a CAATINGA SECCA. A caatinga humida ainda póde ter alguns cannaviaes não irrigados, porém de resultados, ás vezes, precarios. Sub-região pouco propricia ao algodão nos annos muito chuvosos. A caatinga sêcca não admitte cannavial sem irrigação. E é admiravel região algodoeira.

NODESTE CRIADOR

Chuvas irregulares e, ás vezes, escassas. Estação humida curta. Predomina a pecuaria. Cultura caracteristica: o algodão arboreo. Palmeira dominante: a carnau'beira.



Um abacaxizal na caatinga humida.
Laranjal no littoral.

REGIÃO SUB-HUMIDA — Nas serras isoladas a precipitação varia entre 1.200 a 1.800 millimetros (Meruoca no Ceará). Em trecho do littoral a chuva vae de 1.200 a 1.500 millimetros. Estação humida durando seis mêses — de janeiro a junho, março

e abril são os mêses mais chuvosos. Durante o resto do anno a chuva é praticamente nulla. Sólos profundos. Rios perennes de regime pouco regular. Fontes. Cafezaes nas serras. Cannaviaes irrigados ou nas terras baixas, bem mais humidas, das montanhas e do littoral. Bananaes nos mesmos sitios. As florestas não perdem ou não perdem totalmente as folhas. Florestas verdadeiras. Divide-se em duas sub-regiões **littoral** com a temperatura média de 25 graus e Serras onde a temperatura varia de 19 á 20 graus.

REGIÃO HUMIDA — Região de sólo profundo, recebendo 500 e 1.000 millimetros, reduzindo-se, nos annos sêccos, a metade ou menos.

Estação humida durando 4 a 5 mêses e seguida por um periodo absolutamente secco. Sólos de profundidade pequena ou média. A rocha aflora em muitos lugares. Cultura de canna sem irrigação, impossivel. Nas margens dos rios, onde ha mais humidade e sólo mais humido e nos sopés das serras a vegetação é pujante. A zona dos cocaes invade o littoral e as varzeas com densas mattas de carnau'beiras. Algodão mocó nos trechos mais seccos. Criação extensiva. Rios periodicos. Açudagem. Ausencia de fontes. Quasi todas as arvores perdem a folha na estação sêcca. A cultura do milho sem irrigação, possivel em 90% dos annos.

Divide-se em duas sub-regiões: **planaltos** e **planicies**. Os **planatos** têem clima temperado e se prestam á cultura do cactos Burbank. Temperatura média, 20 graus. A planicie divide-se em três zonas: **varzeas, sopés de serra e taboleiros**. As **varzeas** marginam os rios e são terras de alluvião muito ferteis, profundas e relativamente humidas. Grandes arvores. Irrigação facil por meio de noras, pois ha agua abundante no sub-sólo, a pequena profundidade. E agua geralmente bôa. Densas mattas de carnau'beiras revestem dezenas de leguas de varzeas ferteis.

Sopés de serra — São formados por terras colluviaes. Solos profundos, muito ferteis. Vegetação pujante.

Os **taboleiros** são as terras ora onduladas ora destendidas em chapadões. Podemos considerar dois typos principaes de taboleiros: **taboleiros de pau'-brancaes** com sólo de profundidade média, vegetação regularmente desenvolvida; e os **taboleiros de jurema**, de sólo escasso e vegetação tacanha, sólo dos mais ingratos, e zona das menos aproveitaveis.

REGIÃO ARIDA OU DAS CACTACEAS: — Menos de 500 millimetros de chuva, reduzindo-se a metade ou a menos, nos annos sêccos. Estação humida de 3 a 4 mêses, seguida de mêses absolutamente sem chuva. Sólos rasos ou de profundidade média. Vegetação rala de pequenas arvores espinhosas e de cactaceas que crescem nos trechos mais ingratos. Rios periodicos podendo possar mais de dois annos sem correr. Ausencia absoluta de

fontes. Aguas salobras. Açudagem. Predomina a pecuaria. Cultura de canna sem irrigação, impossivel. A cultura do milho, sem irrigação, impossivel frequentemente. Domina a pecuaria. Algodão mocó de fibra magnifica. Região pequena, se estendendo, numa faixa estreita, de Mossoró ao Rio S. Francisco através Assu', Curraes Novos, Jardim do Seridó, Soledade, Cabaceiras, S. João do Cariry, Belém, Cabrobó.

Pimentel Gomes

PATRIOTISMO E LIBERDADE

Padre Francisco Lima

(Conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico Parahybano em 7 de setembro do corrente anno).

O VERDADEIRO PATRIOTISMO

Festejar as grandes datas nacionaes é prova do mais sadio patriotismo. Não desse patriotismo jacobino, instintivo e brutal, que concita as massas na praça publica á rebeldia e ao terrorismo.

O amôr da Patria, transcendental e divino em sua origem, é disciplina que não soffre professores da marca de Robespierre Danton e Marat.

Nem ainda desse patriotismo dispersivo, baseado no "Contracto Social" de Hobbes e de Rousseau, patriotismo malsão "que repudia o Passado; que é um appello excluivo ás forças do interesse como formadoras da nacionalidade"; patriotismo que deschristianizando, desunificando e desnacionalizando o paiz, fórma consciente ou inconscientemente ao lado dos que negam a Patria.

A Patria é o Passado !
E não sómente o Presente e o Futuro como querem os partidarios do naturalismo utilitario.

O nosso patriotismo é o patriotismo dos que "não renegam aos paes por amôr aos filhos; dos que não condemnam em bloco o Passado por causa do Futuro; dos que vão ao contrario buscar no Passado e na Paternidade as melhores forças para transmittir integralmente aos filhos os legados ancestraes".

A Patria, como bem escreve Tristão de Athayde, não é um gremio politico que póde ser dissolvido arbitrariamente desde que cesse o nosso interesse em nos conservarmos addidos a esse gremio.

A Patria trazemol-a no sangue, trazemol-a na educação que recebemos, na fórma do nosso espirito, na intima conformidade com o passado, na adequação subtilissima á paizagem que nos cercou desde a infancia.

A nacionalidade não é uma associação arbitraria, e sim,

como a propria ethymologia da palavra indica, o lugar em que nascemos ou renascemos.

Por todas as fibras mysteriosas da hereditariedade, tanto physica como moral, sentimo-nos ligados a esse grupo nacional espontaneo, que vae desabrochar também, por elementos ao mesmo tempo necessarios e voluntarios, em um Estado de que participamos pelas fibras mais intimas do nosso ser. Tanto a tradição, como a raça, como os costumes e sobretudo a religião são fundamentaes á nacionalidade brasileira, remata o grande sociologo, para aquelles que se guiam por uma concepção integral da Politica.

HONTEM E HOJE

Meus senhores, o panorama politico-social do mundo exerce hoje mais do que nunca uma influencia poderosa sobre todos aquelles que pretendem transmittir idéas á collectividade.

Não se comprehendia outrora o 7 de Setembro sem a narração marcial das luctas da Independencia.

Uma aureola de legenda cercava os vanguardeiros de nossa emancipação politica: a trindade gloriosa dos Andradas e os estrangeiros benemeritos que representaram a força organizada do exercito e da marinha naquella decisiva emergencia: Lord Cockrane, John Taylor, Paschoal Greenfell e Labatut.

Ventos galernos conduziam a náu do país enfeitada de florões e galhardetes para a gloria e para a paz.

E o fremir do nosso enthusiasmo saudava o Brasil.

"O Brasil apostolar da cathequese:" Brasil dos Nobregas e dos Anchietas.

"O Brasil que se desdobrou em territorio pela empolgante sedução do desconhecido": Brasil do Anhanguera e de Fernão Dias Paes Leme.

"O Brasil que vibrou de coragem enfrentando o invasor castigado": Brasil de Henrique Dias e de Vidal de Negreiros.

"O Brasil que padeceu torturas por sua independencia e sua integridade": Brasil de Tiradentes e de José Peregrino Xavier de Carvalho.

"O Brasil que modelou seus filhos no lustre de sua estirpe": Brasil do Visconde de Cavalcanti e do Barão de Abiahy.

"O Brasil das missões, affirmando a fé, o Brasil das batalhas, esmagando o despotismo, o Brasil das bandeiras, desferindo a aventura, o Brasil das maravilhas, compondo a harmonia, o Brasil dos remansos, acolhendo a concordia, o Brasil das energias, abençoando o trabalho, o Brasil das inconfidencias, ungindo a liberdade".

O Brasil ideal, o Brasil, virgiliano recanto bucolico antevisto pela alma civica e sonhadora de Fernando de Magalhães nas luminosas paginas da "Cartilha da Probidade".

Hoje, porém, as commemorações do dia da Patria encarnam differente modalidade.

A crise da ordem publica, a crise da autoridade, a crise da moral politica e social vem desfazendo aquelle equilibrio de antanho, causa mater da paz emquanto tranquilidade da ordem.

A galera da civilização esbrrou nos parceis do materialismo e vae voltando a todo pano em demanda das eras barbaras.

E é de justiça affirmar, não ser a Igreja retrograda dos romanticos defensores de Galileu, quem está imitando os horrores do paganismo e copiando servilmente os hunos e os vandalos.

São os refinados coripheus da moderna economia politica.

Os pretensos Messias da fraternidade universal.

Os vexillarios do socialismo que se transforma em chacina e da liberdade que degenera em anarchia.

A LIBERDADE

Bem haja o Govêrno da Republica fazendo realizar nos estabelecimentos de ensino do pais, durante a semana da Patria, prelecções diarias sobre os nossos grandes mortos. Offerecendo á admiração e ao culto dos estudantes a vida e o exemplo daquelles que mais trabalham pela independencia e pela grandeza da nação brasileira.

A solennidade austera dessas palestras é um estimulo ao civismo de nossa juventude. E' um banho lustral que liberta o conceito liberdade da sujeira com que lhe pretendem empanar o brilho os janizaros de Moscow.

Os mosaicos de Santa Sofia, as embrechaduras de ouro dos minaretes bizantinos também fôram recobertos pelos otomanos com uma camada de oleo. Mas nem os mozaicos perderam a riqueza de suas tonalidades, nem os minaretes perderam a capacidade de reflectir intensamente a luz.

Assim a liberdade atravessa o fragor das luctas sociaes, vôa por sobre os estridulos da procella demagogica sem o minimo vislumbre de contaminação.

E' sempre a libertas, riquissima de sabedoria e prudencia, definida por Thomaz de Aquino — **Potestas unum eligendi inter plura, fundata in indifferentia objectiva et subjectiva voluntatis.**

Poder de escolher uma cousa entre muitas fundado na indifferença objectiva e subjectiva da vontade.

E' sempre a liberdade baptisada pelo verbo de Ruy Barbosa como o genio da paz, filha da ordem.

Nós não atiramos a pécha de carcomidos aos ultimos abencerragens da geração que nos precedeu no scenario politico do Brasil.

Seria uma irreverencia ao poder constituido.

Seria uma injustiça ás virtudes civicas de que muitos delles são venerandos depositarios.

Mas somos obrigados a confessar que lhes faltou a solercia no apreciar a marcha evolutiva das idéas sociaes.

Não exageramos affirmando que, ingenuamente, elles encaminharam o país ás sirtes da dissolução politica.

Velhos marinheiros da Náu do Estado, não tiveram absolutamente razão alguma de se portarem com tanta inexperiencia ouvindo a aria seductora das sereias.

Obedecemos á voz autorizada dos altos poderes da Republica que nos mandam doutrinar a mocidade nos preceitos do vero e puro cathecismo civico.

E a nossa voz se ergue da cathedra, humilde sim, mas cheia de convicção; deselegante sim, mas referta de verdade :

Moços, futuros dirigentes da Patria !

A liberdade não é a independencia de todo vinculo juridico.

Não é a licenciosidade de fazer o que agrada.

Não é a morte do bom senso.

Não é a emancipação da vontade de toda norma racional.

A liberdade é irmã gemea da lei, e a lei é a ordenação da razão para o bem commum.

Moços, a liberdade fóra da lei é um absurdo e fóra da lei natural, a *fortiori*, muito maior absurdo.

Não são livres os govêrnos que procedem contra a lei natural; são escravos agrilhoados á paixão do mundo, fautores do cancro social que acompanha todas as escravidões : a rebeldia, uma paixão contraria.

DESPOTISMO VERSUS ACRACIA

Eis a razão porque na arena politica do mundo duas grandes paixões se defrontam na hora que passa : a paixão do mando absoluto e a paixão da anarchia absoluta.

A autocracia em face da acracia.

O homem que usurpa os direitos de Deus para mandar, e o homem que invoca os principios de Satanaz para desobedecer.

Afastai-vos, moços, de todo excesso na arte divina de governar.

Nem Pedro, o Grande, chicoteando o povo, nem Rousseau collocando a soberania do povo acima da soberania de Deus.

Nem o despotismo das dictaduras de arrocho, nem o democratismo fallido, que começando na comédia de Machiavel, vai terminando em cada nação na tragedia social de Charles Marx.

Se o despotismo gera a rebeldia das nações, o democratismo gera a rebeldia universal.

O GOVÊRNO SEM DEUS

Respeita, ó moços, os direitos de Deus, expressos no supremo codigo da lei natural, e sereis grandes, nobres, correctos estadistas.

Porque o govêrno sem Deus é o maior inimigo da ordem social : muito mais revolucionario do que a plebe enfurecida chacinando padres e profanando freiras á luz meridiana.

O govêrno sem Deus perturba e destroi a paz e a felicidade da Patria, porque afronta os brios da familia, da sociedade e do povo.

O govêrno sem Deus é o farçante que pretende reprimir as sedições populares, invocando sanções de uma lei que elle é o primeiro a desrespeitar.

Se tú desobedeces a Deus, que direito tens de exigir a obediencia de teus subditos? Quando elles te crucificarem no calvario da sua desesperação, estarão agindo dentro das normas da mais perfeita coherencia.

Senhores membros do Instituto Historico e Geographico Parahybano !

Nós que temos o dever de zelar pelas tradicções da Patria !

Nós que somos os mestres por excellencia da nacionalidade, se mestres são aquelles que no culto do Passado encontram estimulo para pregar ao Presente os deveres do Futuro !

Esqueçamos, senhores, nesta hora de inquietação e de angustia, todos os nossos preconceitos, todo o subjectivismo de nossas idéas.

E no dia da liberdade, preguemos, senhores, ao pais, preguemos ao mundo inteiro o evangelho da liberdade.

Da liberdade que é o combate ás paixões.

Da liberdade que é a resistencia ao mal.

Da liberdade que é a obediencia ás leis divinas, na synthese immortal de Agostinho :

Vir bonus, vir justus, homo liber.

E nenhuma outra homenagem mais grata será ao nobre coração da Patria !...

3.ª PARTE

TRABALHOS DO INSTITUTO

Trabalhos realizados no Instituto Historico em 1936

Depois do longo espaço de sete mêses de repouso occasionado por diversas circumstancias, o Instituto Historico reatou o fio da sua vida intellectual, levando a effeito os importantes trabalhos que se seguem:

SUA REUNIÃO DO DOMINGO ULTIMO

Sob a presidencia do dr. José de Avila Lins, secretariado pelos consocios conego dr. Florentino Barbosa e academico Durwal de Albuquerque, reuniu-se, domingo ultimo, ás 14 horas, essa agremiação scientifica.

Presente regular numero de socios, foi declarada aberta a sessão, sendo lidas e approvadas as actas das sessões anteriores.

A seguir, pelo 1.º secretario é lido o expediente, que constou de propostas apresentadas pelos associados dr. José de Avila Lins, professor José de Mello, conego Florentino Barbosa e Luiz Pinto, apresentando para socios efectivos os srs. dr. Hortensio Ribeiro, dra. Neusa Andrade, dr. Elpidio de Almeida, d. Alice Monteiro e padre Carlos Coêlho e do recebimento de revistas e jornaes de varios Estados do Brasil.

As propostas referidas, submettidas a votos, foram approvadas, por unanimidade.

Em seguida, o sr. presidente franqueou a palavra, solicitando-a o conego Florentino Barbosa, que leu um capitulo de sua obra em confecção, sobre a familia, sendo muito applaudido.

Segue-se com a palavra o sr. João Veiga Junior, que lembra uma serie de medidas importantes a serem tomadas pela Directoria, sendo o exposto levado em consideração pela Casa.

Fala, após, o dr. Pimentel Gomes, lembrando que o Instituto Historico, agora installado, em predio indepedente, poderia ser franqueado, uma vez por semana exclusivamente aos associados, dada a importancia de sua bibliotheca, que continúa nas estantes, sem utilidade para os mesmos.

O sr. presidente determina, apoiado pela Casa, que a séde do Instituto seja aberta aos domingos, das quatorze ás dezoito horas, exclusivamente para os associados.

Para tratar de varios assumptos, referentes ao Instituto, com o sr. Governador do Estado, o sr. presidente designa uma commissão constituida dos associados conego Florentino Barbosa, Luiz Pinto e Durwal de Albuquerque.

A seguir, não havendo mais assumpto a tratar, o sr. presidente encerra a sessão.

APRESENTAÇÃO E POSSE DE NOVOS SOCIOS — DESIGNAÇÃO DE COMMISSÕES

Como estava annunciado, realizou-se domingo ultimo, mais uma sessão no Instituto Historico, em sua nova séde á rua Duque de Caxias, 242.

Presente crescido numero de socios, tiveram inicio os trabalhos. Lido o expediente, constou este de livros, revistas e correspondencias e outras endereçadas á Instituição, como também propostas, para socios, dos srs. drs. Gonçalves Fernandes. Orris Barbosa, Horacio de Almeida, Lourival Moura, Braz Baracuhy, Oscar de Castro e as senhoritas Analice Caldas e eBatriz Ribeiro, os quaes foram acceitos pela Casa.

Não se encontrando presente o orador official, o presidente, dr. J. Avila Lins, fez a saudação á sra. Alice Monteiro que se empossava naquella sessão e, estando presente a senhorita Analice Caldas, foi esta também empossada. D. Alice Monteiro, após o discurso de saudação, agradeceu o seu ingresso áquella Casa, lendo um interessante trabalho, tendo a senhorita Analice Caldas falado externando o seu agradecimento.

Em seguida, pediu a palavra o socio Luiz da Silva Pinto que pronunciou longa oração, sendo applaudido. O orador feriu um assumpto palpitante para a vida daquella associação historica. Referiu-se á scisão alli havida cerca de dois annos passados, e que motivou a sahida de três socios dos mais assiduos e dedicados aos destinos do Instituto Historico. Depois de outras considerações, estabelecendo confronto, trazendo argumentos de idéas que trocára em Recife com alguns historiadores seus amigos, o orador disse que Coriolano de Medeiros não podia nem poderá nunca ausentar-se do Instituto Historico, pois elle, era, na realidade, a propria historia da Parahyba humanizada. E Matheus de Oliveira, que, como Coriolano, era socio fundador, tinha ,como aquelle, grandes responsabilidades pela obra que crearam. O mestre querido da mocidade, sempre animoso em defender o engrandecimento da Parahyba, teria de ceder ao imperativo das nossas neccessidades sociaes, volvendo com os demais companheiros, ao recinto que sempre distinguira e honrára. E o sr. Pedro Baptista, o pesquizador infatigavel, organizador methodico, a quem o Instituto deve uma somma de bons serviços é igualmente necessario á nossa agremiação pela qual sempre trabalhou desinteresssado e dignamente.

Terminando a sua oração, o sr. Luiz da Silva Pinto propoz que se organizasse uma commissão, não somente para entrar em entendimento com os dissidentes, mas para solicitar-lhes em nome do Instituto Historico, a voltarem aos postos que occupavam e honravam, dentro do menor prazo possivel.

A commissão proposta pelo orador é a seguinte: sra. Alice Monteiro, prof. José de Mello, dr. Pimentel Gomes, conego dr. Florentino Barbosa e dr. José de Avila Lins.

A Casa esteve de pleno accôrdo com as idéas expendidas pelo orador que foi largamente cumprimentado, tendo o presidente falado em torno de suas ligações com os socios em dissidio, fazendo resaltar a affeição pessoal que mantinha pelos mesmos. Sobre o mesmo ainda falou o sr. Francisco Coutinho de Lima e Moura.

Damos, a seguir, o discurso da sra. Alice Monteiro:

"Eis-me ante vós, commovida e surpresa.

Surpresa porque me não reconheço merecimentos que me justifiquem a presença aqui. Que fará a minha mediocridade consciente neste cenaculo que reune os maiores valores da Parahyba. Por que estou aqui ? Para que, senhores? Para desilludir-vos? Antes me tivesseis deixado na commoda obscuridade a que estou affeita. Tanta luz! Tanta luz aqui!

Commove-me vêr que não desdenhaes a companhia da mulher. Reconheceis, mais uma vez, no cavalheirismo de vosso gesto que a mulher, além de coração, pode ter cerebro. Em uma cousa erraste: não descobristes o cerebro. Escolhestes uma mulher que apenas tem coração e, por isso, se curva humilde e agradecida ante vós, deplorando o vosso engano.

A historia, senhores, é a fonte em cuja limpha vae a humaniidade beber conhecimentos para a vida. Através das éras nos mostra sem os véos do enthusiasmo e das paixões a personalidade verdadeira dos que constituem o alicerce moral das patrias. Os conhecimentos adquiridos no estudo ponderado e austéro das individualidades formadoras das nações, explicam em cada individuo a força do sentimento que o prende á propria gleba. Os actos dum guerreiro ou dum chefe de Estado, personificam um povo. Joanna d'Arc, diante das hostes aguerridas dos gualezes, era bem a alma heroica da França, num fragil corpo de mulher.

A fé, o sentimento patriotico fazem daquella criança inexperiente, um guerreiro formidavel, diante de quem foge destroçado o inimigo.

O amôr da patria é uma scentelha do amôr da humanidade, o divino amôr que levou Christo ao Calvario. E este amôr que leva Maria Quitéria de Jesus a esquecer preconceitos sociaes, delicadeza de sexo, melindres de inexperiente juventude, até prohibição paterna para, vestida em roupas masculinas, vencer matas e vadiar corregos, alcançando as tropas combatentes, enfileirar-se ao corpo de "VOLUNTARIOS DO PRINCIPE D. PEDRO", entre os mais bravos defensores da sua terra. E'

ainda o calor sagrado do amôr patrio, como formosa expressão do amôr da humanidade que conduz Anna Nery, uma indefesa anciã dos campos paraguayos, a curar ferimentos, a aliviar dôres. Ella, que á Patria entregára filhos e irmão, fazia-lhe a dadiva da propria vida, tratando aos feridos com tal extremo de amôr, e de maternal dedicação que logo a appellidaram "Mãe dos brasileiros". O coração desta mulher era como um grande lyrio immaculado que a todos concedesse indistinctamente perfumes de bondade excelsa. E' assim que, regressando á patria, traz comsigo seis orphãos de combatentes inimigos. Cria-os em seu regaço. Educa-os como aos proprios filhos. Ella é bem o symbolo da mulher brasileira. Dando-se até o limite das forças, até o ultimo alento por amôr dos seus, por amôr de sua terra. Desdobrando-se em piedade e compaixão pelo soffrimento alheio.

Mãe brasileira! Misericordia immensa, destruindo todos os rancores! Bondade superhumana, tão comprehendida e tão sentida pelos que nasceram sob a constellação do cruzeiro do sul!

Nenhum brasileiro póde-se mostrar indifferente aos admiraveis exemplos de honra, civismo, desprendimento que nos legaram antepassados entre os quaes se destacam tão nobres figuras de mulher. A nós outros, que importa, se a ambição inconfessada de posições politicas, o desejo insaciado de adquirir ouro, terra, escravos atirou em outras eras contra a maravilhosa terra do Brasil imbusteiros de tantas origens?

A cobiça desses corsarios fez surgir para exemplo dos postéros, figuras taes como: — Henrique Dias, Camarão, André Vidal de Negreiros, symbolos vivos das raças que, unidas na luxuriante terra americana, formavam a patria nova, que defenderam até a morte. O bronco remol, o mestiço medrado e valente, o indio leal, o preto destemido, batendo-se por aquellas terras, sacrificando-se por ellas, começaram a sentir a patria, a descobril-a em si mesmo, no ar perfumado pela vegetação inegualavel, na luz dourada do sol tropical reflectindo-se no crystal liquido dos rios, nos animaes, em tudo. Estava formando o espirito de nacionalidade, a consciencia nacional. Sentiam que eram o Brasil e que o Brasil não se poderia deixar vencer. Realmente: — hoje, como hontem, amanhã como hoje, o Brasil não se deixará vencer.

Não se deixará vencer, luctando pelo progresso proprio, concorrendo para o progresso da humanidade, dentro do symbolismo que a sua bandeira encerra: — Ordem, Paz e Progresso.

Todos os esforços do homem deveriam effectivamente convergir para a pacificação universal. Cada individuo deveria restringir a propria ambição lembrando que a liberdade de cada um termina onde a de outrem começa. Recordando que tudo o que nos agrada em excesso, provavelmente agradará a outrem, prepar-se-ia do individuo á collectividade e da collectividade á nação o espirito de fraternidade, de desprendimento e solidariedade que uniria (?!)

A HOMENAGEM PRESTADA, AOS INESQUECIVEIS PARAHYBANOS, DR. SERAPHICO DA NOBREGA, ARCEBISPO DOM ADAUCTO E DR. RODRIGUES DE CARVALHO — FALARAM O DESEMBARGADOR MAURICIO FURTADO, PROFESSOR JOSE' DE MELLO E O DR. OCTACILIO DE ALBUQUERQUE

Teve lugar, hontem, ás 14 1|2 horas, na séde respectiva, á rua Duque de Caxias, a annunciada sessão solenne do Instituto Historico e Geographico Parahybano, na qual foi prestada uma homenagem evocativa á memoria dos illustres parahybanos drs. José Rodrigues de Carvalho e Seraphico Nobrega e arcebispo dom Adaucto Aurelio de Miranda Henriques, socios daquella conceituada instituição.

O REPRESENTANTE DO SR. GOVERNADOR DO ESTADO

Compareceram familias, jornalistas e grande numero de socios, tendo o sr. governador Argemiro de Figueiredo se feito representar na solennidade pelo seu ajudante de ordens, tte. Sousa e Silva.

ABERTURA DA SESSÃO

A sessão foi aberta pelo presidente, dr. José de Avila Lins, vendo-se na mêsa de honra o conego Florentino Barbosa, tte. Sousa e Silva, drs. Walfredo Guedes Pereira e Octacilio de Albuquerque e sra. Alice Monteiro.

A seguir, o dr. Avila Lins expoz o motivo daquella reunião, referindo-se á significação da homenagem que era prestada aos três inesqueciveis parahybanos, cuja actuação destacada na judicatura, nas letras e na religião assignalou.

OS ORADORES

Com a palavra o primeiro orador da solennidade, desembargador Mauricio Furtado, apreciou, s. excia., em brilhante discurso, a vida do illustre e honrado magistrado que foi o dr. Seraphico Nobrega.

Nessa occasião, foi inaugurado o retrato do saudoso parahybano, que foi socio fundador do Instituto Historico, exercendo a sua primeira presidencia.

Seguiu-se o professor José de Mello, que traçou a personalidade do saudoso arcebispo Dom Adaucto, evocando a longa e fecunda actividade apostolica do venerando antiste.

Sobre a personalidade de Rodrigues de Carvalho falou o dr. Octacilio de Albuquerque que teve palavras de muita expressividade, relembrando a vida do notavel jurista e homem de letras.

Os discursos dos dignos oradores que divulgamos, em seguida, receberam prolongadas palmas da selecta assistencia.

A familia do arcebispo Dom Adaucto esteve representada naquella homenagem ao seu illustre membro pelo dr. Walfredo Guedes Pereira; a do dr. José Rodrigues de Carvalho pelos srs. Mario Rodrigues e Eugenio Vellôso; e a do dr. Seraphico Nobrega, pelos drs. Appolonio, Francisco e Seraphico Nobrega Filho, e sr. Manuel Londres.

Encerrando a sessão, falou o dr. Avila Lins, que agradeceu o comparecimento dos presentes .

Tocou em frente á séde do Instituto Historico a banda de musica da Policia Militar, cedida pelo seu commandante coronel Delmiro de Andrade.

O DISCURSO DO DES. MAURICIO FURTADO

Foi a seguinte a oração pronunciada pelo desembargador Mauricio Furtado :

"Sr. presidente, demais consocios, meus senhores : — Perdoae-me que, num justificado preito que hoje rendemos ao primeiro presidente desta Casa, eu só vos posso trazer á guiza do discurso que me encommendastes, uma rapida memoria sobre tão conspicuo e dilecto consocio fallecido.

A lembrança ainda bem viva desse bonissimo concidadão que, em meus treze annos, conheci na direcção e na cathedra do velho Lyceu Parahybano, e a quem, vinte e poucos annos mais tarde, fui substituir, com muita honra para mim, na Procuradoria Geral do Estado, bem me poderia suggerir, si m'o permittissem os meus deveres ordinarios, glutões do tempo, um estudo mais acurado e digno do antigo mestre e deste augusto gremio.

Uma vida bem vivida deve ser bem contada. E' norma da familia, é orgulho da raça, é padrão da nacionalidade.

Mas, que difficil tarefa !

Infelizmente jazem entre nós, quiçá infecundos, velhos troncos apparentemente extinctos, que são essas existencias preciosas de outr'ora e que, cultivados por verdadeiros biographos, redoirariam de abundantes messes espirituaes e moraes. Nem só entre nós. Carlyle já dizia que "uma vida bem escripta era quasi tão rara como uma vida bem empregada".

O notavel escriptor patricio Heitor Muniz fez notar que a arte em biographia, a sua grande finalidade, só é attingida na technica dos escriptores modernos. Essa arte, porém, não se crea no espaço, vasio como a musica; nem nas pedras brutas, como a estatuaria; mas em elementos outros reunidos por entidades como esta a que servimos. E nós temos "vidas bem empregadas". Para traçal-as, para reanimal-as, é que eu desejaria, não arte postiça de Zwig que é, no dizer acertado de Ramalhete, um "creador lantejoulado de phantasmas travestidos de homem"; mas a technica

admiravel de André Maurois, na França; Emil Ludwig, na Allemanha; e Litton Strachey, na Inglaterra.

Essa arte é que faz reviver em cada bibliotheca, em cada estante, em cada lar, multiplicando-se como os pães do Evangelho, as grandes preciosidades humanas.

A PESSÔA DO HOMENAGEADO

Francisco Seraphico da Nobrega viveu 72 annos incompletos, pois tendo nascido a 28 de novembro de 1863, falleceu em 24 de maio de 1935. O seu nascimento verificou-se na fazenda de seus paes, denominada "Ramadinha", municipio de Santa Luzia; morreu em sua residencia das Trincheiras, nesta capital. Fez o seu curso de humanidades no Lyceu Parahybano, e em 1894, formava-se pela Faculdade de Direito do Districto Federal, para onde se transferira da de Recife. Alli teve a dita de ser condiscipulo dos grandes juizes Bento de Faria e Alfredo Russel, cuja convivencia sem duvida influiu na sua formação juridica. Fixou-se a principio no Rio, onde trabalhou como professor, como jornalista e como advogado. Com effeito, lecciono em varios collegios, inclusive o Pio Americano, foi redactor do Diario Official da Republica e deixou interessantes trabalhos sobre importantes causas que defendeu, então, no fôro da metropole.

Alli, tendo recusado as nomeações de juiz de direito no Estado de Matto Grosso e de juiz substituto federal na Parahyba, foi buscal-o a seductora politica. Mas, politico, elle o soube ser, como Castro Pinto, dando mais de si, que usufruindo dos cargos que occupava; e como Gama e Mello, não comprehendendo jámais como seria possivel desconfiar de amigos. Deputado estadual em duas legislaturas, 2.º vice-presidente do Estado, tendo exercido o govêrno, de fevereiro a julho de 1905, director da Instrucção Publica e do Lyceu por 3 annos, deputado federal em 1909 e reeleito em 1911, exercendo sempre as funcções de *leader* da bancada, declinou firme na derrota walfredista de 1915. Novamente deputado estadual, mas pela minoria, em 1916, foi conservado nesse posto até 1926. Em 1927, acceitou o cargo de procurador geral do Estado, em que permaneceu até 1931.

Foi por fim o dr. Francisco Seraphico da Nobrega eleito deputado á Constituinte Estadual de 1935, a qual pretendia fazel-o seu presidente.

Seu estado de saúde, entretanto, lhe não permittiu sequer tomar parte em qualquer sessão, vindo a fallecer, porém, depois de assignar a nova Constituição.

Advogado no Rio de Janeiro, prestou grandes serviços á assistencia judiciaria, tendo recebido honrosas incumbencias do notavel Mello Mattos.

Deputado federal, bateu-se pelo prolongamento de nossas estradas de ferro, como se póde vêr de extraordinario e do-

cumentado discurso publicado no Diario do Congresso, de 17 de julho de 1914. Quem assim viveu, senhores, não está só na memoria do Instituto que elle fundou e que presidiu, mas de toda a Parahyba. E não só numa memoria de saudade, mas de gratidão.

Pois, si, como outros, elle foi advogado, si, como tantos elle se filiou á politica e serviu nos três poderes, chefiando o govêrno, integrando-se no Parlamento, — promovendo a justiça, certo, como poucos em sua longa vida publica, elle soube ser, como particular, o que eu não sei exprimir senão por uma phrase vulgar, mas incisiva e significativa : um verdadeiro homem de bem ! E' por isso que entre os homenageados de hoje figura o dr. Francisco Seraphico da Nobrega".

O DISCURSO DO PROFESSOR JOSE' DE MELLO

Foi a seguinte a oração pronunciada pelo professor José de Mello em homenagem ao arcebispo D. Adaucto :

"Cumprindo um dever social e de reconhecimento aos meritos de parahybanos illustres que nos diversos sectores da actividade humana honraram a sua terra e dignificaram a sua missão — o Instituto Historico, em homenagem por todos os titulos digna, promove esta reunião de saudade e de justiça.

Estudar a Geographia do Estado, tirando-a dessa confusão em que ainda se encontra : pesquizar os feitos historicos, arrancando do desconhecido ou do discutivel os verdadeiros factos que devem enriquecer o nome da Parahyba; fazer ressaltar os homens que levaram toda uma vida de trabalho honesto, olhos fitos nos destinos da Patria e que legaram á posteridade somma inestimavel de beneficios e de bons exemplos, eis a finalidade precipua da sociedade que se constituiu a guarda indormida das tradições e da historia parahybana.

A presente sessão de homenagem encontra guarida num dos pontos basicos do nosso Estatuto.

Coube a mim falar dessa figura veneranda de pastor e de patriota que foi D. Adaucto Aurelio de Miranda Henriques — Honra-me sobremodo a designação.

Habituado, desde criança, a olhar com respeito o vulto do primeiro bispo e primeiro arcebispo da Parahyba, dentro na sua simplicidade e no seu fervor admiravel por tudo que dizia respeito á Igreja e ao bem de sua terra, senti-me satisfeito por ter a opportunidade de, em publico e em nome desta Instituição, traçar o perfil com alguns commentarios do illustre prelado e digno consocio desaparecido.

INFANCIA E PRIMEIROS ANNOS DE VIDA ECCLESIASTICA

Nascido a 30 de agosto de 1955 no municipio de Areia, o mais tarde D. Adaucto, era filho do cel. Ildefonsiano Climaco de Miranda Henriques e d. Laurinda Esmeraldina de Sá Miranda Henriques.

Rebento de uma familia profundamnte catholica o moço parahybano desde cêdo mostrou decidida vocação ecclesiastica.

Iniciando os seus estudos no vetusto Seminario de Olinda para logo se transferiu para o Collegio de S. Sulpicio, em Issi, e dalli para Roma onde foi ordenado presbytero, a 18 de fevereiro de 1880, doutorando-se em canones em 18 de setembro de 1882.

No vigor dos annos, enthusiasta pelas causas da Igreja e amante da Patria distante, o joven sacerdote emquanto se aprofundava nos estudos, tratava de voltar ao Brasil onde o esperava vasto campo de acção espiritual e um futuro cheio de difficuldades, bençãos e triumphos no seio da diocese que iria fundar.

De regresso, em Olinda entrou para o corpo docente do Seminario dirigindo as cadeiras de rethorica e philisophia, de direito canonico e francês.

Reconhecido o seu valor intellectual e grande piedade foi incumbido da direcção espiritual do Seminario, deixando nesse posto assignalada passagem como formador de caracter e rigida disciplina que soube impôr áquella casa de educação.

BISPO DA PARAHYBA

Sob a jurisdicção da diocese de Olinda esteve a Parahyba até o anno de 1893 quando Leão XIII, desmembrando-a, creou a deste Estado para a qual foi eleito D. Adaucto, passando a ser suffraganea da archidiocese da Bahia.

Investido nas novas e arduas funcções, em 4 de março de 1894 tomou posse de seu cargo. Acolhido com as maiores demonstrações de sympathia accorrendo toda a poulação para recebel-o na estação da estrada de ferro e acompanhando-o á antiga igreja da Conceição onde revestido entrou a abençoar o seu rebanho, o novo bispo mediu a extensão da obra que tinha a realizar.

Sem recursos, sem casas de ensino em que, de prompto podesse formar uma mentalidade á altura das necesidades do momento, com uma vastissima diocese que comprehendia dois Estados, precisava tudo enfrentar, desde a organização do seu seminario á repressão de abusos que não eram poucos.

A força de vontade, o zelo apostolico, o espirito christão não esbarram, porém, diante de obstaculos.

Trazendo para a Parahyba esse espirito de renovação de costumes, esse desejo de pureza de habitos e essa caridade santa que são as columnas mestras da Igreja, D. Adaucto não trepidou. Lá mesmo no velho sobrado Abiahy, em Trincheiras, sua casa de residencia, installou o Seminario, e com humildade corria ás igrejas, catechizando, levantando as massas, christianizando-as.

Não foram pequenas as difficuldades encontradas. Emquanto luctava na organização dos diversos serviços de sua Igreja, emprehendia longas e penosissimas viagens pelos sertões da Parahyba e do Rio Grande do Norte, incentivando com a sua presença os trabalhos materiaes e espirituaes das innumeras freguezias, numa época em que tudo faltava, desde o mais rudimentar conforto á existencia de associações que o auxiliassem na propagação da Fé e diffusão de obras indispensaveis á bôa marcha da Diocese.

Tudo passava por suas vistas, tudo perqueria, applaudindo ou censurando com aquella franqueza muito peculiar que era uma das modalidades bem accentuadas do seu caracter.

Passam-se os tempos e D. Adaucto ia, aos poucos, sobresahindo como administrador e conductor de almas, para mais tarde encarnar o vulto mais perfeito do bispo catholico: fervoroso na fé, respeitado por sua doçura e espirito de caridade e admirado como formador de um clero á altura do seu tempo, por sua cultura e integridade moral.

Sob a direcção immediata de um chefe que era ao mesmo tempo o seu maior obreiro — a Igreja na Parahyba progredia, a olhos vistos.

Espalham-se por toda parte os fructos da modelar administração; todas as parochias recebem o influxo de sua palavra e os beneficios de sua obra, e a Parahyba catholica e não catholica olhava com sympathia o vulto venerando do antistite simples e bom, que não tinha horas para receber em seu palacio sem portaria, individuos de todas as classes que lhe iam pedir a esmola espiritual de um conselho ou o auxilio material que mitiga a fome. E D. Adaucto trabalhava; dezenas de cartas pastoraes, encerrando bellissimos conselhos e utilissimas lições; innumeros estabelecimentos de ensino, centenas de associações catholicas e instituições pias, construcções de varios templos e organização de novos bispados que integram a actual archidiocese tomavam-lhe o tempo precioso.

E naquella actividade febril, madrugador incansavel estava onde reclamassem as necessidades da sua Igreja ou o bem estar do seu rebanho.

APOSTOLO DA INSTRUCÇÃO

Foi D. Adaucto, innegavelmente, um dos grandes propulsores da Instrucção na Parahyba. Encontrando a Diocese quasi deserta de estabelecimentos de ensino, pois escassas eram as escolas publicas e particulares, tratou quanto antes de fundar o seu trabalho de pastor á sombra de uma educação capaz de aclarar os destinos da Igreja e do Estado.

Appareceram então os educandarios de instrucção secundaria e primaria que ainda hoje constituem um padrão para o seu govêrno. Não contando as grandes casas de ensino como

sejam: o Seminario e os Collegios das Neves, Pio X, Santo Antonio, Padre Rolim, Santa Dorothéa, etc. fundaram-se por sua inspiração muitas dezenas de escolas parochiaes por quasi todas as freguezias, concorrendo com um coefficiente respeitavel na lucta contra o analphabetismo que absorvia a grande maioria da população do interior. Foi um passo agigantado na diffusão do ensino popular no Estado. Mas D. Adaucto não via sómente o ensino de lettras.

A sua alma sempre joven acompanhava as neccessidades do momento. Via os milhares de meninos abandonados para os quaes a instrucção deve ir além daquella que é ministrada pelos livros. Sonhava uma grande obra. As escolas technico-profissionaes despertavam-lhe real sympathia. E a Parahyba foi testemunha de um dos ultimos desejos já em vias de realização quando a morte o arrebatou: a fundação de um grande estabelecimento profissional em um dos nossos arrabaldes pobres. Foi esta, podemos affirmar, a ultima aspiração do velho arcebispo para quem os interesses da Parahyba falavam muito alto.

ESPIRITO DE CARIDADE E DESINTERESSE PESSOAL

Para muitos a vida intima de D. Adaucto não ficou sufficientemente esclarecida senão depois de sua morte. Detentor do govêrno archiepiscopal, director portanto dos bens da Igreja durante 40 annos, o mundo tinha como abastado senhor de vasta fortuna. A grande massa desconhecia os segredos de sua personalidade e a extensão de sua riqueza que era toda constituida de bens espirituaes.

A caridade no velho pastor era uma das facêtas mais bonitas de sua alma illuminada . Exercia-a em toda a plenitude do espirito christão, sem esse exhibicionismo malfadado de publicidades. A mão esquerda desconhecia as esmolas distribuidas pela direita. E quando o venerando prelado cerrou os olhos viu-se a contristadora estatistica de um sem numero de velhos, viúvas e orphãos que recebiam de suas mãos bemfazejas o sustento quotidiano, ignorado quasi sempre por muitos dos seus intimos.

E cousa admiravel : D. Adaucto, do seu, nada possuia.

Toda a economia resultante de quatro decadas de trabalhos afanosos estava incorporada ao patrimonio da Diocese por elle creada. Morreu pobre, sem qualquer fortuna, como morrem os justos que de riquezas possuem apenas a certeza do dever cumprido e a paz de consciencia.

AMIGO DA PARAHYBA

Integrado na vida social e religiosa do Estado, o nosso primeiro bispo constituiu-se, em todos os momentos, uma sentinella vigilante das necessidades e do progresso de sua terra.

Qualquer que fôsse a phase de aleria ou de tristeza, por que passasse a Parahyba estava presente e na primeira linha a figura jovial e austéra do prelado. Sem a preoccupação convencional de agradar ou desagradar, quasi sempre era delle um dos primeiros brados a partir.

Nos dias de victoria e de festas do seu povo, confundido-se com elle, entoava as alleluias do triumpho, para chorar e levantar o seu protesto que sempre encontrava éco, nos momentos angustiosos e de dôr por que passava a sua gleba querida.

D. Adaucto foi sobretudo um patriota. Acompanhava com o maior carinho tudo que dizia respeito ás cousas do Brasil e particularmente do seu Estado, e por isso, no dizer de um dos seus biographos, "terá certo a consagração da Historia, porque não se escreve a historia da Parahyba sem a historia de D. Adaucto".

O DISCURSO DO DR. OCTACILIO DE ALBUQUERQUE

Damos, a seguir, a oração do dr. Octacilio de Albuquerque:

"Por varios prismas póde ser observada, analysada e discutida com o maior realce para o seu nome, a trajectoria de José Rodrigues de Carvalho pelos asperos caminhos de sua accidentada existencia.

Em diversos dominios da actividade humana deixou elle vestigios e traços rutilantes de sua passagem.

Jornalista dos mais dextros e habeis, pela impecavel correcção de linguagem, pelo lavor de seu estylo pessoal e segurança e rectidão de seus conceitos, coube-lhe sempre a primazia das nossas mais ardorosas polemicas, nas quaes se destacava com o brilho e com o aprumo de escriptor de omnimoda cultura e vastos recursos de argumentação e de logica.

Poeta, de inspiração maravilhosa, os seus versos tocam ao coração pela suavidade de seu rythmo, expontaniedade e belleza das rimas, escolha meticulosa dos themas que sabia burilar com a graça e a simplicidade de um eleito das musas.

Emerito jurista, os seus trabalhos, os seus pareceres, os seus memoriaes, são avidamente lidos e procurados pelos mais eminentes cultores do direito e ainda hoje esclarecem duvidas, decidem pleitos, robustecem razões e orientam debates.

Professor, a sua palavra incutia no animo dos que o ouviam impressões duradouras e desvendavam perspectiva novas para a solução dos mais palpitantes problemas sociaes do nosso tempo.

Entretanto, o que de certo, commove na sua biographia e exalta e glorifica a sua memoria, é o esforço que elle fez para vencer, para impôr-se a uma sociedade ainda dominada por anachronicos preconceitos, orphão de qualquer arrimo ou amparo, insulado na pobreza de sua adolescencia, martyr, ainda

criança, da fatalidade desas desigualdades que dividem a collectividade humana em parias e mendigos, famintos e opulentos.

Nos meios escolares do meu tempo, corria, de bôcca em bôcca, a anedocta do estudante relapso que, perguntado o que fazia quando estava cançado de dormir, respondia tranquillamente: — durmo para descançar.

De Rodrigues de Carvalho poderiamos dizer, paraphraseando, em outros termos, a anedocta, que, quando estava cançado de trabalhar, trabalhava para descançar.

Quem lê as *Memorias* de Humberto de Campos e conhece as peripecias da carreira de Rodrigues de Carvalho até alcandorar-se ao apice, de onde projectára o fulgor de seu prodigioso espirito, encontra, entre um e outro, pontos de contactó na adversidades com que ambos tiveram de luctar, nos rumos nublados e sombrios, que perlustraram, nas agruras de uma orphandade desamparada, para chegar á meta de suas aspirações. Se José Rodrigues de Carvalho tivesse exercido a sua proficua actividade em meio menos ingrato aos labores da intelligencia, si o destino o tivesse encaminhado a paragens de outras possibilidades para a meditação e para o estudo, teria alcançado, no pais, o mesmo renome do immortal romancista que nos *Parias* estereotypou, com sentida emoção, as dôres e as miserias dos humildes e desventurados.

Aos dez annos de idade, quando tudo são alegrias e esperanças, José Rodrigues de Carvalho, que não tivéra essa radiosa e refulgente aurora de illusões a illuminar-lhe os primeiros passos, emprega-se, em Mamanguape, onde nascêra (1) numa casa commercial, e cedendo ás inclinações de seu temperamento, pouco tempo depois, nas folgas da labuta quotidiana, com surpresas para os seus patricios, redige artigos para o semanario, a *Comarca*, como diversão ao materialismo absorvente e ganacioso dos pesos e das medidas, do balcão e das prateleiras.

Não poude, porém, accomodar-se á decadencia de sua cidade natal. Encaminhou-se para o Ceará, exercitando-se ainda no commercio, si bem que em funcções menos subalternas, pois, estudioso nas solidão das noites indormidas, logo se impoz como contabilista de rara maestria nos segredos e complicações da escripturação mercantil.

Outros, porém, eram os seus pendores. O scenario movimentado da metropole cearense, e menos ingrato aos seus anhélos que o de sua pequenina terra natal, affeiçoou o seu espirito a outras cogitações e deu-lhe um sentido mais nobre e elevado da vida, em contraste com o materialismo grosseiro das

(1) *N. R.* — O orador enganou-se a respeito do local do nascimento de José Rodrigues de Carvalho, pois, este nasceu em Alagoinha deste Estado, e não em Mamanguape.

funcções que as circumstancias lhe haviam imposto desde os seus primeiros annos.

E, em longas vigilias, noites a dentro, para esquecer as fadigas do dia em busca da subsistencia para a familia numerosa entregara-se ás cogitações da sciencia do direito, cujo laurel conquistára em 1906, ao mesmo tempo que burilava poemas de bellissimos louvores literarios, como *Prismas, Coração e Sacrario* e redigia a interesante revista *Iracema* de tanto successo nos meios academicos do nordeste.

A saudade nostalgica da sua idolatrada Parahyba o empolgou. A fascinação do meio pequenino e bohemio, de que se ausentára havia annos, o dominou. E volveu aos penates, não como caixeiro de estivas, de onde promanara, mas, com as credenciaes de poeta de elite, festejado pelas rodas cultas, e a fama merecida de advogado notavel pela vastidão e complexidade de seus conhecimentos juridicos e capacidade dynamica de agir e moviemntar-se nos prasos oportunos.

"Com a magnificencia os seus debates, disse Francisco de Castro na sua apologia ao Visconde de Taunay, com a facilidade dos seus triumphos, o extenso rumor de suas glorias, a politica dispõe de attractivos para ganhar os talentos sinceros, elegantes e fogosos".

Rodrigues de Carvalho, chegando ao seu Estado, também se sentiu attrahido por ella. Não com a obcessão de um facinado ou a vocação de uma impulsividade congenita, mas como um derivativo para as preoccupações afanosas a que se dedicára e de onde auferir recursos fartos para viver e menter-se com independencia e dignidade, no rincão de onde sahira pobre, desconhecido, anonymo.

Deputado estadual, deixou marcada a sua passagem por aquella assembléa de representantes, em varios projectos de lei que figuram nos seus annaes, de indiscutivel utilidade publica ca, inclusive na collaboração efficiente e pugnaz naquelle que creara o Montepio estadual, que tantos serviços vem prestando ao funccionalismo conterraneo.

Mas, neste novo sector de sua actividade, onde teve mais accentuado relevo, foi no govêrno de Castro Pinto, junto ao qual exerceu as funcções de Secretario Geral do Estado.

Todos os politicos desse tempo guardam bem vivas recordações dos fulgores daquelle quatriennio, onde, em audiencias que se tornaram memoraveis, electrizavam o ambiente o talento a verve, a ironia mordaz de Castro Pinto, Carlos Dias Fernandes e Rodrigues de Carvalho.

Um choque imprevisto e inesperado, porém, scindiu o situacionismo em 1915. Duas correntes, até então unidas e trabalhadas pelas mesmas aspirações, entraram em conflicto. E o embate se deu, terrivel e sem contemporizações. Foi, talvez, até então, a maior peleja civica que agitára os meios partidarios da Parahyba.

As urnas iriam decidir a quem deveria caber a suprema direcção politica de nosso Estado. Venceu, afinal, a corrente contra a qual se batera o brilhante secretario da presidencia, candidato a uma cadeira na representação federal. Volveu, assim, Rodrigues de Carvalho, com hombridade e bom humor, ás amarguras e decepções do ostracismo.

Cabe aqui registar uma passagem de Monteiro Lobato, com inteira applicação aos factos politicos de 1915, em seus commentarios sobre a figura austera e veneravel do Patriarcha da nossa Independencia.

Diz Lobato: — "Naquella época, não era conhecida a panacéa da adhesão inventada a 15 de novembro, especie de *colla-tudo* de maravilhosa efficiencia. Os grandes homens quebravam mas, não adheriam. A mucilagem adhesiva nasceu em 89, para que os grandes homens possam affirmar *preto* hoje e jurar *branco* amanhã, sem o interregno de um ostracismo de permeio.

"Conheceu então José Bonifacio o exilio, o glorioso exilio de todos os grandes homens".

A panacéa do *colla-tudo* a que se referiu o magistral sociologo, a qual hoje rivaliza em virtudes therapeuticas, na procura e no consumo com a *cafiaspirina* de Bayer, serviu tambem de mezinha milagrenta aos achaques e quebrantos dos derrotados de 1915.

Chefes e soldados, esquecidos das arduas refregas da peleja eleitoral, de doestos e apodos com que brindavam os antagonistas triumphantes, mas lembrados das doçuras e recompensas dos postos que vinham de perder, manhosa e mellifluamente foram adherindo á corrente victoriosa. De sorte que, pouco tempo depois, todos confundiamos, victoriosos e vencidos accomodados na mesma igrejinha, onde solicitos e sorridentes se ajoelhavam os porta-bandeiras do partido destroçado, rezando o mesmo credo, entoando a ladainha louvaminheira, em que o *ora pro nobis* era a parte coral do adhesionismo contricto e arrependido, aos santos propiciadores de empregos e collocações.

José Rodrigues de Carvalho, porém, permaneceu onde estava. Repugnou-lhe experimentar o especifico usado, com tanto exito, pelos mais ousados e iracundos adversarios da situação victoriosa.

Rodrigues de Carvalho exilou-se. Exilou-se entre os seus livros, na sua banca de advogado. Exilou-se, desdobrando a sua actividade, para ficar com as suas convicções, para ficar ao lado de um pugillo de companheiros abandonados pelos chefes na hora incerta dos sacrificios e das provações. Exilou-se no retiro e conchego de sua familia para meditar na hypocrisia das dedicações partidarias, na fallacia das solidarieddes politicas, nas tristes contingencias do fastigio das posiçõec que o menor abalo

social, o menor sopro de revolta collectiva, um incidente momentaneo alue, destroe, subverte, varre da memoria inconstante dos homens.

E assim permaneceu no seu posto sem delizes ou rancôres para exemplo das gerações actuaes e porvindouras, até 20 de dezembro de 1935, quando encerrou o cyclo de sua existencia, tão prodiga em ensinamentos encorajadores para quantos a sorte foi madastra e avara, e que encontram, nos seus esforços perseverantes, estimulo para attingir os cimos das mais brilhantes conquistas intelectuaes, unicas que resistem ao choque das mais violentas paixões e perduram através de todas as vicissitures".

Empossados cinco novos socios -- Eleita a nova directoria -- A sua posse a 7 de Setembro

Com numeroso comparecimento de associados, realizou-se, ante-hontem, ás quatorze horas, na respectiva séde, á rua Duque de Caxias, sob a presidencia do dr. José d'Avila Lins, secretariado pelo conego dr. Florentino Barbosa e academico Durwal de Albuquerque, mais uma reunião ordinaria do Instituto Historico e Geographico Parahybano, para dar posse a varios associados e eleger a nova directoria.

Iniciados os trabalhos, são lidas, pelo 2.º secretario, as actas das sessões anteriores, que são approvadas, unanimemente.

A seguir é lido o expediente, que constou de numerosos jornaes, revistas, publicações varias do pais e estrangeiro e algumas cartas.

O professor José de Mello, com a palavra, declara que a commissão encarregada de se entender com os antigos associados prof. Coriolano de Medeiros, dr. Matheus de Oliveira e Pedro Baptista, sobre a volta dos mesmos ao Instituto, o fizera com pleno exito, regosijando-se com a Casa.

A POSSE DOS NOVOS ASSOCIADOS

Após, o sr. presidente declara que a Casa vae receber cinco novos associados: drs. Horacio de Almeida e Braz Baracuhy; padre Francisco Lima, professora Olivina Carneiro da Cunha e senhorita Beatriz Ribeiro.

O sr. presidente concede a palavra ao orador official da Casa, professor José de Mello, para saudar os novos associados, tendo aquelle associado se desincumbido da tarefa com muita felicidade.

Agradecendo, pede a palavra o dr. Horacio de Almeida, que, em eloquente improviso, diz da sua satisfação em ter merecido a honra de ser chamado a collaborar naquella illustre Casa, fazendo-o também em nome do seu collega dr. Braz Baracuhy, promettendo, ambos trabalhar sempre pelo bom nome do Insti-

tuto, cujas tradições bem mereciam o maior zelo dos seus componentes.

Fala, a seguir, o padre Francisco Lima, que lê o seguinte brilhante discurso:

"*Noblesse oblige*, senhores membros do Instituto Historico e Geographico Parahybano.

Eu não podia de maneira alguma aspirar a honra de tomar parte nos vossos conselhos.

Costumei-me a pautar os meus desejos á luz das minhas possibilidades.

Faltar, porém, ao vosso convite, seria inominavel grosseria; imperdoavel desaprumo moral.

Os sacrificios exigidos pela elegancia de uma attiude são, vez por outra, mais duros que o padecer diuturno da vida, na dolorosa intermitencia de triumphos e decepções.

Noblesse oblige.

Não no sentido com que Pitagoras se disse amante da Sabedoria, mas num sentido modesto, simples, conscio da propria mediocridade, eu vos affirmo: sou um amante da Historia. Os meus mestres, alguns dos quaes participam do vosso convivio, me ensinaram a admiral-a, a respeital-a, a defendel-a. E admirando Historia, e respeitando a Historia, e defendendo a Historia eu ascendi dos bancos escolares á cathedra, e da cathedra ao vosso silogeu.

E' ella, a Historia, quem me traz aqui. No dia em que as roupagens pobres do meu estylo me incompatibilizarem com a vossa companhia, eu me envolverei na toga pretexto da Historia, Mestra da Vida; na clamide oppulenta da Historia, Nuncia do Passado; e merecerei de certo o carinho do vosso olhar, o gesto magnanimo do vosso perdão.

Que dizer-vos, meus senhores, da matrona insigne que vos apresenta num sorriso de franca generosidade o seu desataviado cavalheiro!

Do cuidado humilde dos seus palafrens elle galga o pariato, antes de conseguir aquelles donaires fidalgos, apanagio da mais fina aristocracia, da mais apurada prosapia.

Pulchra é a historia, com aquella pulchritude terrivel do Ser Divino antevista pela aguia altaneira de Patmos.

Pulchra é a Historia, com aquella pulchritude suave da esposa dos cantares, immortalizada pelo estro de Salomão.

Mestre da Vida, Testemunha dos Tempos, Mensageiras da Antiguidade, Voz Imparcial dos Seculos, é a Historia, sem duvida alguma, o pesadelo de muitas consciencias calejadas ao chegar a hora tremenda de cruzar os humbraes da eternidade.

Exteriorização dos julgamentos divinos, arroladores de tantas aggravantes e atenuantes dos homens desconhecidos, é a Historia a extrema consolação daquelles que, victimas das injustiças sociaes, expiram nos grabatos da miseria experimentando como Joanna d'Arc "o pão da dôr e a agua da agonia".

E quanto mais as camadas do tempo vão obscurecendo os lados apaixonados, os traços subjectivos e tendenciosos das biographias, tanto mais se vae estractificando na rocha firme da verdade o juizo imparcial, o juizo objectivo dos posteros.

Os antigos egypcios, em seus festins funereos, exigiam mesmo da posteridade a manifestação franca a respeito dos magnatas extinctos. E muitas vezes, que tristeza! maldiziam bons e máos aquelles restos frios de uma gloria que passara, "lançando á face da real mumia a lacrimosa narração dos seus crimes".

Já os velludos haviam perdido a tão delicada maciez. A purpura já havia desbotado.

As sêdas se haviam reduzido a pó trabalhadas pela patina do tempo. Os perfumes evolados no espaço não lhes recordavam nem mais a vaidade feminil do Faraó desapparecido.

Só a verdade restava, dura como o marmore, serena como a justiça, eterna como Deus. Porque Deus é a verdade.

A Historia se repete.

Sob o sol nada de novo existe.

E' certo que hoje, numa tão triste e significativa cerimonia, a posteridade não desfila processionalmente diante do bronze esquecido na praça publica; ou diante do tumulo razo esquecido nas desoladas necropoles; ou diante dos sarcophagos mofados esquecidos nas criptas dos mosteiros; "beijando cinzas ou cuspindo afrontas". Nem é preciso: — Os livros, os jornaes, as revistas, os pamphletos, as polianthéas, os dramas, os films cinematographicos vehiculam o juizo da posteridade, emprestando-lhe os arabescos da civilização, accidentes que de modo algum lhe alteram a substancia.

Eis a Historia!...

Ella tem o pudor da serenidade e a compustura do bom senso.

Extinguiram-se os rumores das intentonas. O malho das revoluções amorteceu os seus écos. Desfez-se a espuma dos prestigios ficticios nas praias da vulgaridade. Dos incendios já nada resta; nem as chamas, nem o fumo, nem as cinzas. Permanece sómente o verdadeiro heroismo, digno da consagração; o heroismo da paz, do direito e da justiça, que não é dominado pelas paixões; heroismo em cuja alma impera a caridade, em cuja consciencia reina o dever.

Por mais que vibrem os tribunos nos comicios populares; por mais sinceros e devotados que sejam nas homenagens; por mais ternos e melodiosos nos hymnos e ditirambos; nenhuma influencia poderão exercer no juizo da posteridade. Ella exalta as virtudes mas não justifica os erros. Tem por lema a sinceridade e desadora a bajulação. Se entre as falhas e os desvios moraes uma virtude reponta; um gesto nobre se ergue; uma attitude brilha com o fulgor da estrella; a posteridade promptamente fará justiça. Mas se a treva é espessa; se nem mesmo uma claridade de crepusculo se divisa; se o germen do bem asphyxia-

do pela volupia do mal; a posteridade será implacavel no seu veredictum — *Pertransiit malefaciendo.*

Do seu joeirar meticuloso nenhuma iniquidade se occulta; nenhuma benemerencia se esconde.

E se um dia rolarem á furia da demagogia dos modernos Alcebiades as hermas dos verdadeiros heróes! E se um dia se afogarem nas sargetas immundas as placas commemorativas dos grandes feitos! E se um dia as mais legitimas glorias da patria fôrem profanadas pelo vandalismo inconsciente!..... O grito da posteridade ainda resoará altivo e estridente no meio dessas ruinas, acordando o bom senso adormecido, como o propheta Ezequiel accordara outrora os esqueletos do vale da Morte.

E grito da posteridade é a nota vibrante do clarim da Historia!

Quando vós, carissimos consocios, empunhardes a corneta do dever, e della arrancardes as ordens incisivas do ataque, eu, o vosso palafreneiro, susterei pelas redeas os vossos corceis. Eu, o tambor do Instituto, repetirei os vossos écos em retaplans enthusiasticos.

Noblesse oblige, senhores meus".

Com a palavra, a professora Olivina Carneiro da Cunha lê o discurso subsequente:

"Illmo. presidente, caros consocios; meus senhores: Disse alguem: Os factos crystalizam as idéas e os monumentos crystalizam as idéas e os factos — os monumentos são a geologia do espirito.

Neste momento, eu me sirvo deste conceito para dirigir-me ao illustre presidente deste augusto Areopago, onde sabios juizes poderão julgar a minha entrada aqui como uma simples idéa crystalizada não em um facto que me pudesse elevar a esta eminencia, e sim, na magnanimidade de espiritos que formam as camadas geologicas deste sumptuoso monumento — o Instituto Historico e Geographico da Parahyba.

Sr. presidente: E' a voz do coração e não a do espirito que me ordena ingressar neste templo.

Sim, venho satisfazer um desejo antigo de um dos mais esforçados e eminentes membros desta corparação.

De certo já afastastes o véo e não é mais preciso que vos diga qual a fronte veneranda e respeitavel a apparecer numa apotheose de bondade e de virtude: — Dr. Marója a quem me prendem laços de parentesco e amizade indissoluvel. Mourejador incansavel na faina de desvendar horizontes illuminados pelos vivos clarões da sciencia, elle foi o espirito, a vontade, o fluido prodigioso que fecundou e fez abrochar a idéa synthetizada em uma obra que se tornará milenaria.

Apareço diante de vós coufusa, conscia de minha insciencia, sem apoio para me firmar no humbral deste portico sublime onde me descubro reverente, a evocar a memoria imperecivel de meu extremoso e querido pae que foi, outróra, socio effectivo do Instituto Historico e Geographico de Pernambuco.

Bem vêdes, quantas emoções agitam minh'alma, neste breve momento.

Posso dizer como o grande Herculano, ao avizinhar-se da hora extrema: "Abram a janella, quero luz!" Sim, é mistér que se me aclare o espirito e que se dissipe essa treva congelada que me paralysa o pensamento e obumbra a visão.

E' fidalga a gentileza de quantos acceitaram o meu nome para figurar na linhagem desta casa nobre. Sem pergaminho, nem valor intellectual, arrimada apenas a uma vontade ferrea de vos auxiliar, mui apagadamente, é certo, nas investigações que se tornarem necessarias á finalidade dessa agremiação, aqui me tendes. E', ao entrar neste Capitulo onde os espiritos se aferram locubrações historicas, que me sinto apoucada; um atomo a perder-se na immensidade de forças intellectuaes aqui presentes.

Passam ante a minha imaginação as sombras altaneiras de mulheres celebres que nos apontam a historia — Maria Thereza, filha de Carlos VI, adversaria de Frederico II, u'a mulher superior e de concepções acuminosas, que pela sua energia inabalavel, se fez grandemente admirada em sua côrte.

Isabel, da Inglaterra, cujo tino administrativo e poderosa força volitiva concorreram para a prodigiosa prosperidade de seu throno.

D. Maria, de Portugal foi a creadora de diversas instituições, a contribuirem para a magnifiencia de sua terra; instituições entre as quaes se salientava a Academia Real das Sciencias.

Na Hollanda, nos meados do decimo oitavo seculo a mulher Van Merken deu á literatura um caracter nacional, pois os poétas e prosadores hollandêses de então limitavam-se apenas a copiar os francêses. A esta maviosa poetisa seguiram-se Isabel Beeker e Agatha Deken e as prosadoras Van Effen e Kampen.

Madame Stael, filha de Neeker, autora de *Delphina* e *Corimia,* foi uma das precursoras do romantismo naquella época.

E que direi de Leopoldina a nossa querida Imperatriz? E' a ella que nós, em grande parte, devemos o inicio do nosso Renascimento. De intelligencia invulgar e real talento. Como um traço de hereditariedade, consagrava amôr ás sciencias.

Confia-nos a historia que ella enriqueceu a nossa patria com o valioso concurso de scientistas renomados como o botanico Pohl, o zoologo Neterer e muits outros que imperaram no dominio das Sciencias Naturaes.

E neste desfilar imponente, encontro sempre um vulto feminino a me apontar a celebridade que me foge á visão, como

se me chamasse em face a u'a miragem, em um arido e interminavel deserto.

O Instituto Historico de nossa terra fundou-se sob os mais bellos auspicios. A elle se incorporaram os mais vicejantes espiritos. Irineu Pinto, Carneiro Monteiro e João da Matta Correia Lima, uma trindade que honrou este Tabernaculo, e cuja memoria é um incentivo para todos os que hoje procuram seguir a trilha glorificada que ella deixou a descoberto.

Castro Pinto, mentalidade pujante, Manuel Tavares Cavalcanti, espirito lucido e investigador, Alcides Bezerra, uma realidade no campo da historia e estudioso infatigavel; Carlos Dias Fernandes, o orador fluente e maravilhoso; Coriolano de Medeiros, o incentivador das artes e sciencias, autor do Diccionario Chorographico do Estado, Alvaro de Carvalho, uma das capacidades bem firmadas nesta corporação, Celso Mariz, talento que se occulta em invejavel modestia, Matheus de Oliveira, uma poderosa affirmativa e para finalizar esta enumeração brilhante dr. Flavio Marója, o exemplo vivo de amôr e dedicação á causa do Instituto.

Sinto-me offuscada por estas irradiações fortes que me fazem reconhecer achar-se apagada a lampada de minha intelligencia para acompanhar de perto estas fulgurações de espirito.

Mas sou vencida por uma força que me arrasta insensivelmente — a força de vontade para não recuar diante de um obice que se me antolha como um imperativo a que devo obedecer.

A Geographia e a Historia, irmãs gemeas que de mãos dadas vão perlustrando todo o universo, a marcar etapas verdadeiramente assombrosas, no correr dos annos, são sciencias concretizadas que nos seduzem e empolgam.

A primeira, estudando elementos diversos, a investigar as relações entre o homem e a terra. O caldeamento das raças, a civilização dos povos e consequentemente a sua importancia economica, tudo nos revela a communhão dessas duas sciencias positivas. Exgotam-se as fontes de conhecimento quando ellas não são convenientemente devassadas.

O Instituto Historico muito tem feito para elevar o seu nome ao fastigio a que faz jús e formulo os meus votos mui sinceros para que se torne um padrão de gloria a dignificar a nossa terra.

Senhores, deixem ciciar a minha voz insulsa um agradecimento profundo pela vossa magnanimidade, acceitando ao vosso lado a mais insignificante pioneira dessa cruzada valiosa e bemfazeja.

Fala, por ultimo, a senhorita Beatriz Ribeiro, cujo improviso muito agradou, merecendo prolongada salva de palmas.

O presidente, dr. Avila Lins, procede a entrega dos diplomas, sendo recebido cada associado á mêsa dos trabalhos, com palmas.

Em seguida é suspensa a sessão para proceder-se á eleição da nova directoria, cujo resultado foi o seguinte:

Directoria — Presidente, dr. José d'Avila Lins, reeleito; 1.º secretario, conego dr. Florentino Barbosa, reeleito; 2.º secretario, professor José de Mello; orador, padre Francisco Lima; thesoureiro, João da Veiga Junior, reeleito.

Commissão de contas — João Flôres, Simão Patricio e Francisco Coutinho.

Commissão de pesquizas — Dr. Pimentel Gomes, professora Olivina Carneiro da Cunha e deputado Antonio Bôtto de Menezes.

Commissão de revista — Desembargador Mauricio Furtado, dr. Octacilio de Albuquerque e dr. Antonio d'Avila Lins.

Não havendo mais assumpto a tratar, o sr. presidente declara que a directoria eleita será empossada, de accôrdo com os estatutos em vigor, a 7 de Setembro proximo, com solennidade, encerrando a sessão.

RELATORIOS

RELATORIO DO MOVIMENTO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO, CORRESPONDENTE AO ANNO SOCIAL DE 7 DE SETEMBRO DE 1932 A EGUAL DATA DE 1933, APRESENTADO EM SESSÃO SOLENNE PELO PRESIDENTE CONEGO DR. FLORENTINO BARBOSA

Senhores consocios:

Cumprindo os dispositivos dos Estatutos (Cap. III, art. 6.º) que regem este sodalicio, venho uma vez mais apresentar-vos a relação circumstanciada de todo o movimento occorrido nesta casa dentro do ultimo anno social que ora se encerra.

Respirando uma atmosphera de indifferença a respeito dos factos da nossa historia, já podeis imaginar as difficuldades que devemos vencer e os esforços que empregamos para dar a esta organização um pequeno surto de vida que, por um quasi milagre, ainda mantem de pé o nosso Instituto.

A apathia, mesmo dos que compõem esta associação, é quasi completa. Apenas um ou outro se tem interessado pelo seu desenvolvimento. Apesar de tudo, posso dizer com satisfação que ainda brilha aqui uma scentelha do fogo sagrado que a vivifica.

A vida interior do Instituto e as suas relações externas com outras agremiações subsistem sem solução de continuidade e com relativa assiduidade.

O intercambio de obras de todo genero, nacionaes e estrangeiras, continúa a enriquecer a nossa Bibliotheca que presumptivamente é a primeira do Estado.

O museu, por seu turno, tem obtido grande copia de objectos historicos, já por meio de compras, já por meio de offertas.

Tudo isto verificareis melhor na discriminação que vou fazer das principaes funcções que integram a vida do Instituto.

SESSÕES

O Instituto realizou durante o percurso deste anno social doze sessões, sendo: 1.º a sessão magna de 7 de setembro de 1932, para posse da directoria, commissões permanentes e commemoração da data da Independencia; 2.º uma sessão solenne, duas extraordinarias e nove ordinarias.

A POSSE

No dia 21 de agosto do anno passado, penultimo domingo do mez, de conformidade com as determinações do nosso regulamento, foi eleita a seguinte directoria, com as commissões permanentes, verificando-se este resultado: Presidente — Conego Florentino Barbosa; 1.º secretario já estava eleito por 5 anno; 2.º secretario, professor José Baptista de Mello; orador, conego Nicodemus Neves; thesoureiro, João Ribeiro Pessôa da Veiga Junior; commissão de contas: Dr. Francisco Xavier Junior, Carlos Coêlho Alverga e João Leopoldino Flôres; commissão de pesquizas: dr. Irineu Joffily, Simão Patricio, dr. Antonio de Avila Lins; commissão de Revista : 1.º e 2.º secretarios, drs. Octacilio de Albuquerque, Celso Mariz e Josa Magalhães.

No dia 7 de setembro, depois da posse desta directoria, proferi uma curta allocução referente á necessidade que tinhamos de reanimar a vida do Instituto, e após li o relatorio do movimento occorrido nesta Associação durante o anno social que terminou naquella data.

Como é de praxe o orador empossado assumiu á tribuna, onde recapitulou proficientemente os factos mais interessantes que serviram de factores á nossa Independencia.

No dia 15 de novembro, realizou-se, conforme o costume desta Casa, uma sessão solenne para commemorar a mudança de regimen governamental em nosso paiz.

No inicio da sessão procurei salientar com ligeiros traços as metamorphoses porque passou a nação com a sua nova fórma de govêrno.

Falou em seguida o dr. Flavio Marója, que analysou em prolongado discurso todas as phases atravessadas pela Republica no Brasil.

O orador, depois de examinar as causas determinantes da ruina do nosso systema de govêrno, reforçou os seus argumentos com opiniões autorizadas de alguns estadistas modernos.

Em sessão ordinaria, realizada a 25 de março do corrente anno, o dr. Flavio Marója leu e commentou um artigo do sr. Mario Mello, publicado no "Diario de Pernambuco", a respeito das inscripções petrographicas existentes naquelle Estado. O escriptor pernambucano propunha que se copiassem taes inscripções que mais tarde serviriam de base para estudos de ethnographia.

O dr. Marója analisando judiciosamente aquelle trabalho fez ao nosso Instituto um appello analogo referente ás inscripções indigenas do Estado da Parahyba.

A proposta foi bem acceita.

No entanto, faltando-nos os meios economicos para realizar tão util emprehendimento, alvitrei um meio viavel de solucionar o caso, encarregando cada um dos socios deste Instituto de fazer copiar as que por ventura existissem nos respectivos municipios.

O dr. Antonio de Avila Lins a proposito do assumpto alludiu a alguns letreiros existentes no municipio de Areia, e promptificou-se a mandar copial-os.

Na mesma sessão o sr. Veiga Junior propoz um voto de pesar pelo fallecimento do dr. Paulo de Frontin, o que foi acceito.

Como estivesse proxima a passagem do ministro José Americo por esta cidade, organizou-se a seguinte commissão para cumprimental-o: dr. Flavio Marója, conego Florentino Barbosa e Veiga Junior. A seguir formou-se outra commissão para intender-se com o interventor Gratuliano Brito a respeito da publicação da Revista. Ambas as commissões desempenharam satisfactoriamente as respectivas incumbencias.

A 26 de março o Instituto realizou mais uma sessão extraordinaria a fim de homenagear o seu primeiro secretario, dr. Antonio Bôtto de Menezes. A razão de ser de tal homenagem foi exposta por mim na abertura da mesma sessão. Fiz ver naquella occasião a operosidade do dr. Antonio Bôtto nos negocios desta instituição. Mas não era exclusivamente por tal motivo que o Instituto determinava prestar-lhe aquella manifestação de apreço aos seus meritos, e sim por ter-se libertado o homenageado das garras de uma enfermidade grave.

O interprete dos nossos sentimentos foi o conego Nicodemus Neves que dissertou longamente sobre a personalidade do illustre advogado parahybano.

Attendendo ao espirito humantario e patriotico do ministro José Americo de Almeida, através do grande impulso que deu ás "Obras do Nordéste", salvando assim milhares de vidas, o Instituto Historico resolveu convocar uma sessão extraordinaria, na qual podesse manifestar ao eminente parahybano os seus louvores pelos beneficios prestados a esta terra, tantas vezes, assolada pela inclemencia das sêccas.

Depois que expuz estas razões, tomou a palavra o professor José Baptista de Mello que em brilhante discurso saudou o ministro da Viação. Sua excia., sensibilizado com a carinhosa manifestação, relembrou com amabilidade a sua passagem e formação intellectual no nosso Instituto.

A solennidade, em que se ouviu a harmoniosa banda de musica do Regimento Policial, foi assistida pelos representantes de diversas autoridades e por um grande numero de pessôas de destaque social.

CORRESPONDENCIA DO INSTITUTO

No decurso deste ultimo anno social foi mantida com frequencia e animação a correspondencia do Instituto com diversas autoridades brasileiras e com as associações literarias de varios paizes. Assim é que entre as participações do recebimento da nossa Revista (7.º vol.) recebemos agradecimentos das seguintes pessôas: Dr. Getulio Vargas, cardeal D. Sebastião Leme,

interventor Gratuliano Brito, D. Adaucto A. de Miranda Henriques, prefeito Borja Peregrino, dr. Alcides Bezerra, etc., etc. Recebemos agradecimentos no mesmo sentido das seguintes associações e instituições scientificas: Museu Nacional, M. Ipiranga, Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Archivo Nacional, Instituto Archeologico de Pernambuco, idem de Alagôas, Institutos Historicos da Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Fortaleza, Natal, Sergipe, Centro de Letras de Pelotas, Faculdade de Direito do Recife, Instituto Historico de S. Paulo, Bello Horizonte, Museu de Buenos Ayres, de Montevidéo, Mexico, da Camara de Guayquil, da Universidade de Coimbra, da Revista La Vie de Italia, Bibliotheca Mexico, de Buenos Ayres, Revista Militar Brasileira, Observatorio Nacional, Centro Parahybano do Rio, Bibliotheca Nacional, e muitas outras.

Sendo este Instituto convidado para representar-se na Commissão de Urbanização da Cidade, nomeou o seu socio engenheiro civil José de Avila Lins, dando-lhe plenos poderes no desempenho desta missão, que foi plenamente satisfeita.

O Instituto ainda commissionou o seu illustre consocio dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti para represental-o no Congresso de Geographia e Historia, que se realizou o anno passado no Rio de Janeiro.

A outra correspondencia reduz-se a officios, telegrammas e cartas trocadas entre este Instituto, as autoridades e associações.

BIBLIOTHECA

Ha mais de anno que trabalhamos na classificação da Bibliotheca do mesmo Instituto. O serviço tem sido constante e fatigante; porém, em compensação chegámos a cathalogar os livros de sete estantes com o seguinte resultado:

Historia Geral — Obras	19	Volumes	42
Historia do Brasil — Obras	862	"	971
Total — Obras	881	"	1.013
Geographia — Obras	382	"	397
Sciencias — Obras	386	"	390
Totaes — Obras	1.649	"	1.800

LINGUAS

Em Portuguès	1.413
" Hespanhol	103
" Francez	91
" Inglez	25
" Italiano	30
" Allemão	13

" Rumeno	11
" Russo	3
" Japonez	2

A collecção de jornaes chega a 74 volumes, já encardenados.

A Bibliotheca recebeu no decurso deste anno social as seguintes obras:

Revista Maritima	12	volumes
R. da Academia de Direito do Recife	2	"
Estatistica Intellectual do Brasil	2	"
Revista do Museu Paulista	1	"
Os Eternos Calumniados	1	"
Ibero-Amerikamiches	4	"
Santos Dumont	1	"
Revista do I. H. do Rio Grande do Sul	2	"
Sello e os Sambaquis da Bacia do Macacú, por Leon Clerot	2	"
R. do Museu Nacional	1	"
Historia Natural de Montevidéo	1	"
R. do 5.º Batalhão de Minas Geraes	2	"
R. da Educação	4	"
R. da Liga Maritima	12	"
R. do Serviço do Algodão	12	"
Boletim do Departamento do Trabalho, de S. Paulo	10	"
La Vie de Italia	4	"
Uma collecção de obras de varios generos literarios offerecidos pelo dr. José Regis	144	"
Total	217	"

Além destas obras a Bibliotheca ainda recebeu Monographias do Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, vol. VIII, Album de Estampas da Monographia n.º VIII, sobre cretaceos na Parahyba — La Question du Désarmement — R. Militar Brasileira, vol. XXXXI — S. Paulo e Sua Guerra de Seccessão, de Almachio Diniz — Chaco Boreal, de Pizarro Loureiro.

Cultura Experimental da Batata Ingleza, de Heitor Cordeiro — Annaes do Archivo Publico e Inspectoria dos Monumentos — Revista de Philologia — Lições de Latim, de F. Severiano — A Revolução Constitucionalista, de Herculano Silva — Almanack do Estado da Parahyba de 1933 — Geographia e Estatistica — Tom 43 — Numismatica Cearense — Divisão Administrativa do Brasil — R. da Associação Commercial da Parahyba — Lições de Geographia Disciplinar de Celso Yubé — O Ministerio da Viação no Governo Provisorio do ministro José Americo, Capistrano de Abreu (O homem e a obra), por Alba Canizares Nascimento — Eu Accuso, de Thiers Fleming — Vestigios da Lingua

Primitiva de J. Bertoloso e A Syndicancia do advogado Astolpho Rezende. Ao todo temos 283 volumes recebidos este anno, afóra algumas collecções de jornaes.

MUSEU

Secção de Archeologia

As collecções desta secção foram augmentadas com os seguintes objectos: cinco peças de louça antiga, obtidas por compra, um grupo de armas antigas e modernas offerecidas pela Directoria das Obras Publicas do Estado. Ahi se encontram um florête, armas de fusil, revolvers, pistolas e armas brancas.

A Prefeitura desta cidade offereceu cinco quadros, sendo: dois a oleo dos ex-presidentes Gama e Mello e José Peregrino, 2 ampliados de Castro Pinto, Antonio Pessôa e um de Epitacio Pessôa.

Pelo prefeito de Catolé do Rocha foi offerecido ao Museu do Instituto um craneo fossil encontrado naquelle municipio. O referido fossil pertencera a um animal gigantesco, provavelmente Glyptodon — grande tatú da era quaternaria.

Do coronel Estevam de Avila Lins recebeu o Instituto um anel symbolico — de ferro — fac-simile de um anel de ouro que o respectivo dono offertou aos revolucionarios de S. Paulo, para auxiliar a rebelião do anno passado.

NUMISMATICA

Esta secção recebeu de diversas pessôas moédas que se acham fóra de circulação.

MINERALOGIA

E' uma nova secção que começámos a organizar, desde o anno passado. Já conta com noventa typos de mineraes classificados. Destes, quarenta são do nosso Estado.

Em dias do corrente anno pedimos ao Departamento do Serviço Mineralogico e Geologico do Brasil uma collecção já classificada, a qual devemos receber brevemente.

BALANCETE da Receita e Despesa do Instituto Historico e Geographico Parahybano, no periodo de 1.º de janeiro a 7 de setembro de 1933

RECEITA

Subvenções recebidas do Thesouro	1:200$000	
Saldo do exercicio de 1932	2:601$400	3:801$400

DESPESA

Folha de pagamento ao zelador, conf. docs. ns. 3, 9, 18, 22, 26, 27 e 35		700$000
A Alfredo Silva — Um novello de barbante, doc. n. 1		4$000
A A. Baptista de Araujo — 1 livro CAIXA para a thesouraria, doc. n. 2		9$500
A J. Theodosio & Cia. — Material de expediente, doc. n .4		13$000
A Sousa Campos — Dois maços de pregos, do. n. 5		$700
A Alfredo Silva — Duas toalhas, do. n. 6		8$000
A Antonio de Lima — Serviços de collocação de quadros, doc. n. 7		2$500
A F. Navarro & Filho — Dois moveis para a Secção Mineralogica, doc. n. 8		700$000
A Antonio de França — Serviço de asseio, docs. ns. 11 e 15		17$500
A Sousa Campos — Material fornecido, doc. n. 12		27$500
A José Rodrigues Pereira — Dois moveis para a Secção ethnologica, doc. n. 13		60$000
A Antonio de França — Despesa com acquisição de flôres para u'a sessão extraordinaria, doc. n. 16		7$500
A Odenor Nacre Gomes — Serviços de encadernação de varias collecções de jornaes, docs. ns. 17, 19, 21, 24, 25, 29, 34 e 36		452$000
A A. Baptista de Araujo — Uma Historia de Portugal e uma Historia da França, docs. 20 e 31		140$000
Ao dr. Flavio Marója — Assignat. da REVISTA PHILOLOGICA, doc. n. 28		25$000
A José Rodrigues Pereira — Confecção de diversos moveis, doc. n. 30		220$000
A Vicente Barbosa de Lucena — Uma coll. de 5 peças de pratos d eporcelana, doc. n. 32		150$000
Ao zelador, para sellos postaes, docs. ns. 10, 14, 23, 33 e 37		6$700
		2:543$900
SALDOS:		
No Banco do Estado	1:252$400	
Na Thesouraria	5$100	1:257$500
		3:801$400

Thesouraria do Instituto Historico e G. da Parahyba, 8 de Setembro de 1933.

O thesoureiro, J. Veiga Junior.
Visto: Conego F. Barbosa, presidente

RELATORIO APRESENTADO NA SESSÃO DE 7 DE SETEMBRO DE 1934, SOBRE O MOVIMENTO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO, PELO RESPECTIVO PRESIDENTE, CONEGO DR. FLORENTINO BARBOSA

Senhores Consocios do Instituto Historico:

No desempenho de uma funcção que, na qualidade de presidente desta Casa, me é imposta pelo art. 10.º § 6.º do seu regulamento, venho apresentar-vos com verdadeira satisfação o ultimo relatorio de todo o movimento occorrido no periodo do anno social que ora termina.

I — ELEIÇÃO E POSSE DA DIRECTORIA

Em sessão extraordinaria de 20 de agosto do anno passado, de accôrdo com os estatutos, foi acclamada u'a mesa especial que presidiu aos trabalhos da eleição da directoria e commissões permanentes do Instituto Historico, as quaes teem hoje terminado o seu mandato.

A mesa, que se portou com maxima imparcialidade, constava de três membros dos mais acatados desta agremiação; eram elles: Dr. José d'Avila Lins, como presidente; Dr. Jósa Magalhães, 1.º secretario e conego Nicodemus Neves, 2.º secretario.

A eleição, em escrutinio secreto, apresentou o seguinte resultado: Presidente, conego Florentino Barbosa (reeleito 3.ª vez); 1.º secretario, dr. Antonio Bôtto (já eleito por 5 annos conforme os Estatutos); 2.º secretario, professor José Baptista de Mello (reeleito 2.ª vez); orador, conego Nicodemus Neves (reeleito 2.ª vez); thesoureiro, João Ribeiro Pessôa da Veiga Junior (reeleito 2.ª vez).

Commissão de Contas, Carlos Alverga, Simão Patricio da Costa e João Leopoldino Flôres.

Commissão de Pesquizas e Estudos Historicos — Dr. Irineu Joffily, dr. Antonio d'Avila Lins e dr. Adhemar Vidal.

Commissão de Revista — 1.º, 2.º secretarios, dr. Jósa Magalhães, dr. Octacilio de Albuquerque e Celso Mariz.

A posse da directoria e commissões permanentes deveriam ter-se realizado em 7 de setembro, dia da fundação do Instituto. Por motivo justificado, só poude effectuar-se a 10 do mesmo mez, em sessão solenne, na qual tive a occasião de falar sobre a nossa Geographia e as suas relações com o homem, seguindo a trilha traçada pelos tratadistas modernos tanto nacionaes quanto estrangeiros.

A seguir fiz a leitura do Relatorio do anno anterior, seguindo-se com a palavra o conego Nicodemus Neves, orador official da Casa, que em ligeiras e eloquentes palavras agradeceu a sua reeleição para aquelle cargo.

TRABALHOS DO INSTITUTO

II — Sessões solennes e extraordinarias

Affirmo com desvanecimento que o nosso Instituto se não atravessou este anno uma de suas phases aureas, pelo menos passou por um periodo dos mais brilhantes da sua vida social e scientifica. Para tanto bastam as cinco reluzentes sessões solennes e extraordinarias que levou a effeito com magnifico exito.

a) Sessão solenne de 15 de novembro:

A primeira das sessões a que acima me reporto foi a do dia 15 de Novembro de 1933, feita no intuito de homenagear a data da proclamação da Republica.

Expondo os motivos que nos determinavam a commemorar aquella ephemeride, expendi alguns conceitos referentes aos regimens e ás nações, concluindo pela necessidade de reformar antes os individuos do que as collectividades.

Por motivo justo não se encontrava o orador official, sendo convidado para substituil-o na tribuna o professor José de Mello.

O orador ad-hoc desempenhou magnificamente a funcção do momento, recapitulando todas as phases por que tem passado o Brasil já no Imperio, já na Republica. S. s. concluiu, congratulando-se com o paiz pela installação da Constituinte, e fazendo votos para que aquella assembléa estabelecesse leis sabias, capazes de felicitar a nossa grande nacionalidade.

b) Sessão extraordinaria de 3 de maio:

Sob a presidencia do dr. Antonio Bôtto de Menezes, 1.º secretario do Instituto, realizou-se na data acima referida uma das mais proveitosas conferencias de quantas tem effectuado esta Casa. A materia abordada era de caracter scientifico, devendo por isso mesmo interessar o auditorio culto que de costume se congrega neste recinto para enriquecer o espirito com conhecimentos uteis e necessarios á vida. O orador foi o professor allemão Filipe de Lutzemburg, scientista de renome, que dissertou com rara erudição sobre a nossa flora, estabelecendo um parallelo entre esta e a do vale do Rio Amazonas.

O dr. Antonio Bôtto encerrou aquella hora literaria com empolgante discurso, visando a situação politica, geographica e administrativa do Brasil.

c) Sessão extraordinaria do dia 12 de maio:

Passando por esta cidade, o dr. Everardo Backheuser, lente cathedratico da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, scientista eminente e escriptor de renome consagrado em todo o Bra-

sil, o Instituto Historico houve por bem convidal-o para realizar uma conferencia no dia acima relatado. Expendidos os motivos determinantes daquella reunião, dei a palavra ao dr. Antonio Bôtto para saudar ao conferencista. Em um momento de rara felicidade oratoria, o nosso 1.º secretario conseguiu eletrizar o auditorio com erudita alocução baseada toda em uma das obras mais importantes do dr. Backheuser.

Concluida esta primeira parte daquella hora literaria, surgiu na tribuna a sympathica figura do conferencista como suggestivo thema intitulado "Paizagens culturaes do Brasil".

Com o methodo e a calma proprios de um professor competente, elle analysou profundamente a situação do paiz, as suas possibilidades economicas, os males decorrentes da ignorancia dos seus problemas vitaes, estabelecendo comparações com situações analogas de outros paizes da America, da Europa e da Africa. Terminou com um patriotico appello ao povo brasileiro a fim de que cuide melhor dos seus interesses.

d) Sessão extraordinaria do dia 2 de junho

Conferencia do capitão do exercito, João da Costa Palmeira, sob o titulo: "O novo sentido Nacional". O orador foi cumprimentado pelo sr. Luiz da Silva Pinto, socio apresentado e acceito por esta Casa, o qual em discurso vehemente revelou os traços fundamentaes que determinaram a personalidade do conferencista que iamos ouvir, referindo-se ainda a alguns problemas sobre que o govêrno brasileiro deve lançar as suas vistas.

O capitão Palmeira, que é autor de varios livros de cunho historico e socio de alguns Institutos, entrou no desenvolvimento da these alludida, estudando a anthropogeographia brasileira e a sua evolução no sentido das latitudes. Contribuiu assim com um dos trabalhos mais proveitosos e interessantes de quantos o Instituto testemunhou no curso deste anno social.

e) Sessão extraordinaria do dia 30 de junho:

Conferencia do professor dr. Agustin Venturino. O conferencista que já percorrera quinze paizes americanos, estudando a situação do estado social de cada um, vem commissionado pelo govêrno do Chile para fazer a propaganda do ideal da confraternização dos povos americanos .Professor de sociologia na Universidade de Santiago, e autor de varias obras originaes como sejam Sociologia Geral Americana, Sociologia Chileindiana e Sociologia Chilena, elle foi saudado pelo nosso consocio dr. Antonio Bôtto de Menezes que, como de costume, empolgou o auditorio, com a manifestação de conceitos sãos e bem coordenados no sentido em que dirigia a corrente de suas idéas.

O dr. Venturino, agradecendo a saudação que lhe fôra feita, entrou logo na materia sobre que ia dissertar: "A confraternização dos povos americanos".

No decurso de uma hora e meia o professor chileno expoz idéas profundas e muito interesantes aos paizes americanos que infelizmente labutam em um erro prejudicialissimo, qual é o das dissenções na ordem politica, no partidarismo, na fragmentação, emfim, na falta de unidade.

De tal erro decorrem perigos iminentes para a integridade das nações, como já aconteceu ao Mexico, ou ainda peior do que isto: a perda da propria nação, como provou com a queda dos Imperios dos Astecas, dos Incas e de outros povos da America.

Ao terminar o professor Venturino e a sua consorte, escriptora Alice Venturino foram agraciados com os titulos de socios correspondentes deste Instituto.

III — SESSÕES ORDINARIAS

De conformidade com o artigo 19 dos nossos Estatutos deveriamos ter duas sessões ordinarias em cada mez. As condições do meio não nos permittiram, porém, cumprir com exactidão este dispositivo do regulamento, de forma que no decurso do anno que terminou só nos foi possivel realizar quatro sessões ordinarias. Um dos motivos determinantes desta falha, foi o reparo que o departamento de Obras Publicas mandou fazer no pavimento da sala de sessões, trabalho este que se prolongou até o mez de abril.

Nestas sessões, afóra dois votos de pezar pelos fallecimentos dos consocios drs. José Vinagre e Xavier Junior, nada mais se passou digno de mensão, pois que tratavam apenas do expediente, cujo conteudo veremos em outra parte deste relatorio.

IV — A REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO

Si as sessões de uma agremiação como esta representam a manifestação mais clara da sua vitalidade em nosso ambiente, o seu orgão de publicidade é a expressão desta mesma vitalidade em outros meios intellectuaes, quer do paiz, quer do estrangeiro.

Daqui se depreende quão necessaria é a sua circulação periodica e regular por todos os centros culturaes com que mantemos relações de idéas.

Infelizmente não nos tem sido possivel realizar o desejo de fixar os periodos do nosso orgão de publicidade. Já o anno passado deveriamos ter apparecido com o 8.º volume. Circumstancias imprevistas taes como excessos de trabalhos que sobrecarregaram fortuitamente as officinas da "A União" nos embaraçaram os passos, e, assim, sómente agora é que temos a satisfação de conseguir a publicação deste volume.

E' de justiça consignar no presente relatorio um sincero agradecimento e um voto de louvor do Instituto Historico ao interventor Gratuliano de Britto que, á maneira dos governos passados, nos concedeu a publicação gratuita do 8.º volume da Revista, nas officinas do jornal official. Tal agradecimento deve ser

extensivo á Directoria e gerencia do mesmo jornal, assim como ao pessoal technico que trabalhou na sua confecção.

V — MOVIMENTO SOCIAL DO INSTITUTO

1) Correspondencias:

O numero de mensagens, officios, circulares, cartas e telegrammas recebidos durante este anno excede de cento e cincoenta. Toda essa correspondencia foi respondida regularmente de accôrdo com os seus fins.

2) Commissões:

O Instituto organizou as seguintes commissões: a) para visitar o nosso presidente de honra, dr. Flavio Marója, que se encontrava enfermo. Esta commissão foi composta dos socios drs. Jósa Magalhães e Antonio d'Avila Lins; b) para visitar o predio, onde residiu o illustre patriota conterraneo José Peregrino de Carvalho, em homenagem ao anniversario de sua morte. A commissão constou dos socios conego Florentino Barbosa, João Veiga Junir e Antonio Bôtto de Menezes. c) para cumprimentar o dr. Getulio Vargas, presidente da Republica, quando de sua visita a esta capital. Foi organizada com os seguintes socios: conego Florentino Barbosa, dr. Antonio Bôtto de Menezes, prof. José de Mello e Simão Patricio; d) para visitar o tumulo de Irineu Pinto, no dia do anniversario de sua morte; e) para incorporar-se ás festas ao Embaixador José Americo, composta dos socios conego Florentino Barbosa, José de Mello e Simão Patricio.

3: Convites:

O Instituto Historico convidou para realizarem conferencias neste recinto, os seguintes intellectuaes e escriptores: Agrippino Grieco, Borges de Medeiros, Felippe de Lutzemburg, Everardo Backheuser, capitão Costa Palmeira e professor Agustin Venturino. Destes, sómente os dois primeiros não poderam attender ao nosso convite.

4: Visitas ao Instituto, Museu e Bibliotheca:

O numero de visitas feitas este anno ao Museu e Bibliotheca do Instituto Historico subiu a mais de mil. Entre os visitantes, podemos destacar os nomes de algumas pessôas mais illustres, como Embaixador José Americo de Almeida, dr. Agustin Venturino, Madame Alice Gardé de Venturino, dr. Daniel Carneiro, general dr. Camillo de Hollanda, dr. Octacilio de Albuquerque, dr. Plinio Lemos, engenheiro Leonardo Arcoverde, jornalista Costa e Silva, da "A Patria", do Rio de Janeiro, d. Helena Machado, engenheiro do Instituto Mineralogico do Rio, drs. Almeida Junior e Mario Pinto, Missão Academica do Rio, prefeitos Borja Peregrino, Sancho Leite e Hildebrando Leal, José Washington de Carvalho, secretario da Prefeitura de João Pessôa, d. Zilda Toscano, conego Antonio Ramalho, dr. Sizenando de Oliveira, commandante Alfredo Bromberg, dr. Felippe de Lutzemburg, dr. Everardo Backheuser e senhora, d. Debora Duarte, trezentos e cincoenta alumnos do Grupo "Thomaz Mindello", desta capital, sessenta professores do Congresso Pedagogico, oitenta alumnas do Collegio de N. Senhora das Neves e muitas outras pessôas. Todas essas visitas levaram optimas impressões do esforço que temos feito para organizar as differentes secções do Instituto.

VI — BIBLIOTHECA

O Serviço da cathalogação da Bibliotheca começou aos 25 de junho de 1932 e terminou com a primeira secção a 7 de dezembro de 1933. Trabalhámos eu e o sr. Luiz Pinto todo aquelle tempo com regular assiduidade das sete ás oito horas da noite, luctando com muitas difficuldades ou embaraços em razão do mau estado das brochuras, muitas da quaes esfaceladas e incompletas, além de grande numero de fasciculos que precisámos enfeichar em maços, attendendo quanto possivel á natureza das materias de que tratavam.

Podemos verificar que algumas obras importantes se acham incompletas, faltando-lhes volumes que provavelmente foram levados daqui por pessôas que se esqueceram de devolvel-as, como por exemplo a Historia do Brasil de Porto Seguro de que só existe o II volume.

Com esse trabalho fatigante foi-nos possivel chegar ao seguinte resultado:

Obras 2.501; volumes 2.713. Tudo isto está convenientemente registrado no Cathalogo Geral da Bibliotheca, com o numero da obra, do volume, nome do autor, nome da obra, idioma, offerta, permuta, nome do offertante, compras, etc.

Além das obras cathalogadas, existem mais 370 volumes de outras que chegaram posteriormente, e que deverão entrar a formar uma 2.ª secção que com a primeira já perfaz o numero de 3.083 volumes.

VII — MUSEU

Este apartamento do nosso Instituto tem se desenvolvido sensivelmente com o augmento de todas as suas secções, na seguinte ordem: a) **Mineralogia** — Esta secção foi augmentada com três mostruarios; o primeiro com 98 typos de mineraes classificados; o segundo com 109 typos classificados e enviados pelo Instituto Geologico e Mineralogico do Rio de Janeiro; o terceiro consta de 38 amostras de productos classificados e offerecidos pela Fabrica de Tintas de Cabo Branco, perfazendo ao todo 207 typos de mineraes do Estado e de outras unidades da Federação, principalmente de Minas Geraes. Afóra estes, ha outros ainda

não classificados: uma collecção de 30 typos de mineraes de Picuhy, offerecidos pelo estudante José Santiago e uma de 28 de Pedra Lavrada offerecido pelo vigario José Alves.

b) **Fosseis** — Um craneo fossil, encontrado em uma lagôa no municipio de Catolé do Rocha offerecido pelo prefeito do municipio; dois amonites, encontrados nas jazidas calcareas deste municipio e mais um outro fossil de animal desconhecido.

c) **Etnographia** — O museu recebeu:1) três flechas dos Indios Acuak do Rio Dôce, offerecidas pelo dr. Leon Clerót; 2) um fragmento de ceramica e uma boleadeira dos Indios de Torres no Rio Grande do Sul, offerecidos pela menina Alicita Venturino.

d) **Archeologia** — 1.º uma arca para serviço postal attribuida ao Barão de Maraú, offerecida pelo prefeito de Mamanguape, dr. Sabiniano Maia; 2.º uma imagem antiga de S. Antonio, esculptura portuguêsa em madeira, offerecida pelo vigario de Guarabira, padre Emiliano de Christo e 3 maquettes em gesso pelo prefeito Borja Peregrino.

e) **Numismatica** — 1.º um medalhão de bronze com a efigie de Ruy Barbosa, que pertenceu a Euclydes da Cunha, offerecido pelo dr. Romulo Serrano; 2.º 18 moedas de cobre do II Imperio e da Republica offerecidas pelo sr. Heitor Gusmão.

f) **Mappothéca** — Quatro cartas topographicas do Estado de S. Paulo, usadas pelo commandante do 1.º Batalhão da Policia Parahybana, na revolução de 1932,indicando os traçados percorridos pelas forças e os pontos de combates no sector do Norte. Foram offerecidas pelo tenente Naziasene.

VIII — PERMUTAS E OFFERTAS

O Instituito Historico recebeu este anno em permuta as seguintes publicações: Revista da Marinha, ns. 3.º e 4.º; Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Sul, 3 vols.; Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife 1 vol.; G. E. G. H. P. annos 2.º e 3.º Boletim do Departamento Nacional do Trabalho de S. Paulo, 4 vols.; Boletim Mensal da Directoria de Meteorologia do Rio de Janeiro, 3 vols.; Serviço do Algodão da Parahyba 3 vols.; Revista da Associação Commercial de Parahyba, 2 vols.; Liga Maritima, 1 vol.; Ibero Amerikanisches, 1 vol.; Revista do Ensino de Parahyba, 3 vols.; Revista do Instituto Historico de Ceará, tomo XLVII; Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo XXXVI; Le Vie d'Italia, de Milão, 2 vols.; Bôa Nova, do Rio, 12 vols.; Revista do Instituto Historico da Bahia, 2 vols.; Revista do Instituto Historico de Alagôas, 4 vols.; Revista do Archivo Publico Mineiro, 2 vols.; Brasilian Cotton, 2 vols.; Publicação do Archivo Nacional, ns. 1, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 26 e 27; Boletim de Agricultura, 12 vols.; Revista de Archeologia de Pernambuco, 1 vol.; Revista do Instituto Historico do Pará, 1 vol.; Revista de Direito de S. Paulo, 1 vol. Boletim do Ministerio da Agricultura, 1 vol.; Revista do Supremo Tribunal, anno de 1918; Revista Nacional de Educação, 6 vols.; Boletim do Museu Paraense, 1 vol.

O Instituto obteve por offertas as obras seguintes: Conego Bernardo de Carvalho, pelo sr. Pedro Baptista; Acção e Annullação de Contracto Hypothecario, pelo dr. Antonio Bôtto de Menezes; Nos Prodomos da Revolução, de autoria do dr. Octacilio de Albuquerque; Do Grande Presidente e o Incrivel João Pessôa, pelo dr. Adhemar Vidal; Archivo do General Miranda de Venezuela, 1.º e 2.º vol.; Vestigio da Lingua Primitiva, pelo sr. Jorge Bertolosa Stella; Vida Scientifica de Trombetti, do mesmo autor; Eu accuso, por Thiers Flaming; Ensaio sobre Ornithologia, por Antonio Caetano; Problemas do Brasil, pelo sr. Ary Machado Guimarães; Benedicto Calixto, por Julio Conceição; Antevendo a Revolução de 1930, do dr. Octacilio de Albuquerque, organizado pelo sr. Luiz Pinto; O meu governo, por Juvenal Lamartine; Discurso do senador Adolpho Gordo em 1927; Pelo Brasil Unido, de Thiers Flaming; A Campanha do Conselheiro, pelo capitão J. da Costa Palmeira; Cartas Ineditas do P. Antonio Vieira; Os Postulados da Guerra, por Santos Netto; Determinação das Coordenadas Geographicas do Ceará; Sertão a Dentro, por Costa Andrade; Acção e Reacção, por Daniel Carneiro; Hygiene das Cidades, por Baeta Neves; Revelações do Eu, por Alvaro de Carvalho; A Batalha dos Guararapes, pelo capitão Costa Palmeira; Annuario do Estado da Parahyba, organizado pelo dr. Samuel Duarte; Annuario Estatistico da Parahyba, organizado pelo dr. Meira de Menezes; Sociologia Chileindiana, S. Chilena. S. Americano, pelo professor Agustin Venturino.

IX — LIVROS E MOVEIS ADQUIRIDOS PELO INSTITUTO

O Instituto Historico obteve este anno por compra duas obras raras e de grande valor: uma Historia da França em 5 volumes enriquecida com muitas e magnificas gravuras e um Diccionario Portuguez em 2 grossos volumes; 4 mostruarios para a Secção de Etnographia, 1 quadro a oleo, 3 mostruarios para a Secção de Sciencias Naturaes, 3 para a Secção de Mineralogia e 1 movel para a Secção de Archeologia.

X — MOVIMENTO DA THESOURARIA

O Instituto Historico recebe do Estado uma pequena subvenção de 1:800$000 annuaes, e é a unica que recebe actualmente, pois, o govêrno federal deixou de subvencional-o. Todavia com esta pequena quantia mantem um amanuense, um zelador do Museu e Bibliotheca, e o expediente. Movimentada com a maxima economia, esta importancia tem chegado também para encadernação de jornaes e confecção dos moveis a que já me referi.

No fim do anno passado, o saldo era de: 1:257$500.

Este anno em virtude da acquisição que fizemos de algu-

mas obras e da compra de alguns moveis ficou reduzido, como se póde verificar no balancête annexo, a quantia de 297$700.

DEMONSTRAÇÃO da Receita e Despesa do Instituto Historico e Geographico Parahybano, no periodo social de 8 de setembro de 1933 a 7 de setembro de 1934

RECEITA

Subvenções recebidas do Thesouro do Estado de agosto de 1933 a julho de 1934 e recolhidas ao Banco do Estado	1:800$000	
Juros abonados pelo mesmo Banco	90$300	
	90$300	1:890$300

DESPESA

Folhas de pagamento de honorarios ao zelador, conforme documentos ns. 1, 3, 14, 16, 19, 22, 24, 26, 35, 40, 43, 45 e 50	1:300$000
A Sousa Campos, uma lampada electrica, doc. n. 2	3$000
A Antonio de França, selos postaes, doc. n. 4	2$000
A Rabello Lourenço & Cia., uma caixa contendo amostras de mineraes, doc. n. 5	19$900
A Gercino Pereira, um tubo de linha "Urso", doc. n. 6	1$500
A Durvaldo Varandas, despachos aduaneiros, referentes a uma caixa contendo amostras, doc. n. 7	6$000
A Antonio de França, selos postaes, doc. n. 8	1$000
A Ovidio Mendonça, um apparelho "Flit", completo, doc. n. 9	12$000
A' Emprêsa G. Nordéste, meio litro de gomma arabica, doc. n. 10	6$000
Ao Telegrapho Nacional, um despacho para o dr. Borges de Medeiros, no Recife, doc. n. 11	4$900
A Antonio de França, molduras para quadros, transporte, etc., doc. n. 2	40$800
A José Rodrigues Pereira, uma estante para mineraes, doc. n. 13	290$000
A Antonio de França, sellos postaes, doc. n. 15	1$000
A Sousa Campos, uma lata de agua-raz, doc. n. 17	2$000
A Severino Mesquita, uma garrafa de "Citrica", doc. n. 18	4$000
Folha de pagamento, mudança da Bibliotheca, doc. n. 20	26$000
A Antonio de França, transporte de uma imagem vinda de Guarabira, doc. n. 21	10$000

A Leonilo Pereira:	
uma vitrine, doc. n. 23	280$000
uma estante, um quadro, etc., doc. n. 25	165$000
um supporte para bandeira, doc. n. 27	20$000
um movel não especificado, doc. n. 28	20$000
serviços realizados, doc. n. 30	5$000
feitio de três armarios, doc. n. 47	45$000
Folha de pagamento, reparos de moveis, doc. n. 29	10$000
A' Imprensa Official:	
um livro c/200 folhas, doc. n. 31	30$000
200 cartões convites, papel e enveloppes para officio, doc. n. 42	42$000
Folha de pagamento, transporte de moveis, doc. n. 32	35$000
A Antonio de França, sellos postaes, doc. n. 33	5$000
Folha de pagamento, transporte de moveis, doc. n. 34	7$000
A Antonio Soares, serviços de goteiras, doc. n. 36	5$000
A A. Baptista de Araujo, quatro caixas de papel e enveloppes, impressos, conforme doc. n. 37	100$000
A Antonio de França:	
sellos postaes, doc. n. 38	$800
dois copos, doc. n. 39	$800
transporte de cadeiras da Escola Normal para o Instituto e transporte de uma imagem, doc. n. 41	16$300
sellos postaes, doc. n. 44	4$400
A Sousa Campos, 2,10 metros de téla, doc. n. 46	14$700
A L. Carneiro & Cia., esmalte, verniz, pincél, doc. n. 48	12$000
A João Pinto Serrano, um quadro alegorico, doc. n. 49	300$000
Ao Banco do Estado, estampilhas colladas na caderneta de C/Corrente	1$400
	2:850$100

SALDOS:

Somma da receita	1:890$300	
Do exercicio anterior	1:257$500	
Para 8 de setembro de 1934:		
No Banco do Estado	279$300	
Em poder do thesoureiro	18$400	297$700
	3:147$800	3:147$800

Thesouraria do Instituto Historico e Geographico Parahybano, João Pessôa, 7 de setembro de 1934.

O thesoureiro, J. Veiga Junior.

Visto: — **Conego Florentino Barbosa**, presidente.

XI — IMPRESSÕES

Dentre as multiplas impressões deixadas no livro competente, por visitantes illustres, destaco a seguinte,por ser uma das mais expressivas affirmações do nosso esforço tão bem comprehendido pelo eminente professor da E. Polytechnica do Rio de Janeiro, dr. Everardo Backrenser.

Eil-a: "Os problemas de geographia e historia preoccupam todos os povos cultos, e é evidente indice da mentalidade de uma nação o carinho que a elles é dado. A existencia de um Instituto de pesquizas desses graves assumptos é mais uma prova de que a pequena e gloriosa Parahyba occupa um logar de vanguarda na intellectualidade brasileira.

Foi para mim uma grande honra occupar durante alguns momentos a tribuna desse cenaculo de scientistas do Nordéste.

a) **Everardo Backhenser".**

RELATORIO DO MOVIMENTO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO, DURANTE O ULTIMO ANNO SOCIAL, APRESENTADO EM SESSÃO SOLEMNE, AOS 7 DE SETEMBRO DE 1935, PELO GONEGO DR. FLORENTINO BARBOA, PRESIDENTE INTERINO DO MESMO INSTITUTO

Illustres Consocios:

Na qualidade de presidente interino deste Instituto, em substituição ao dr. Antonio Botto de Menezes que se ocha ousente desde o começo deste anno, venho apresentar-vos o relatorio do movimento desta casa occorrido no periodo do ultimo anno social, a fim de cumprir o dispositivo contido no paragrapho 6.º do art. 10 dos nossos Estatutos, o qual está expresso no seguinte teor: "Ao presidente compete organizar um relatorio circumstanciado da administração ao terminar o seu mandato".

Ao começar esta relação do movimento social que constituiu a propria vida deste sodalicio nesta ultima phase de sua existencia, cumpre-me scientificar-vos, antes de entrar em detalhes, que a linha eschematica dos seus trabalhos apresenta uma depressão bastante sensivel em confronto com a dos annos an-

SESSÕES

De 7 de Setembro do anno passado até esta data realizaram-se somente oito sessões, emquanto no penultimo anno se realizaram onze.

Nos annos anteriores a media está entre nove e doze. Nesta particular não se teem observado as prescripções dos Estatutos que determinam duas sessões ordinarias em cada mês, assim como duas sessões solemnes commemorativas das datas historicas. Estas faltas não correm por conta da Directoria que tem se esforçado o quanto póde para dar cumprimento á lettra do regulamento, e sim por conta da falta de assiduidade da maioria dos socios.

As sessões do ultimo anno estão discriminadas assim: *uma* sessão magna em 7 de Setembro de 1934, para posse da Directoria e comemoração da Independencia do Brasil; *uma* solemne no dia 13 de Maio em homenagem á data da abolição da escravatura; *três* extraordinarias, sendo uma no dia 19 de Agosto para eleição da Directoria, a segunda em 14 de fevereiro em que falou o sr. Jacy Rêgo Barros subordinado ao thema. "Porque decahiu Mamanguape, a terceira em 1 de Julho para empossar os socios Raymundo Pimentel Gomes, Mauricio Furtado e Durwal de Albuquerque.

As sessões ordinarias foram três apenas.

TRABALHOS DO INSTITUTO

1.º *A Revista.* Em 1932 foi publicado o 7.º volume do nosso orgão de publicidade; isto, porém, depois de uma lucta titanica, não em obter o material necessario, pois este existe com abundancia; mas em conseguir das secções technicas do jornal official que pozessem em andamento os diversos trabalhos concernentes á publicação em apreço.

Os mesmos embaraços renovaram-se a respeito do 8.º volume que acabou de ser empresso em julho deste anno, apezar de estar o original depositado na Gerencia da "A União" ha dois annos.

Com isto não queremos censurar o pessoal technico, nem tão pouco a Gerencia do jornal official; queremos tão somente referir o facto que decorre do acumulo de serviços existentes naquellas officinas.

E' de lastimar, porém, esta irregularidade na publicação deste orgão tão necessario á vida do Instituto. E' pela Revista que mantemos relações scientificas com mais de 50 centros scientificos não só da America, mas também da Europa e da Asia.

Em permuta recebemos grande numero de revistas e muitas obras de valor que veem enriquecer a nossa Bibliotheca. Muitos são os pedidos de permutas de varias partes do mundo. O anno passado recebemos um desses pedidos enviado pelo "Turing Club Italiano" que desde então nos manda regularmente em troca da nossa a sua revista intitulada "Le Vie de Italia", magnifica publicação illustrada em papel *couché*, fazendo-nos ver claramente as estupendas obras d'arte antiga e moderna como se estivessemos no proprio pais das artes.

A poucos dias recebemos tambem uma carta da "University of London" propondo-nos uma permuta pelo Boletim que

se publica naquelle centro scientifico, e pelos seus supplementos, comprehendendo 12 volumes. Quasi sempre estamos a receber propostas desta natureza, e é uma lastima não podermos corres ponder com uma publicação regular.

O que nos resta, portanto, é adiccionarmos mais uma parcela de esforço para dar andamento ao 9.º volume que já conta com uma somma consideravel de materia.
riores.

2.º — CONFERENCIAS E DISCURSOS

No dia 7 de Setembro do anno passado, o Major João da Costa Palmeira, conhecido historiographo patricio, depois de tomar posse da sua cadeira de socio effectivo deste Instituto, leu um Capitulo do seu livro que se intitula "A Republica de 17". O orador desenvolveu sufficientemente o assumpto a que se prendia o referido Capitulo da sua obra, estudando-o segundo as normas modernas da Critica Historica; pelo que recebeu vivos applausos e cordiaes cumprimentos da numerosa assistencia que testemunhara aquella exposição.

Em 14 de Fevereiro do corrente anno, foi pronunciada aqui uma segunda conferencia pelo dr. Jacy do Rêgo Barros, subordinada ao thema: "Porque decahiu Mamanguape". O suggestivo assumpto foi tratado debaixo do ponto de vista sociologico, empenhando-se o conferencista em dar as razões e os motivos que, no decorrer dos tempos, levaram o Velho Municipio á ruina.

A Conferencia do dr. Jacy demorou 40 minutos e agradou geralmente ao auditorio.

Aos 13 de Maio, o sr. Luiz da Silva Pinto realizou também uma Conferencia em torno da personalidade do dr. João Coêlho Lisbôa, illustre parahybano que muito se bateu pela libertação dos escravos. O conferencista em longo trabalho realçou os diversos titulos de benemerencia do homenageado que foi também um dos grandes parlamentares da Republica.

Na sessão extraordinaria de 1.º de Junho falaram diversos oradores por occasião da posse dos socios a que já me reportei acima. Em primeiro lugar usou da palavra o dr. Jósa Magalhães para saudar os recepiendarios, sendo o seu discurso respondido em primeiro lugar pelo sr. Durwal de Albuquerque que leu um bello trabalho sobre administrações publicas e erros decorrentes. Ao seguir o dr. Mauricio Furtado em termos muito elogiosos salientou a acção do Instituto. Por fim orou o dr. Pimentel Gomes que se estendeu em vastas considerações de natureza antropo-geographica.

PROPOSTAS

Na sessão de 28 de Outubro, foi apresentada e aprovada unimemente a seguinte proposta:

"Propomos para socios correspondentes do Instituto Historico e Geographico Parahybano os senhores Conego dr. João Carlos de Moraes Bezerril e o dr. Fernando Jaureguy. O conego João Bezerril é parahybano, escriptor catholico e jornalista de larga projecção no Rio de Janeiro, onde reside actualmente exercendo as funcções de vigario da parachia de S. Rita, naquella Metropole. O dr. Fernando Jaureguy é presidente da junta de Artes e Sciencias, Lettras e Historia de Buenos Ayres". Esta proposta foi assignada pelos consocios Florentino Barbosa e Nicodemus Neves.

Em sessão de 7 de abril, foi apresentada e approvada outra proposta de socios no seguinte teor: "Propomos para socios deste Instituto os srs. dr. Raymundo Pimentel Gomes, Desembargador Mauricio Furtado, dr. François Leon Clerót, dr. Ataliba Nogueira e o jornalista Durwal de Albuquerque. Foi assignada esta proposta pelos socios Florentino Barbosa, Antonio Botto de Menezes e João Veiga Junior.

A BIBLIOTHECA

Conta a nossa Bibliotheca com 3.000 volumes, achando-se já catalogados 2.600 que formam a 1.ª secção. Continua a receber muitas publicações annualmente. No presente anno que ora termina, ella recebeu o seguinte:

Obras: "Os Mysterios da Fé" pelo Conego Florentino Barbosa, Setima Conferencia Internacional Panamericana, Três annos de Administração de Salles Filho, Primeiro Centenario da Sociedad Mexicana de Geografia, Um Interventor Parahybano, o Concilo de Trento em português e latim; Independencia da Argentina, Brasil e Chile; The Carimean Area por Wilgus; Minha Cidade por Ascendino Leite; Historia do Diario Official por Sud Mennuci.

Revistas : Geographia e Estatistica, Le Vie de Italia n.º 8, 9, e 10, R. Militar Brasileira, Universidad Habana 3 tc., Liga Maritima, Cruzada, R. de Medicina, R. de G. E. G. H. P. nos. 2 e 5, R. do I. Historico do R. Grande do Sul, R. da Producção de Parahyba diversos numeros, Archivos do Museu Nacional, Illustração de Parahyba diversos numeros, R. da Faculdade de Direito do Recife, R. da Faculdade de Direito de S. Paulo, R. da Escola Militar 2 ts.

Boletins: B. do Ministerio da Agricultura, B. do Centro de Investigações Historicas 2 ts., B. do Ministerio da Educação e Saude nos. 3 e 4, B. do Instituto de Metereologia, B. do Ministerio do Trabalho, B. do Ministerio da Industria, B. do Museu Nacional.

Fasciculos: Os titulos gloriosos do Mysterio por Josebias Marinho, O Voto Feminino perante a Justiça, Fiandeira de Ouro por Victor Camargo, Programma Nacional de Salles Filho.

Relatorios: Tribunal Eleitoral da Parahyba, Relatorio do

G. E. F. B., Relatorio do Ministerio da Educação, Relatorio da Directoria da Assistencia Publica Municipal de João Pessôa.

Jornaes: Republica de Natal, todos os numeros, "A Imprensa" de Parahyba, idem, Diario Official de Alagôas, Filhas avulsas, diversas.

MUSEU

O nosso pequeno Museu vae progredindo, embora lentamente. No correr deste anno social recebeu diversos objectos que foram distribuidos segundo as suas classes na seguintes secções:

Mineralogia: Algumas grammas de *Mica-biotita* procedente do M. de Alagôa do Monteiro neste Estado; um blóco de *Carvão de pedra*, procedente de minas francêsas; fragmentos de Wolfromita — M. de Lages, R. G. do Norte; fragmento de Farnilignito — Açude Itans, R. G. do Norte; 2 blócos de Arenito —B. das Freiras; e b. de Chisto — B. das Freiras; 1 b. de rezina fossil — Pedra Lavrada; 1 b. de Nikel — Pera Lavrada.

Numismata: uma *moeda brasileira* do valor de 1$000, cunhada no centenario ou simulando haver sido cunhada nessa época por ser *falsa*.

Archeologia: 4 columnas de madeira precedentes da Igreja de N. S. das Mercês, em demolição, um quadro com os nomes de todos os governadores da Parahyba, desde Fructuoso Barbosa até Solon de Lucena; uma *garrafa* antiga em que era acondiccionado antigamente o vinho verde.

Sciencias Naturaes: uma collecção de 63 typos de borbulêtas, procedentes do Municipio de Mamanguape neste Estado offerecida pelo dr. Leon Clerót, socio do Instituto.

CORRESPONDENCIA DO INSTITUTO

Um officio do dr. Antonio Botto de Menezes ao 1.º secretario do Instituto, passando-lhe o exercicio da presidencia, por ter de viajar para o Rio de Janeiro; officio n.º 232 do Governador do Estado, convidando o Instituto a tomar parte nas solemnidades de 7 de Setembro; officio n.º 574 da Universidade de S. Paulo, agradecendo o ultimo numero da nossa Revista; officio do Arcebispo D. Maysés Coêlho, partecipando haver assumido o governo desta Archidiocese; officio da Sociedade Academica Militar, agradecendo o ultimo n.º da Revista; officio do Mundial Clube convidado-nos para uma reunião em sua séde, pela passagem do dia do sêlo; uma Circular da Academia Carioca de Lettras sobre assumptos litterarios; Carta do Cel. Carlos Alverga ao presidente do Instituto; officio do Instituto Ibero-Americano; uma Circular da Universidade de Londres, Instituto de Pesquizas Historicas; um officio deste Instituto respondendo aquella circular; alguns telegrammas e grande numero de cartas.

PERMUTAS E OFFERTAS

A Bibliotheca recebeu por meio de offertas e permutas todos aquelles livros, revistas e outras publicações de que já tratei no lugar competente. Muitos outros donativos foram feitos a este Instituto, os quaes estão distribuidos pelas deversas secções a que reportei acima. Esta Instituição, profundamente penhorada pelas importantes dadivas, continua a esperar na generosidade e confiar no patriotismo do povo parahybano que tem sido tão solicito em depositar aqui as reliquias dos nossos antepassados.

ELEIÇÃO DA DIRECTORIA E COMMISSÕES PERMANENTES

Em sessão extraordinaria do penultimo domingo de agosto, sob a presidencia de uma mesa especial, constando de três membros assim discriminados, presidente desembargador Mauricio Furtado, 1.º secretario dr. José de Avila Lins, 2.º secretario, dra. Eudesia Vieira, foram eleitas a directoria e commissões permanentes que devem dirigir os trabalhos do Instituto de 7 de Setembro do presente anno á igual data de 1936. O resultado da eleição foi o que se segue: Presidente dr. José de Avila Lins; 2.º secretario dra. Eudesia Vieira; Orador, professor José B. de Mello; thesoureiro João Vieiga Junior (3.ª reeleição). Commissão de Contas: Carlos Alverga, Simão Patricio e João Leopoldino de Oliveira Flôres; Commissão de Estudos Historicos e Geographicos: dr. Antonio Botto, dr. Adhemar Vidal e dr. Pimentel Gomes; Commissão de Revista; dr. Octacilio de Albuquerque, desembargador Mauricio Furtado, dr. Antonio de Avila Lins e dr. Jósa Magalhães.

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA E DESPESA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO NO PERIODO SOCIAL DE 8 DE SETEMBRO DE 1934 A 7 DE SETEMBRO DE 1935

Subvenções recebidas do Thesouro do Estado, referentes aos mêses de agosto de 1934 a julho de 1935	1:800$000	
Juros abonados pelo Banco do E. da Parahyba	15$200	
Folhas de pagamento de honorarios ao Zelador, conforme doc. 3, 5, 8, 11, 13, 16, 19, 23, 29 e 40		1:200$000

A Imprensa Official:		
Impressão de carta-convites e circulares, conforme doc. n.º 12		36$000
A Manuel Francisco de Sousa:		
Lavagem do salão da séde, conforme doc. n.º 1		11$500
A Antonio de França:		
Sellos postaes para o serviço de correspondencia conforme doc. nos. 2, 4, 17, 25, 28 e 33		25$900
Despêsas realizadas na sessão de 13 de maio, doc. 20		32$400
A Leonidio Pereira de Araujo:		
Confecção de varios moveis, outros serviços de marcenaria, inclusive restauração de moveis, conforme dos. n.º 6, 7, 21, 34 e 35		426$000
A Sonia Nasimova:		
Dois ingressos adquiridos pelo Instituto para o festival dessa artista, conforme dos. n.º 36		20$000
Folha de operarios:		
Transporte de moveis, conforme doc. nos. 18 e 38		10$000
Conego dr. Florentino Barbosa:		
Material adquirido para serviço de embalsamamento de passaros, doc. n.º 14		5$000
Um telegramma para Victoria, conforme doc. n.º 22		7$600
Londres & Cia.:		
Fornecimento de seringa, formól e agulha, conforme doc. n.º 10		10$000
J. Theodosio & Cia.:		
Um vidro de gomma arabica, conforme doc. n.º 26		4$000

Casa Record:		
Um novello de cordão, conforme doc. n.º 27		4$000
Maria das Mercês Leite:		
Serviços de encardenação, conforme doc. n.º 9		5$000
Casa Jorge:		
Um quadro, conforme doc. n.º 31		6$000
Casa das Tintas:		
Uma lata de esmalte, conforme doc. n.º 32		2$500
Christovam R. Fonsêca:		
Moedas adquiridas para a secção de humismatica, conforme doc. n.º 37		8$000
Galeria Nobre:		
Um vidro medindo 78 x 59, doc. n.º 39		13$000
Alfredo da Silva (Casa Record):		
Um vidro de tinta para carimbo, doc. n.º 30		3$000
Banco do Estado da Parahyba:		
Quota de 2°|° destinada á I. A. O. B.		$300
	1:815$200	1:830$200
	297$700	
SALDOS:		
Do exercio anterior		
Para 8 de setembro de 1935:		
No Bando do Estado 235$800		282$700
Em poder do thesonreiro .. .. 46$900	2:112$900	2:112$900

THESOURARIA do Instituto Historico e Geographico Parahybano, 7 de setembro de 1935.

Visto: *Conego Florentino Barbosa*, 1.º secretario.

O Thesoureiro, *J. Veiga Junior*.

MOVIMENTO DA THESOURARIA DO INSTITUTO

Da balancête apresentado pelo thesoureiro, referente ao periodo social de 8 de setembro de 1934 a 7 setembro de 1935, que está regularmente acompanhado de todos os comprovantes, verifica-se o movimento que, em resumo, passo a demonstrar:

RECEITA:

Subvenção recebida do Estado	1:800$000
Juros correspondentes, abonados pelo Banco	15$200
Saldo do periodo anterior	297$700
SOMMA:	2:112$900

DESPESA:

Honorarios de empregados	1:200$000
Despêsa com material de transporte	630$200
	1:830$200
Saldo existente	282$700
SOMMA:	2:112$900

PROPOSTAS

Propomos para socios effectivos do Instituto Historico e Geographico Parahybano, as seguintes pessôas: Padre Carlos Coêlho, dr. Elpidio de Almeida, dra. Neusa de Andrade e d. Alice Monteiro. São nomes bastantes conhecidos em nosso meio intellectual. Quasi que nos dispensamos de commentarios em torno dos mesmos. O padre Carlos Coêlho é um moço de vasta cultura, director de um matutino em João Pessôa, jornalista de largas possibilidades. Dr. Elpidio de Almeida é medico em Campina Grande. E' um dedicado estudioso da nossa historia. Agora mesmo acaba de enviar para a nossa Revista um trabalho bem cuidado sobre a cidade de Areia. E a dra. Neusa de Andrade, como d. Alice Monteiro, iguaes referencias merecem. A primeira é medica, cultora das letras, dona de invulgar intelligencia. E a segunda é uma educadora emerita, jornalista de estylo attrahente. cuja actução na imprensa dar-lhe logar de marcado destaque.

João Pessôa, 10 de Maio de 1936.

Conego Florentino Barbosa
José Baptista de Mello
J. Avila Lins

Approvado em sessão de 10—5—936.

J. Avila Lins, presidente.

Proposta :

Apresentamos, para socios deste Instituto, os senhores doutores Raymundo Pimentel Gomes, Mauricio Furtado e François Leon Clerot, sendo os dois primeiros effectivos e o ultimo correspondente. Os três candidatos são homens de elevada cathegoria na sociedade parahybana e de grande projecção nas letras, no jornalismo e na publicistica, pelo que suppomos estarem em condições de ingressar no Instituto Historico. Confiantes nestas qualidades é que os apresentamos á Casa para o fim proposto.

Conego Florentino Barbosa
Antonio Botto de Menezes
João Veiga Junior

Proposta :

Apresentamos, para socios do Instituto Historico, os senhores Ataliba Nogueira e Durwal Cabral de Almeida e Albuquerque, sendo o primeiro correspondente e o segundo effectivo. O sr. Ataliba Nogueira é um illustre escriptor paulista, autor de uma obra interesante sobre o invento do padre Azevêdo, intitulado. "Um invento brasileiro". E o senhor Durwal de Albuquerque é redactor da "A União", moço culto estudioso da nossa historia e geographia.

Antonio Botto de Menezes
Conego Florentino Barbosa
João Veiga Junior

Proposta :

Apresentamos, para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Parahybano, o doutor Hortensio de Sousa Ribeiro. Trata-se de um escriptor de larga projecção no Estado e no pais, jornalista que illustra diariamente as paginas das nossas folhas, estudioso da nossa Historia e da nossa Geographia, conhecido como homem de vasta cultura e membro do G. E. G. H. P.

Conego Florentino Barbosa
José Baptista de Mello
J. Avila Lins

Approvado em sessão de 10 — 5 — 1936.

J. Avila Lins, presidente.

Proposta :

Propomos para socios deste Instituto as senhoritas Analicé Caldas, Beatriz Ribeiro e dr. Lourival de Gouveia Moura. As primeiras professoras, diplomadas pela E. N. deste Estado, funccionarias publicas e jornalista conhecidas de nosso meio e o ultimo facultativo, chefe do Serviço de Prophylaxia da Tuberculose, autor de diversos trabalhos scientificos publicados.

João Pessôa, 5|7|1936.

Francisco Coutinho de Lima e Moura
Alice de Azevêdo Monteiro

Proposta :

Propomos para socios effectivos do Instituto Historico e Geographico Parahybano os senhores drs. Gonçalves Fernandes, Horacio de Almeida, Oscar de Castro, padre Francisco de Lima, drs. Orris Barbosa e Braz Baracuhy. Todos os propostos são nomes que dispensam apresentação ou commentarios. Firmados nos letras juridicas, scientificas, historicas e literarias, cada um se salienta na orbita de sua especialidade, havendo entre elles publicistas de nome feito, como os drs. Orris Barbosa e Oscar de Castro. Os demais são espiritos grandes de vasta cultura, educadores como o padre Francisco de Lima, Director do Collegio Pio X e Braz Baracuhy, juiz de direito da capital, estudioso e pesquizador da histria, com varios trabalhos publicados e ineditos.

João Pessôa, 5 de julho de 1936.

Francisco Coutinho de Lima e Moura
J. Avila Lins

ACTAS

ACTAS DAS SESSÕES DO INSTITUTO HISTORICO A COMEÇAR DE 18 DE JUNHO DE 1933 ATE'.....

Sessão ordinaria de 18 de junho de 1933

Presidente: Conego Florentino Barbosa

Presentes: o conego Florentino Barbosa, presidente do Instituto Historico e Geographico Parahybano, dr. Flavio Marója, presidente de honra, Veiga Junior, thesoureiro e muitos outros consocios, abriu-se a sessão ás 14 horas.

Lida a acta da sessão anterior, pediu a palavra o sr. Veiga Junior solicitando constasse da acta da sessão extraordinaria em homenagem ao dr. Antonio Bôtto de Menezes o nome do dr. Arthur Rabello, um dos oradores daquella homenagem.

Expediente: — O expediente constou do seguinte: Le Vie d'Italia, mezes de abril a junho de 1933; Ibero Amerikanisches Archiv, em 2 volumes, referentes a maio e junho ultimos; La Question Du Désarmement; Revista de Philologia e Historia, fasciculos 1.º e 2.º; Annaes do Archivo e Inspectoria dos Monumentos da Bahia, volume 24; Boletim do Departamento do Trabalho de S. Paulo; Divisão administrativa do Brasil; Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro; S. Paulo e a sua guerra de secessão; A revolução constitucionalista de S. Paulo; O Charco Boreal; Revista Militar Brasileira de junho a dezembro de 1932; Cultura experimental da batata ingleza da Parahyba; Revista da Associação Commercial de João Pessôa, março a abril de 33; Serviço do Algodão na Parahyba, de janeiro a dezembro de 1932; a Tragedia do Calvario de Arthur Rabello; Indiana; Limites dos Estados Unidos do Brasil; Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; Pelotas no Centenario; Liga Maritima Brasileira-maio de 33; Revista da Marinha; Revista do 5.º Batalhão de Minas Geraes; Geographia y Estatistica do Mexico; Medicina, janeiro a outubro de 1932; Numismatica Cearense; Boletim mensal de meteorologia e diversos jornaes desta e de outras capitaes do Brasil.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta.

(as.) Conego Florentino Barbosa
Antonio Bôtto de Menezes
Avila Lins

Sessão solenne do dia 22 de junho de 1933, em homenagem ao primeiro Centenario do Conego Bernardo de Carvalho Andrade

Presidente: Conego Florentino Barbosa
1.º Secretario: Dr. Antonio Bôtto de Menezes
2.º Secretario: Simão Patricio, ad-hoc

Além da mesa, que se compunha do conego Florentino Barbosa, prefeito José de Borja Peregrino, dr. Antonio Bôtto de Menezes, Simão Patricio da Costa Netto, Pedro Baptista, representante do G. E. G. H. P., dr. João Dias Junior, representando o Secretario do Interior, dr. Hortencio de Sousa Ribeiro, representando a "A Imprensa", compareceram o sr. Luis Pinto, Acrisio Borges, prof. José Baptista de Mello, e outras pessôas.

A sessão foi aberta ás 19 e meia horas. Falou em primeiro lugar o conego Florentino Barbosa que, em expressivas palavras, disse da finalidade daquella solennidade, tendo estudado alguns traços da vida do conego Bernardo.

Em seguida foi dada a palavra ao orador official da sessão, o professor José Baptista de Mello, que leu uma interessante conferencia sobre o homenageado, tendo na mesma feito um estudo acurado sobre as diversas actividades daquelle illustre sacerdote.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, tendo o conego Florentino Barbosa agradecido a presença da assisten-

(as.) Conego Florentino Barbosa
Antonio Bôtto de Menezes
Avila Lins

Sessão ordinaria do dia 20 de agosto de 1933

Presidente: Conego Florentino Barbosa
1.º Secretario: Dr. Antonio Bôtto de Menezes
2.º Secretario: Dr. A. de Avila Lins

Com a presença dos socios conego Florentino Barbosa, dr. Antonio Bôtto de Menezes, J. Veiga Junior, conego Nicodemus Neves, dr. Jósa Magalhães, dr. A. Avila Lins, dr. J. Avila Lins, João Leopoldino Flôres e Simão Patricio, foi aberta a sessão ás 14 horas.

Lidas as actas anteriores foram as mesmas approvadas.

Expediente — Constou o expediente do seguinte: um cartão da The American Geographical Society, pedindo a remessa do 6.º volume da nossa revista; circular da União de Moços Catholicos, communicando a posse da sua directoria; officio da directoria de Estatistica, pedindo dados do nosso jornal; officio da Maçonaria, communicando a posse da sua nova directoria; officio do prefeito desta capital, offerecendo alguns quadros e photographias do

monumento do presidente João Pessôa; officio da Federação Brasileira de Imprensa, sobre assumpto de imprensa; circular do Instituto Historico do Espirito Santo, communicando a posse da directoria; uma mensagem do Centro Academico do Amazonas ao Govêrno Provisorio sobre interesses daquelle Estado; uma circular do G. E. G. H. P.; um officio do tabellião publico de Acaraú, solicitando obras para uma bibliotheca; duas photographias representando a passagem do sr. Washington Luis por esta capital ns. 3.º e 4.º da Revista da Marinha; conego Bernardo do sr. Pedro Baptista; um tomo da Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio G. do Sul; Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife, anno 41; G. E. G. H. P. ns. 2 e 3; Boletim do Departamento Nacional do Trabalho de S. Paulo, annos 22 e 27; Boletim Mensal da Directoria de Meteorologia do Rio de Janeiro, de fevereiro a maio deste anno; Serviço do Algodão, Delegacia da Parahyba, de janeiro a março de 1933; Revista da Associação Commercial da Parahyba, anno 2.º, n. 12; Liga Maritima Brasileira, junho de 33; Ibero-Amerikaniches Archiv; Lições de Geographia discriptiva, v. I, por Alcides Yuhé; Revista do Ensino da Parahyba, ns. 4 e 5, anno de 1933.

Após á leitura do expediente, pediu a palavra o consocio dr. Antonio Bôtto de Menezes e propoz á Casa que fosse organizada uma commissão para ir á residencia do dr. Flavio Marója, presidente de honra do Instituto, fazer-lhe uma visita em nome desta instituição; acceita a proposta, foi designada a seguinte commissão: drs. Josa Magalhães e A. Avila Lins. Propoz ainda o dr. Antonio Bôtto de Menezes fosse escolhida uma outra commissão para visitar o predio onde residiu o parahybano illustre José Peregrino Xavier de Carvalho, como homenagem á passagem de mais um anniversario de sua morte. Foram designados para essa missão os consocios conego Florentino Barbosa, Veiga Junior e dr. A. Bôtto de Menezes.

Por ultimo o conego Florentino Barbosa, presidente do Instituto Historico lembrou á Casa a necessidade de ser organizada uma commissão composta de membros do Instituto para cumprimentar o chefe do Govêrno Provisorio em sua proxima passagem por esta capital, tendo sido determinado que a presente commissão fosse composta da directoria do Instituto Historico e Geographico Parahybano.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual foi lavrada a presente acta.

(as.) Conego Florentino Barbosa

J. Avila Lins

Sessão extraordinaria do dia 20 de agosto de 1933, para a eleição da nova directoria e commissões permanentes do Instituto Historico e Geographico Parahybano durante o anno social de 1933 a 1934

Acclamada a mesa de accôrdo com os Estatutos, ficou a mesma assim constituida:

Presidente: Dr. José d'Avila Lins
1.º Secretario: Dr. Jósa Magalhães
2.º Secretario: Conego Nicodemus Neves

Procedeu-se á eleição por escrutinio secreto, tendo verificado o resultado seguinte:

Presidente: conego Florentino Barbosa, reeleito pela 3.ª vez; para 1.º Secretario, dr. Antonio Bôtto de Menezes, já eleito por 5 annos; 2.º Secretario, José Baptista de Mello, reeleito pela 2.ª vez; thesoureiro, João Ribeiro da Veiga Junior, reeleito pela 2.ª vez.

Commissão de contas — Carlos de Alverga, Simão Patricio da Costa e João Leopoldino Flôres.

Commissão de Pesquizas e estudos historicos — Dr. Irineu Joffily, dr. Antonio de Avila Lins e dr. Adhemar Vidal.

Commissão de Revista — Dr. Jósa Magalhães, dr. Octacilio de Albuquerque e Celso Mariz.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual lavrou-se a presente acta.

(as.) Conego Florentino Barbosa
José Avila Lins
Simão Patricio

Sessão solenne do dia 10 de setembro de 1933, para a posse da nova directoria do Instituto Historico e Geographico Parahybano, e commissões permanentes eleitas em sessão extraordinaria do dia 20 de agosto ultimo

Presidente: Conego Florentino Barbosa
1.º Secretario: Dr. Antonio Bôtto de Menezes
2.º Secretario: Prof. José Baptista de Mello

Com a presença dos socios conego Florentino Barbosa, dr. Antonio Bôtto de Menezes, conego Nicodemus Neves, João Veiga Junior, prof. José Baptista de Mello, dr. José d'Avila Lins, dr. Camillo de Hollanda e dois irmãos maristas, Luis Pinto, André Lombardi e outras pessôas, foi aberta a sessão ás 14 horas.

Iniciando os trabalhos da mesma sessão o conego Florentino Barbosa explicou os motivos por que se não realizou a sessão do dia 7, como mandam os Estatutos. Em seguida empossou-se no

cargo de presidente, para o qual foi reeleito pela 3.ª vez, tendo empossado também os demais membros da directoria e as commissões permanentes.

Após o empossamento da directoria do Instituto Historico o conego Florentino Barbosa realizou uma palestra illustrada sobre a nossa geographia e a sua relação entre o homem e a terra, estabelecendo parallelos entre tratadistas nacionaes e estrangeiros.

Terminada a sua palestra effectuou o conego Florentino Barbosa a leitura do relatorio referente á sua gestão e do movimento havido na thesouraria, a cargo do competente contabilista e nosso presado consocio João Ribeiro daVeiga Pessôa Junior, a quem teceu elogios pelo satisfactorio desempenho daquella funcção.

Pediu a palavra, ainda, o culto sacerdote conego Nicodemus Neves que, em eloquente alocução, agradeceu a sua reeleição para o cargo de orador do Instituto Historico.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta.

(as.) Conego Florentino Barbosa
José Avila Lins
Simão Patricio

Sessão ordinaria do dia 14 de outubro de 1933

Presidente: Conego Florentino Barbosa
1.º Secretario: Dr. José d'Avila Lins
2.º Secretario: Simão Patricio

Com a presença dos socios conego Florentino Barbosa, dr. José d'Avila Lins, Simão Patricio, conego Nicodemus Neves, dr. Adhemar Vidal, João Veiga Junior, foi aberta a sessão ás 14 ohras.

Lidas e approvadas sem discussão as actas anteriores, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: O original do discurso do dr. Getulio Vargas, lido no salão do palacio da Redempção; o tomo XLVII de 1933 da Revista do Instituto Historico do Ceará; um officio da Academia Americana de la Historia, convidando o Instituto para se representar em um congresso de Historia em Buenos Ayres; dois volumes do Boletim do Departamento Nacional do Trabalho; Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo XXXVI; um volume da Revue Internationale, offerecido pelo dr. José d'Avila Lins; Revista da Associação Commercial da Parahyba; Acção e Annullação do tratado hy-

pothecario, pelo dr. Antonio Bôtto de Menezes; Nos Prodomos da Revolução, pelo dr. Octacilio de Albuquerque; Do Grande Presidente e o Incrivel João Pessôa, pelo dr. Adhemar Vidal; Boletim Mensal do Instituto de Meteorologia do Rio de Janeiro; Le Vie d'Italia e varios numeros de jornaes do paiz. Por fim tratou-se da possivel vinda do dr. Agrippino Grieco a esta capital com o fim de realizar uma conferencia no Instituto Historico.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta.

(ass.) Conego Florentino Barbosa

Antonio Bôtto de Menezes
Conego Nicodemus Neves

BIBLIOGRAPHIA

Livros e revistas recebidos pela bibliothéca do Instituto Historico e G. P.

HISTORIA DA FRANÇA — popular e illustrada, desde os tempos mais remotos até os nossos dias por Henri Martin — traducção revista e annotada por Manuel Pinheiro Chagas — 4 volumes, offerecidos á Bibliothéca do Instituto Historico G|P por D. Camerina Rosas, viuva do Dr. Thomaz Mindello.

DE ANGOLA A' CONTRA COSTA — Descripção de uma viagem através do Continente Africano, comprehendendo narrativas diversas, aventuras e importantes descobertas entre as quaes figuram a das origens do Lualaba, caminho entre as duas costas, visita ás terras da Garanganga, Katanga e ao curso do Luapula, bem como a descida do Zambese, do Choa do Oceano, por H. Campello — R. Ivens — Officiaes da Armada Real Portugueza. Edição illustrada com mappas e gravuras, 2 volumes offerecidos pela mesma senhora.

L,ATMOSPHÉRE — Description des grandes phénomenes de la nature por Camille Flamarion. Deuxiéme édition contenant 15 planches chromolithographiques et cartes — 1873 — 1 vol. offerecido pela viuva Mindello.

NOUVELLE GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE — La terre et les hommes par E'lisée Reclus XIX — Amérique du Sud — L'Amazonie et la Plata, Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine, contenant 5 cartes en couleur tirées a part — 169 cartes intercalées dans le texte et 62 vues ou types gravés sur bois.

BOLETIM DO MINISTERIO DO TRABALHO, INDUSTRIA E COMMERCIO — diversos volumes correpondentes aos annos de 1935 e 1936.

REVISTA DO FORO que se publica nesta capital. Volume XXXIII — Fasciculos 1.º a 4.º. Summario — Doutrina — Testamento publico e reconhecimento de filhos naturaes — professores Clovis Bivilaqua e Andrade Bizerra, Accidente de tra-

balho. Os impostos pagos por erro podem ser repetidas com juros de mora. JURISPRUDENCIA — Côrte de Appellação, tribunal regional eleitoral. 1935.

ANNAES DO ARCHIVO PUBLICO DA BAHIA, sob a direcção de Alfredo Vieira Pimentel — volume XXIV — 1935.

REAL GOBINETE PORTUGUEZ DE LEITURA — Resumo historico, com nitidas illustrações da fachada do edificio Manuelino da sala Herculano, s. Camões, salão da Bibliotheca, etc. — 1936

A REVISTA INTITULADA "ALGODÃO" — primeira revista brasileira em seu genero com rica illustração e instrucções sobre a cultura do ouro branco no Brasil. — 1936.

PADRE JOSE' MANUEL DA CONCEIÇÃO — pelo sr. Vicente Themudo Lessa — Bibliographia do referido sacerdote. — 1935.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO DE ALAGOAS — Summario: Musa anonyma, alagoense, recepção do dr. Arthur Accioly, João de Oliveira Mello, José de Anchieta, Archivo do Instituto, etc. — 1936.

UNIVERSIDADE DE LA HABANA — 2 volumes de 1935 — Bem redigida e com magnificos artigos de escriptores competentes, sobre assumptos de maxima importancia e actualidade.

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO — diversos volumes dos dois ultimos annos com excellente collaboração de grandes mestres do direito.

BULETIM OF THE INSTUTE OF HITORICAL RESEARCH — da Universidade de Londres — Diversos volumes de 1935 — 1936.

BOLETIM DE AGRICULTURA — Secretaria da Agricultura, industria e commercio do Estado de S. Paulo — Série 36.ª Anno de 1935, n.º unico — Vasta collaboração sobre assumptos scientificos.

SOBRE EL ORIGEM Y LA DIFUSION DEL BOVINO EN NUESTRO URUGUAY — por B. Caviglia Hijo — 1935.

REVISTA DA ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETTRAS — Illustrada e com bons artigos. — 1936 — anno I, n.º 1.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL — diversos volumes de 1935 e 1936.

REVISTA CUBANA — Summario — El momento musical latino-americano, el ideario politico de Varela, Aspectos em la figura de Marti, Centenario de Andrés Bello, Arentino en Venacia, Cuentos transcendentaes, etc.

BOLETIM DE LA BIBLIOTHÉCA — Museo "America". Universidade de Santiago de Campostela — Espana, n.º 12 — 1936.

PELA PATRIA ACIMA DE TUDO — Discurso do sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, por ocasião das manifestações populares no seu regresso de Petropolis — Serviço de propaganda em favor do espirito patriotico contra o surto communista.

Flôr de Liz — Revista mensal da acção social catholica femenina que se publica em Cajazeiras deste Estado — 1936.

ILLUSTRAÇÃO — Diversos numeros desta magnifica revista illustrada que se publicoa nesta capital — preenchendo uma lacuna que existia neste genero em nossa terra.

LIGA MARITIMA BRASILEIRA — Revista illustrada da nossa Marinha — varios numeros dos dois ultimos annos.

ARCHIVO DEL GENERAL MIRANDA — comprehendendo 14 grossos volumes offerecidos pela Academia Nacional de la Historia — Caracas — Venezuela — 1931.

REVISTA DO ENSINO — Orgão da directoria do ensino primario deste Estado — publicação trimestral — 1934 — 1935 — 1936.

CALVINO — sua vida e sua obra pelo sr. Vicente Themudo Lessa do Instituto Historico de S. Paulo — 1 vol. de 208 paginas — 1934 — offerecida pelo autor.

LE VIE DI'ITALIA — Revista Mensile del Touring Club Italiano — varios numeros dos ultimos annos com magnificas illustrações da terra da arte.

BOLETIM DEL CENTRO DE INVESTIGOCIONES HISTORICAS — Guayaquil — Ecuador — 1932.

CENNI STORICI — Sugli Italiani benemeriti in opera d'arte. — Il XV Genario — 1933 — Roma.

REVISTA ACADEMICA DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE — Com farta collaboração de illustres juristas patricios — Diversos numeros.

IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV — Numeros de 1935 — 1936.

REVISTA DO MUSEU PAULISTA — Tomo XIX de 1935 — grosso volume com gravuras.

PROBLEMAS DO BRASIL — Serie A. Politica — Collecção "Omnia" pelo competente escriptor brasileiro dr. Everardo Backheuser.

A CAMPANHA DE CONSELHEIRO — E' mais uma contribuição para o conhecimento da guerra de Canudos, offerecida ao Instituto Historico pelo autor Capitão J. da Costa Palmeira.

SYNOPSE DA LEGISLAÇÃO DO ESTADO DA PARAHYBA — pelo dr. Dias Junior trabalho da grande utilidade para quem necessitar conhecer as nossas leis, offerecido pelo autor ao Instituto.

ESTATISTICA DO ESTADO DA PARAHYBA "Sabia denominação" "Annuario Estatistico" anno III — 1932 — Redigido sob a competente direcção do dr. Meira de Menezes, offerecido ao Instituto pelo mesmo senhor.

REVISTA MENSAL DO SERVIÇO DE PLANTAS TEXTEIS — Publicada pela Inspectoria no Estado da Parahyba — Numeros correspondentes aos annos de 1935 e parte de 1936.

SOCIOLOGIA GENERAL LA INTERDEPENCIA — No prologo desta obra feito pelo prof. Gaston Richard, vê-se o seguinte: As obras de Venturino, fructos de observações feitas no curso de muitos annos em condicções, porem em evidencia, em toda a historia das origens sul-americanas, a grande lei da interdependencia que é um aspecto particular da lei da solidariedade. Um volume com 300 paginas.

ANNUARIO DO ESTADO DA PARAHYBA, ANNO DE 1936, PUBLICADO SOB A COMPETENCIA DO DR. ORRIS BARBOSA — A materia está intelligentimente distribuida em duas partes: a informativa e a litteraria, em que figuram varias collaborações de intellectuaes dos nosso meio cultural.

ANNUARIO DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE — Trazendo informações a respeito do corpo docente e programmas de bacharelado, doutorado e listas de alumnos.

HISTORIA DO RIO PARDO — Da autoria do sr. Paranhos Antunes, membro do Instituto Riograndense de lettras. E' um subsidio para a historia do Rio Grande do Sul, offerecido pelo autor á nossa Bibliatheca.

LA ESTRUCTURA GEOLOGICA DE LOS ALREDEDORES DE MONTIVIDÉO — publicado pelo sr. Karl Walter, com nitidas e interessantes gravuras, representativas daquellas camadas.

LA COMPOSICION QUIMICA Y MINERALOGICA Y EL VALOR TÉCNICO — Industrial de las conchas depositadas en algunos puntos de la Costa uruguaya del Rio de la Plata, pelo sr. dr. Juan Schroeder — 1935.

EL HALLAZGO EN EL URUGUAY DE MACLAS MULTIPLES DE ARAGONITO, SILIFICADAS, ANIFES AL TIPO MOLINA — Bastennes, por K. Walther.

NECROLOGIA

D. ADAUCTO

(*Escorço biographico*)

Padre Francisco Lima

Nasceu o exmo. e revmo. sr. D. Adaucto Aurelio de Miranda Henriques na parochia e municipio de Areia, deste Estado, então provincia do Imperio, aos 30 de agosto de 1855, filho legitimo do cel. Ildefonsiano Climaco de Miranda Henriques e d. Laurinda Esmeraldina de Sá de Miranda Henriques.

Fez seus estudos fundamentaes na cidade de Areia, merecedora naquelles tempos do invejavel titulo de Athenas parahybana, pela capacidade de seus mestres e consequente efficiencia de suas escolas : as afamadas classes de latim dos professores Joaquim da Silva e José Berardo. Este ultimo foi o preceptor do joven Adaucto no aristocratico idioma de Cicero.

Sentindo desde cêdo o impulso da vocação sagrada que o elevou ao sacerdocio, e mais tarde á plenitude do mesmo, com grande sacrificio o futuro arcebispo da Parahyba iniciou a sua vida escolar : a exiguidade dos meios pecuniarios e a difficuldade de communicações com os centros educativos do momento eram obstaculos insuperaveis a qualquer vontade que não possuisse como a sua o lastro de uma energia fóra do commum.

E é assim que ao seu biographo elle mesmo concedeu a summula das mais gloriosas ephemerides de seu noviciado scientifico e eclesiastico, escriptas de proprio punho, com aquelles caracteristicos tão proprios do seu estylo : primor de synthese, de concisão, de clareza e de elevação sobrenatural :

"*No dia* 11 *de março de* 1872 *comecei eu os meus estudos de latim etc. no dia* 21 *de fevereiro de* 1875 *parti de Casa. No dia* 11 *de março de* 1875 *embarquei-me em Pernambuco e no dia* 7 *de abril do mesmo anno entrei no Seminario d'Issy. No dia* 29 *de junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, tomei alegremente a batina. Parti do mesmo Seminario d'Issy com destino á Cidade Eetrna no dia* 5 *de maio do anno* 1877. *No dia* 8 *de maio de* 1877 *cheguei em Roma e no mesmo dia entrei no Collegio P. Americano. No dia* 18

de dezembro do mesmo anno 1877 recebi das mãos de D. Vital a tonsura e no dia 21 do dito anno recebi do mesmo Confessor da Fé as 4 ordens menores. No dia 15 de junho de 1878 na Basilica lateranense recebi do piissimo Cardial Vig. Monaco La Valleta a ordem do subdiaconado, e no dia 18 de setembro de 1879 a do Diaconato. No dia 17 de setembro de 1880 recebi o Sacerdocio na Basilica Lauretana das mãos do S. Bispo de Assiz (a primeira ordenação que fazia) onde o chamam o Pae dos pobres. No dia 11 de março de 1882 parti de Bordeaux para o Brasil. No dia 25 de março do mesmo anno cheguei em Pernambuco. No dia 22 de fevereiro de 1885, dia da Cathedra de S. Pedro em Antioquia, colei-me na cadeira de conego de meia prebenda, como no dia 18 de janeiro de 1882, dia da Cathedra de S. Pedro em Roma, deffendi these em Direito Canonico".

Até aqui as notas do sr. D. Adaucto.

Desde 1882 a 1893 exerceu as funcções de director espiritual do Seminario de Olinda.

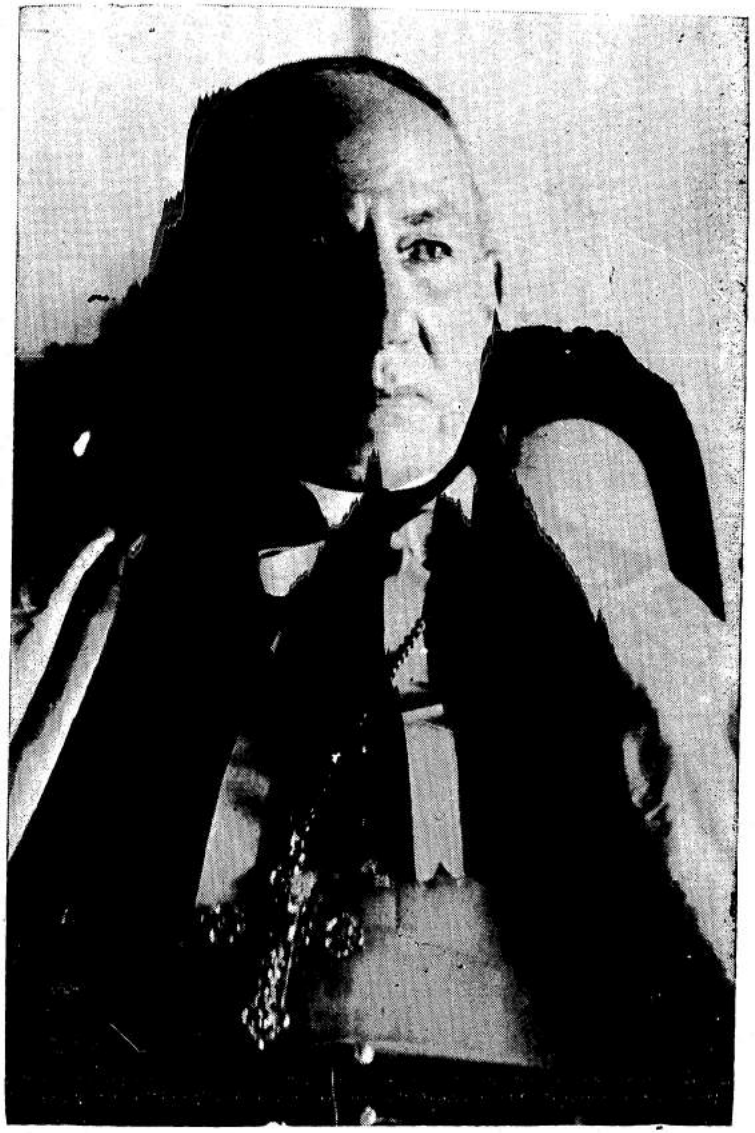
Occupou no mesmo Seminario as cadeiras de rhetorica e philosophia, de 1882 a 1886, e as de francês e direito canonico, de 1886 a 1893.

Recusou em 1893 a mitra do Paraná, para aceitar no mesmo anno a da Parahyba, recem creada diocese, verdadeiro posto de sacrificio pela extensão territorial que abrangia dois Estados sem vias de communicação, pela pobreza do bispado e até pelas idéas erroneas, anti-christãs, que proliferavam em terreno espiritualmente bem pouco cultivado.

Toda a Parahyba é testemunha do que foi a acção de D. Adaucto nos 41 annos de seu fecundo apostolado : desde 7 de janeiro de 1894, quando recebeu em Roma na Capella do Pontificio Collegio Pio Latino Americano a sagração episcopal das mãos de sua eminencia o cardial Parochi, até 15 de agosto de 1935, dia do seu feliz transito para a eternidade.

A fundação do Seminario e do Collegio Diocesano em 1894; a acquisição por compra ou doação dos antigos mosteiros da cidade, em breve transformados em predios confortaveis para funccionamento de repartições eclesiasticas; a organização e sapientissima administração do patrimonio da diocese; as visitas pastoraes successivas em todas as parochias da Parahyba e do Rio Grande do Norte; a creação de innumeros educandarios masculinos e femininos nos moldes sadios que a Igreja preceitua; o desmembramento das dioceses de Cajazeiras e Rio Grande do Norte; o levantamento do patrimonio para a futura diocese de Campina Grande etc. Tudo isto coroado ainda por um doutrinamento constante effectuado em quasi 30 pastoraes que escreveu na defesa dos supremos interesses de Deus e da Patria.

Impoz o sagrado palio a quatro arcebispos, sagrou dois bispos e ordenou mais de cento e quarenta sacerdotes. A paternidade espiritual entre nós jámais teve e difficilmente terá uma tão eloquente expressão.



D. ADAUCTO

Paladino da Bôa Imprensa e da Acção Social Catholica, foi o sr. D. Adaucto o fundador d'*A Imprensa*, orgão da diocese em sua phase primitiva, e o maximo factor da obra vicentina e da obra dos "Moços Catholicos" na Parahyba.

Podemos dizer com segurança, parafrazeando o Evangelho, que onde dois parahybanos se reunissem pelo amôr de Deus, ahi estava o espirito do pastor desvelado bafejando com o sopro ardente de sua fé, fecundando com o humus divinal de sua caridade a obra emprehendida, a idéa desabrochada. Elle, o Pontifice do Coração de Jesus. Elle, o Bispo da Eucharistia !

O sr. D. Adaucto foi elevado á dignidade de arcebispo metropolitano da Parahyba aos 6 de fevereiro de 1914. Commemorou as bodas de prata sacerdotaes aos 18 de setembro de 1905; as bodas de prata episcopaes aos 7 de janeiro de 1919, e as bodas de ouro sacerdotaes aos 18 de setembro de 1930. Por esta occasião foi agraciado pela Santa Sé com o titulo de conde romano e assistente ao solio pontificio.

Não obstante, simples e pobre morreu, como simples e pobre vivera. Tinha sido ordenado pelo bispo de Assis, berço de S. Francisco, o Patriarca da pobreza. E fôra o primeiro sacerdote ordenado por um bispo cognominado o "Pae dos Pobres".

Uma predestinação !

Dr. José Rodrigues de Carvalho

Em Recife onde passou os ultimos annos de sua vida, falleceu a 20 de Dezembro do anno p. findo o *dr. José Rodrigues de Carvalho*, socio proeminente do Instituto Historico e Geographico Prahybano e uma das mais notaveis mentalidades conterraneas.

Jornalista, poeta, jurista e politico, deixou o saudoso extincto largos traços de sua inegualavel intelligencia e accendrado amôr á terra que o viu nascer.

O Instituto Historico deve-lhe grande somma de beneficios pelo muito que fez em prol da Instituição a que votava elevada estima.

Em sessão solenne, realizada a 19 de Julho do corrente anno foi-lhe feito o elogio funebre de que tratamos noutra local desta *REVISTA*.

DR. FRANCISCO SERAPHICO DA NOBREGA

Contando 72 annos de idade veio a fallecer a 24 de Maio de 1935 o *dr. Francisco Serephico da Nobrega*, notavel politico parahybano e primeiro presidente do Instituto Historico.

Homem de grandes virtudes civicas e de elevado merito intellectual, exerceu diversos cargos na administração publica onde deixou a sua passagem assignalada por trabalhos que o recommendarão á posteridade.

Esse digno conterraneo que como vice presidente do Estado, occupou a presidencia, em 1905, foi ainda deputado estadual e federal, em duas legislaturas e a morte o acolheu quando novamente foi eleito representante do povo á Constituinte Estadual.

O Instituto Historico promoveu-lhe sentida homenagem em sessão solenne de 19 de Julho do corrente anno, appondo o seu retracto na galeria dos seus bemfeitores.

MONS. FRANCISCO SEVERIANO DE FIGUEIRÊDO

De volta do Rio de Janeiro aonde fora em busca de melhoras para a sua saúde, falleceu a 22 de Março deste anno, na cidade de São Salvador, o respeitavel sacerdote e illustre membro do nosso Instituto, *Mons. Francisco Severiano de Figueirêdo.*

Ordenado a 6 de Novembro de 1898, exerceu diversos cargos do seu ministerio, sempre com zelo e dedicação, tendo sido ainda provecto professor do Seminario e do Lyceu, durante muitos annos.

Amigo das lettras, deixou o inesquecivel compatriota uma grammatica da Lingua Latina, e ainda o "Annuario Eclesiastico", correspondente aos annos de 1894 a 1918 e "A Diocese da Parahyba" obras que o recommendam pela natural precisão com que foram escriptas e grande valor historico que encerram.

Ultimamente exercia S. Revma. as funcções de vigario da freguezia de Esperança, onde era geralmente estimado.

MONS. JOSÉ PAULINO DUARTE

Natural do Estado do Rio Grande do Norte, o *Mons. José Paulino* fez os seus estudos na Universidade Gregoriana, na Cidade de Roma, onde se ordenou de presbytero.

Voltando ao Brasil, elle exerceu diversos cargos relativos á sua profissão .Foi apresentado e acceito como socio correspondente do Instituto Historico G. P. em sessão de 6 de Junho de 1915. Sua reverendissima veio a fellecer no Recife em dias do corrente anno com a avançada idade de 81 annos.

DR. FRANCISCO GOVEIA NOBREGA

Fez os seus estudos superiores na Facultdade de Direito do Recife, onde collou gráu de bacharel em direito civil. O extincto pertencia á importante familia Nobrega desta Estado.

Occupou varios cargos de destaque em S. Paulo, como aqui, onde desempenhou as funcções de juiz substituto federal. Foi proposto e acceito como socio do Instituto Historico em 7 de Setembro de 1905. Falleceu no Rio de Janeiro no presente anno. anno.

DR. HERACLITO CAVALCANTI CARNEIRO MONTEIRO

Bacharel em sciencias juridicas pela Faculdade de Direito do Recife. Militou na politica deste Estado, como membro do partido Walfredista e depois como chefe da opposição na grande lucta politica contra o presidente João Pessôa.

O dr. Heraclito exerceu o cargo de desembargador no tribunal de justiça estadual. Deixou-nos uma grande obra de beneficencia, o Orphanato D. Ulrico. Foi apresentado e acceito membro do Instituto Historico em 7—9—1905. Falleceu no corrente anno.

PESSÔAS E INSTITUIÇÕES COM QUEM O INSTITUTO MANTEM RELAÇÕES

AMERICA (Brasil)

MANAOS: — Bibliotheca e Archivo Publico, Escola Universitaria livre de Manaus.

BELEM: — Bibliotheca e Archivo Publico, Museu Goeldi.

FORTALEZA: — Instituto do Ceará, Academia Cearense e Museu Rocha.

CEARA' (Itapipoca): — Cenaculo Itapipoquense.

NATAL: — Instituto Historico.

PARAHYBA: — Bibliotheca do Estado, Archivo Publico, "A União", "A Imprensa", sr. Governador, Arcebispo, "Illustração" e Estatistica do Estado.

RECIFE: — Instituto Archeologico, Bibliotheca da Faculdade de Direito, Bibliotheca Publica.

MACEIO': — Instituto Historico, Bibliotheca Publica.

ARACAJU': — Instituto Historico, Bibliotheca Publica.

BAHIA: — Instituto Historico, Gremio Ltterario da Bahia.

NICTEROY: — Instituto Historico.

Rio de Janeiro, (C. Federal): — Instituto Historico e G. Brasileiro, Sicíedade de Geographia do R. de J., Archivo Publico Nacional, Bibliotheca Nacional, Directoria Geral de Estatistica, Museu Nacional, S. Casa de Misericordia, Museu Commercial, Observatorio Nacional, Sociedade Nacional de Agricultura, Bibliotheca Fluminense, Repartição de Policia Administrativa, Archivo e Estatistica da Prefeitura do R. de J., Boletim do Minis-

terio do Trabalho, Industria e Commercio do R. de J., Centro Parahybano.

S. PAULO: — Instituto Historico e G. Paulistano, Repartição de Estatistica e Archivo Publico de S. Paulo, Sociedade Scientifica, Secretaria de Agricultura Commercio e Obras Publicas, Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, Revista da Faculdade de Direito.

JABOTICABAL (S. Paulo): — Bibliotheca de Jaboticabal.

BELLO HORIZONTE: — Instituto Historico de M. G., Archivo Publico Mineiro.

CURITIBA (Paraná): — Instituto Historico, Bibliotheca Publica do Estado.

FLORIANOPOLIS: — Instituto Historico de S. Catharina.

POROTO ALEGRE (R. G. do Sul): — Instituto Historico, Academia de Lettras do R. G. do Sul.

CANADA' (Montreal): — Numismatic and Antiquarian Society of Montreal.

QUEBEC (Canadá): — Cocieti de Geographie de Quebec.

ESTADOS UNIDOS:

WASHIGTON: — Smithsonian Institution, A Curtis Wilguns the George Washington University Press, Washington D. C. 20.

NEW YORK: — American Geographical Association, New-York Public Library Astor.

PHILADELPHIA: Histocal Society of Pennysjlvania.

CHIGAGO: — The Chicago Academie of Sciences.

MEXICO: — Sociedad de Geographia y Estatistica D. F., Museo Nacional de Arqueologia, Hostoria y Etnologia D. F., Bibliotheca Nacional D. F.

CUBA (Habana): — Bibliotheca Nacional, R. Universidadad de La Habana, R. Cubana.

COSTA RICA (S. José): — Museo Nacional, Departamento de Agricultura y Bibliotheca Agricola.

QUITO (Equador): — Bibliotheca del Poder Legislativo.

Guayaquil: — Bibliotheca Municipal.

Peru' (Lima): — Sociedade Geographica de Lima.
Venezuela (Caracas): — Nacional de la Historia, Sr. Vicente Dairla, Arquivo Nacional de Caracas.

BOLIVIA (La Paz): — Sociedad Geografica de la Paz, Officina Nacional de Estatistica.

URUGUAY (Montevideo): — Museu Nacional.

SUECIA (Upsala): — University of Upsala.

FRANÇA (Paris): — Societé Acamique d'Histoire International.

BORDEAUX: — Societé de Geographie Commerciale.

MARSELHA: — Societé de Geographie.

SUISSA (Genéve): — Societé de Geographie, Bureau Official de Renseignement sur le Brésil.

NEUCHATEL: — Societé Neuchateloise de Geographie.

BELGICA (Anvers): — Academie Rogale d'Archeologie de Belgique.

AUSTRIA (Vienna): — Geographische Gesellschaff.

BUDA-PEST: — Societé Hongroise de Geographie.

PORTUGAL (Lisbôa): — Sociedade de Geographia, Bibliotheca Nacional, Sociedade Portuguêsa de Estudos Historicos, Archivo Nacional da Torre do Tombo.

COIMBRA: — Bibliotheca da Universidade.

POILO: — Bibliotheca Publica Municipal.

HESPANHA (Madrid): — Real Sociedad Geographica, Real Academia de la Hisoria.

ALMERIA: — Sociedad de Estudos Almerienses.

LA CORUNA: — Real Academia Gallega.

PALMA: — Sociedad Archeologica Luniana.

ITALIA (Roma): — Real Societá Geografica Italiana.

MILÃO: R. Le Vie d'Italia, Turing Club Italiano.

JOPÃO: — Tokio Geographical Society.

INDICE

1.ª PARTE — HISTORIA

	Pgs.
Instituto Historico e Geographico da Parahyba — Sua fundação em 7 de setembro de 1905..	3 — 8
Fragmentos da historia de Areia — Sua primeira Camara — Os primeiros actos — A nomeação do primeiro capitão-mór	9 — 14
O Dia da Patria — Discurso proferido no Instituto Historico da Parahyba, em 7 de setembro de 1935, pelo professor José Baptista de Mello	15 — 19
A primitiva Casa da Polvora — pelo Cel. Avila Lins	21 — 24
Novo Orbe Serafico Brasilico — ou Chronica dos frades menores da provincia do Brasil — Diogo Alvares Correia, o Caramurú	25 — 34
Cruz das Almas — A verdadeira graphia do populoso bairro Suburbano	35 — 42

2.ª PARTE — VARIEDADES

João Fernandes Vieira — Sua ascendencia e relação com alguns seus parentes em Pernambuco e aqui no Rio	45 — 48
Gonçalo Fernando — Da Serra Branca	49 — 54
A Maior Expressão Historica de Nossa Bravura — por Durwal Albuquerque	55 — 58
Numismatica Brasileira — pelo conego Florentino Barbosa	59 — 68
Cemiterio do Senhor da Bôa Sentença	71 — 72
A Historia do Trigo na Parahyba	73 — 77
As Regiões do Nordeste — pelo dr. Pimentel Gomes	79 — 84
Patriotismo e Liberdade — Conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico Parahybano — pelo P. Francisco Lima	85 — 89
bano — pelo P. Francisco Lima	85 — 89

3.ª PARTE — TRABALHOS DO INSTITUTO

Trabalhos do Instituto Historico em 1936 . . . . . .
Sua Reunião do Domingo ultimo . . . . . 93 — 96
A Homenagem prestada aos inesqueciveis parahybanos, dr. Seraphico da Nobrega, Arcebispo D. Adaucto e dr. Rodrigues de Carvalho 97 — 108
Empossados cinco novos socios — Eleita a nova directoria — A sua posse a 7 de setembro . . . . . 109 — 115
Relatorios . . . . . 117 — 142
Propostas . . . . . 143 — 145
Actas . . . . . 147 — 152
Bibliographia . . . . . 153 — 157
Necrologia . . . . . 159 — 163